

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23314

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 30 AGOSTO 90 70\$00

Governo aumenta gasolina

O Governo decidiu hoje aumentar o preço da gasolina a partir das zero horas da próxima segunda-feira, soube o «DL» junto de fontes governamentais. Desconhece-se, por enquanto, o montante do aumento.

Embora tenham vindo a público sucessivos rumores que apontavam para o aumento dos combustíveis, dada a crise que se vive no Golfo Pérsico, o Executivo tem, até agora, desmentido qualquer decisão nesse sentido. Ontem mesmo, uma

fonte do Ministério da Indústria e Energia fazia depender tal deliberação da reunião de amanhã da Agência Internacional de Energia.

O último aumento dos combustíveis verificou-se há pouco mais de um mês, exactamente em 27 de Julho. Colocou-se, então, o preço da gasolina super a 137 escudos por litro, mais sete escudos que o preço anterior. A decisão agora tomada pelo Executivo segue-se a idênticas medidas já adoptadas por outros governos europeus.

Com Cuellar em missão de paz

Crescem nos EUA as vozes de guerra

As fragatas Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, com 370 homens a bordo, deverão ser enviadas para o Mediterrâneo Oriental, integradas nas forças da UEO que vão colaborar no embargo ao Iraque. O Governo divulgará esta tarde a decisão definitiva sobre o assunto. Nos EUA, crescem as vozes que aconselham um ataque a Saddam Hussein como única forma de trazer uma estabilidade duradoura à região. Henry Kissinger e o influente senador republicano Richard Lugar mostraram-se favoráveis a uma acção ofensiva a partir da Arábia Saudita, onde já se encontra equipamento militar pesado. A CIA, por sua vez, tem vindo a auxiliar a resistência kuwaitiana, a qual estaria a causar 70 baixas diárias ao invasor.

Págs. 5, 11 e 12

Portugal decide hoje se envia, ou não, tropas para o Golfo

Kissinger e o senador Lugar aconselham derrube de Saddam Hussein

Resistência kuwaitiana recebe apoio da CIA



O estado em que ficou o automóvel abalroado pelo autocarro desgovernado

Desta vez é da CP

Mais um...

Pág. 18



Francisco Paraiso

Seleccção perdeu o medo

Poderá ser considerado optimismo exagerado, mas pela avaliação do rendimento e disposição psicológica dos nossos jogadores no encontro de ontem no Estádio da Luz, (1-1 com a RFA) fica a convicção de que a equipa de todos nós perdeu o medo aos adversários. Obra e mérito de Artur Jorge que, assim, teve auspiciosa estreia no cargo de seleccionador nacional. Na foto, o golo de Águas.

Págs. 14 e 15

Estudos começaram há mais de 40 anos

Cova da Beira: será em 92?

Págs. 2, 3 e 4



PORTE
PAGO

Roberto Carneiro aprovou programas para ensino

Pág. 16

Militares vão ter fundo de pensões

Pág. 7

Encontrado quinto corpo na fábrica Sumolis

Pág. 18

UNITA/MPLA: tudo em segredo até ao fim

Pág. 10

Hoje
Suplemento Literário

«Já decorreu o tempo suficiente para que o Governo faça opções e para que diga aos agricultores se têm ou não água do Sabugal até ao ano Dois Mil», disse ao DL o presidente da Câmara da Covilhã, Carlos Pinto, também vice-presidente do PSD. O ministro Fernando Real, garantindo o interesse do Governo na conclusão do regadio da Cova da Beira, acrescentou que a barragem do Sabugal não começará a ser construída antes de 1992,

«eventualmente com a participação das autarquias». Quando estará pronto este importante regadio e à custa de quem são as principais questões a que a reportagem procura responder

Luz verde para a Cova da Beira devagar, muito devagarinho

O que eles disseram

Avanços, recuos e contradições

Na década e meia que o Regadio da Cova da Beira já leva de existência visível, entre estudos, projectos e a sua execução, são imensas as contradições do discurso oficial, quer quanto à necessidade da obra, quer quanto às fases da sua realização. Bastas vezes as contradições têm também sido evidente entre os ministérios mais directamente envolvidos, primeiro as Obras Públicas e a Agricultura e, mais recentemente, o Planeamento e Administração do Território.

Nas páginas do *Jornal do Fundão*, que desde o início segue este assunto meticulosamente e tem dado aos seus defensores o ânimo para continuar, existe um registo eloquente e implacável das declarações de todos esses responsáveis (há de tudo, desde um Presidente da República e vários ministros, a secretários de Estado e técnicos avulsos), pelos avanços e recuos do regadio da Cova da Beira. Alguns exemplos:

Duarte Simões, do Grupo de Trabalho da Cova da Beira, em 1975:

«Continuamos a afirmar que o desenvolvimento dos distritos de Castelo Branco e da Guarda passa pelo desenvolvimento da Cova da Beira, através do regadio».

Faria Ferreira, técnico ligado ao projecto desde o seu início, em 1976:

«Estão completamente prontos os projectos das barragens da Capinha e do Meimão e o da barragem do Sabugal está em fase de conclusão. O empreendimento pode iniciar-se, desde que se obtenha o financiamento pelo Orçamento Geral do Estado, através de empréstimo externo».

O mesmo Duarte Simões, em 1976:

«Havendo projectos concluídos, sendo o custo por hectare mais baixo e a taxa de rendimento mais alta do que noutros empreendimentos em curso, porque não há de dar-se início à execução do Plano Geral do Regadio da Cova da Beira?».

António Barreto, ministro da Agricultura, em 1977:

«Em 1978 arrancarão os primeiros trabalhos no terreno e dentro de cinco ou seis anos poderá começar a funcionar. Quando for executada a parte relativa à Serra de Estrela será o maior empreendimento de regadio de Portugal».

Ramalho Eanes, Presidente da República, em 1978:

«Aqui já se parou tempo de mais. As obras já se deviam ter iniciado há um ano».

Manuel Porto, presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro, em 1980:

«O projecto da Cova da Beira, se não for concretizado na sua globalidade, não será rentável nem viável».

Basílio Horta, ministro da Agricultura, em 1982:

«Tenho as minhas dúvidas quanto à rentabilidade do projecto. Será preferível a construção de pequenas barragens».

Carvalho Cardoso, secretário de Estado da Produção Agrícola, em 1982, depois de lamentar que tudo se faça sem a coordenação das Obras Públicas e da Agricultura:

«Governo e MAP irão até ao fim com o Projecto da Cova da Beira».

O mesmo eng. Carvalho Cardoso, em 1983:

«O projecto estará pronto em 1990».

Soares da Costa, ministro da Agricultura, em 1984:

«O Projecto da Cova da Beira faz parte das Grandes Opções do Plano».

Ramalho Eanes, Presidente da República, em 1985:

«Importa dinamizar o Plano da Cova da Beira que a burocratização de processos, a ausência de coordenação dos organismos envolvidos e a incapacidade do Estado em assumir, em tempo oportuno, os seus compromissos financeiros, têm excessivamente retardado».

Valente de Oliveira, ministro do Planeamento, em 1986:

«O Projecto da Cova da Beira é para fazer todo».

O mesmo ministro, uns meses depois:

«O Governo construirá a barragem do Sabugal, se for preciso: se houver demonstração de que há, na região, capacidade de utilização da água...».

A Comunidade Europeia, através do FEDER, acaba de injectar 4,3 milhões de contos no regadio da Cova da Beira: este pode ser o alento final de um projecto desenvolvido em lume brando, ao longo da última década e meia, e que se encontra, presentemente, num impasse susceptível de lhe frustrar o alcance e os objectivos.

Para quebrar o impasse, é necessário que aos fundos provenientes da Comunidade (24 milhões de ECU's, cerca de 25 por cento dos custos totais da última fase do projecto), ao abrigo do programa operacional da raia central, se junte a participação portuguesa na ordem dos 12/13 milhões de contos a aplicar num período de tempo calculado entre 1992 e 1995. É, justamente, sobre a participação portuguesa - quem vai pagar, quanto, como e quando - que a situação se complica, agravando as indecisões políticas que arrastaram o conjunto das obras, ao menos por uma década, mais do que o inicialmente previsto.

Fonte da Comissão Coordenadora da Região Centro manifestou-nos, no entanto, a convicção de que o Estado português, ao negociar a componente comunitária do investimento, não pode fugir à sua participação. Como o fará, é outra questão a que, adiante, voltaremos ouvindo os presidentes das câmaras municipais interessadas no projecto.

Transferir água de Norte para Sul

O projecto assenta, basicamente, na água a fornecer por duas barragens, uma na ribeira da Meimão, afluente do Zêzere, e outra no rio Côa, afluente do Douro, implicando a ligação entre duas bacias hidrográficas, a Norte e a Sul do maciço central.

A ligação da barragem do Côa -a Norte, no Sabugal e principal fonte de abastecimento de todo o regadio- à Cova da Beira far-se-á, segundo o projecto, por um túnel de 5 km: está previsto funcionar durante meio ano para armazenamento de água na barragem da Meimão e posterior transporte por um canal de 70 km de comprimento, ao longo das encostas. A água será depois distribuída, pela

força da gravidade, através de uma rede subterrânea de tubos até aos blocos de rega na Cova da Beira.

O nó do problema e razão dos impasses actuais é que, concluída a barragem da Meimão e a sua subsidiária da Capinha, (fundamentalmente usada para regularização fluvial e abastecimento de água a povoações do concelho do Fundão), construída, também, parte do canal adutor principal, não se decidiu avançar a tempo para a barragem do Sabugal, o túnel de ligação, a central hidro-eléctrica e a maior parte da rede de distribuição, seja o canal principal, seja a rede secundária de rega. Nomeadamente, nem começaram as expropriações dos terrenos que a albufeira do Sabugal vai alagar e que já estavam previstos no OE/90, em execução. Isto pressupõe a persistência

de indecisões políticas ruins para a economia do projecto.

Hoje, qualquer destas obras custa muito mais caro e o conjunto do que falta fazer estima-se em mais de doze milhões de contos, aos preços actuais. Sem elas, o regadio aproveitado limitaria-se aos 3.400 hectares do bloco da Meimão, quando o conjunto prevê abranger mais de 14 mil. Sem a barragem do Sabugal, é impossível rentabilizar os milhões de contos já enterrados num projecto progressivamente encarecido em cada adiamento da sua execução: a água não chegará em quantidade suficiente aos blocos do Fundão e de Belmonte, correspondentes à segunda fase.

A terceira fase contempla o bloco da Covilhã, na margem direita do Zêzere, e deve recorrer a fontes hídr-

cas existentes na encosta da Serra da Estrela.

O objectivo de travar a desertificação humana

Este projecto tem como objectivo dominante beneficiar a região agrícola limitada pelas serras da Estrela, Gardunha e Malcata e abrangendo parte dos concelhos do Fundão, Covilhã, Belmonte e Penamacor, na Beira Baixa; mas inclui também uma central de produção hidro-eléctrica e o abastecimento de água a importantes aglomerados populacionais.

Região de invernos frios e húmidos, geadas tardias e verões muito secos, agricolamente constituída por uma estrutura de pequena propriedade, a Cova da Beira perdeu nos anos cinquenta e sessenta muitos dos seus efectivos populacionais, atraídos maioritariamente à emigração. Do informalismo contra esta progressiva desertificação humana nasceu a ideia de intensificar o aproveitamento agrícola, com as mais valias da água disponível na região e na perspectiva de fixar a população na

agricultura e melhorar o seu nível de vida.

As dimensões médias das explorações agrícolas compreendidas no perímetro do regadio são de dois a três hectares, com cinco a dez parcelas cada. Passa, por isso, pelo emparcelamento, o aproveitamento mais rentável da água; mas os serviços regionais do Ministério da Agricultura confessam que, embora imprescindível, se trata de um processo «extremamente lento» e dificultado pelo grande número de oliveiras existentes na região. A idade média de 80 por cento dos agricultores é hoje superior a 50 anos.

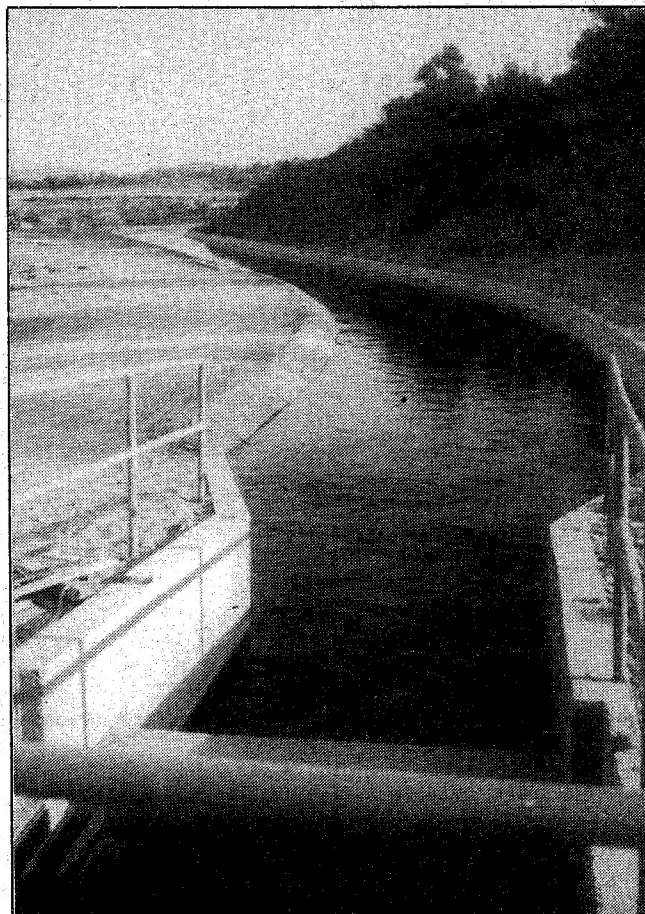
«É brincar com as câmaras»

Em reunião realizada na Câmara da Covilhã, com a participação dos municípios interessados e os ministros do Planeamento e do Ambiente, Valente de Oliveira deixou cair as suas reservas mais fortes, anteriormente expressas, sobre a rentabilização dos investimentos que falta fazer e a capacidade de a região aproveitar a água que o conjunto do projecto

SUPERFÍCIE A BENEFICIAR PELO PLANO DE REGA DA COVA DA BEIRA

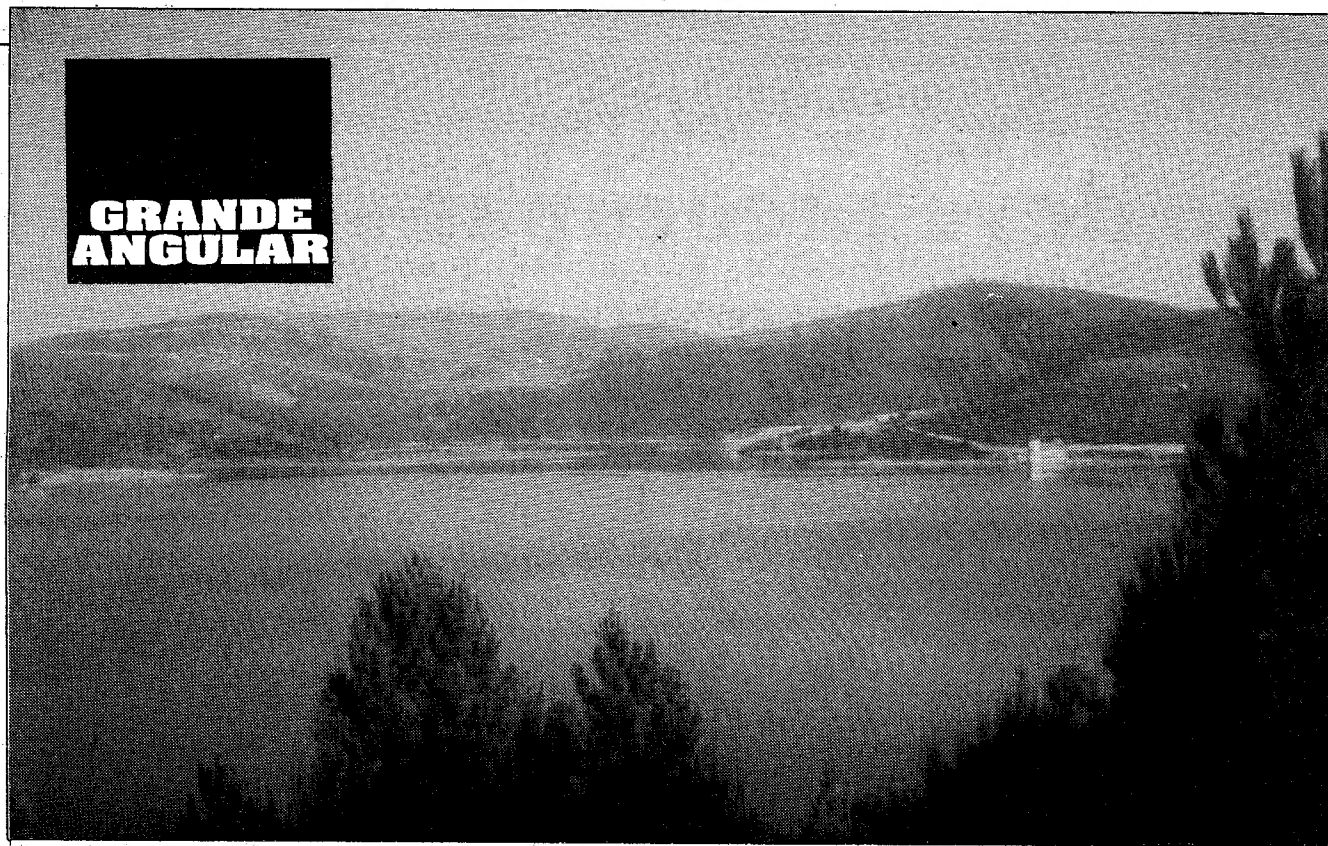
Sub-Blocos	Número de Freguesias	Área total das freguesias (ha)	Área a regar	
			ha	%
Meimão	6	19.643	3.944	20,1
Fundão	10	16.059	5.213	32,5
Covilhã	9	25.212	5.102	20,2
Sabugal	2	4.037	170	4,2
Total	27	64.951	14.429	22,4

FONTE: CCRC — Programa de Desenvolvimento da Região Centro.



Desde o início do Verão que a água da Meimão abastece os terrenos abrangidos na primeira fase do regadio

GRANDE ANGULAR



A barragem da Meimosa (foto) está concluída tal como a sua subsidiária da Capinha. Falta a do Sabugal: sem ela os investimentos realizados na Cova da Beira perdem toda a lógica

vai disponibilizar. Mas avançou uma proposta que a maioria das câmaras da Cova da Beira rejeita, pelo que nos foi dado apurar: barragem do Sabugal, sim ... mas financiada pelas autarquias e a iniciativa privada.

Isto depois de se chegar à conclusão pacífica, quer sob o ponto de vista político, quer quanto aos aspectos técnicos, de que a obra tem de ser completada e que ficaria coxa sem o que falta fazer.

«É brincar com as câmaras», comentou o presidente da do Fundão, Sampaio Lopes.

Em declarações ao Diário de Lisboa, este autarca socialista disse que as câmaras não se colocaram de fora e admitiram «estudar a hipótese, nomeadamente as facilidades que poderão dar ao Governo, no terreno».

«Mas a responsabilidade é

da Administração Central, a quem compete concluir a obra, tal como aconteceu com outros projectos de idêntica dimensão noutras regiões», afirmou Sampaio Lopes, para concluir que, «com os seus orçamentos liquidados», as autarquias não têm «a mínima hipótese de arcar com tamanha responsabilidade financeira».

Idêntica posição foi-nos transmitida por Manuel Bispo, presidente em exercício da Câmara Municipal do Sabugal. Para este autarca do CDS, o ministro está, apenas, a «tentar endossar a responsabilidade financeira às câmaras». Estas preparam-se para «as reendossar ao Governo».

«Todos nós estamos muito interessados na construção da barragem - disse o vereador Manuel Bispo, ao DL- mas não temos verbas e

a proposta do ministro é uma hipótese de muito remota viabilidade». O máximo que o presidente substituto da Câmara do Sabugal (o titular, Joaquim Portas, também do CDS, está de férias) admitiu, como participação da sua autarquia, é a subscrição de capital na sociedade a constituir para a exploração da central eléctrica, «com uns cinco, dez ou vinte mil contos, não mais».

A resposta conjunta das cinco câmaras interessadas no regadio da Cova da Beira - Covilhã, Fundão, Belmonte, Penamacor e Sabugal - deverá ser estruturada em próxima reunião, já decidida mas ainda sem data. Apurou-se, no entanto, na primeira reunião exploratória, poucos dias depois de o ministro Valente de Oliveira ter avançado esta nova proposta, que apenas o

presidente da Câmara Municipal da Covilhã, diverge dos seus colegas.

Em entrevista recente ao Diário de Lisboa, em que esta questão foi também abordada, Carlos Pinto manifestou-se disposto a aceitar o desafio do ministro.

«Este projecto tem de ser desbloqueado», afirmou o vice-presidente da Comissão Política do PSD. «E se alguém me diz que é com a participação das câmaras ou se é com a participação do Orçamento do Estado, eu aí sou muito aberto, diferentemente de pessoas que têm esquemas mentais feitos quanto à montagem destas operações».

Pelo contraste que estabelece esta posição, publica-se em separado a parte substancial do depoimento de Carlos Pinto.

Daniel Reis

A velha rábula da barragem do Sabugal

O ministro diz que sim ...mas só a partir de 92

A par das reservas da maioria das câmaras da Cova da Beira -ele foi um dos participantes na reunião na Covilhã, no início do ano- o ministro Fernando Real manifestou-nos coincidência de intenções com Valente de Oliveira mas avançou a nuance de a conclusão do projecto vir a ser «eventualmente também financiada pelas autarquias».

O ministro do Ambiente garantiu, formalmente, ao Diário de Lisboa, haver interesse do Governo na construção da barragem do Sabugal, agora incluída no Programa Operacional comunitário da Raia Central.

«Está em estudo a engenharia financeira do projecto», disse, «mas a sua execução só deverá avançar em 1992».

Da Comissão Coordenadora da Região Centro avançaram-nos a previsão de que a barragem e o túnel de ligação à Meimosa poderão estar concluídos em 1995. Admitiu, ainda, a nossa fonte na CRRC que o processo poderá, entretanto, ser acelerado, «se forem libertadas as verbas necessárias do Orçamento do Estado». Com algum op-



O ministro do Ambiente, Fernando Real, ao DL: «O Governo está interessado em concluir o regadio»

timismo, falou dessa possibilidade e de as atenções se voltarem, finalmente, para a Cova da Beira, «agora que está concluído outro regadio importante, no

Vale do Mondego».

No entanto, um folheto da Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior fala do ano 2000 como data provável para o acabamento do canal principal e da rede secundária de rega. E os técnicos da DRABI já andam há anos suficientes na região para conhecerem o terreno que pisam...

Mesmo que apontando para o ano Dois Mil, só agora se começa a ouvir vozes responsáveis do Governo de Cavaco Silva dando como firme a conclusão do regadio da Cova da Beira: mas há mais de dez anos que a água deveria irrigar os 17 mil hectares beneficiáveis da Cova da Beira, se fossem cumpridos os prazos iniciais do projecto.

Razões para desconfianças e desespero sobram nesta velha rábula: não fossem as gentes da Beira persistentes e teimosas, como efectivamente são, e já há muito este regadio, vital para o seu progresso, se teria afundado no lodaçal de indecisões e renúncias do poder central.

D.R.

COMENTÁRIO

Notícia triste das águas que passam

Ao longo dos cursos de água, as rodas de alcatruzes iam regando os lodeiros mas no Verão até o Zêzere - o maior - minguava. No mais dos quase vinte mil hectares de boa terra, abriam-se poços, cada vez mais caros e mais enfraquecedores do lençol freático. Gente que amava a terra e a água e por esta, nas polémicas divisões de pequenos regos, extravasava o desespero dos sequiosos em rixas que iam a tribunal e algumas vezes ao cemitério.

Da Portela da Gardunha viam-se os alagões, no Inverno, que em Junho se tinham escoado e em Agosto eram estradas de areia.

Falava-se na falta sem remédio, aceitava-se a fatalidade.

Em 1937 aparece o primeiro escrito sobre a rega da Cova da Beira. Foi o eng. Trigo de Moraes, mas o estudo perdeu-se nas gavetas da respectiva direcção-geral.

Em 1950 o eng. Araújo Correia (Estudos de Economia Aplicada) fala dos benefícios do regadio, com água do Alto Mondego. Já a Companhia Eléctrica das Beiras estudava o aproveitamento para produção de energia eléctrica, aliás sem excluir a hipótese da rega.

As indicações de Araújo Correia - finalmente chegadas ao conhecimento público - foram uma revelação e um pasmo. O Jornal do Fundão deu-lhe toda a primeira página - em 9 de Julho de 1950 - fez quarenta anos. Desde então foi uma batalha desigual, das próprias populações desinteressadas, feridas pela descrença nos benefícios do poder distante.

Vieram governantes de diversos escalões e até o Presidente da República, general Eanes, que à sua maneira directa e clara deu um empurrão ao monstro.

Fez-se a barragem da Meimosa, obra excelente que já dá para regar 4 mil hectares e abastecer várias povoações. Falta a barragem do Coa, indispensável para garantir o projecto.

Torna-se inútil referir o que nestes quarenta anos se fez noutros países: o exemplo da Espanha vizinha mostrará os prejuízos destes inqualificáveis atrasos.

De resto, alguns factos averiguados mostram a amarga realidade desta zona desfavorecida.

O concelho de Penamacor perdeu nos últimos 25 anos metade da população.

Portugal importa duzentos milhões de contos de produtos alimentares; trigo, milho e outros cereais pesam bastante. 17 000 hectares não resolviam, obviamente, a escassez, mas é com obras destas que a desvantagem se atenuará.

Importamos ramos para as 360 000 toneladas de açúcar que o país consome. Já em 1917 Anselmo de Andrade concluía amargamente que somos tão pobres que nem produzimos açúcar de beterraba. Setenta e três anos depois projecta-se uma beterrabreira, não em zona apta para cultura mas no Sorraia que produz melão, arroz, vinho, hortícolas perto de Lisboa. Ou seja, o peso político dos ribatejanos sobrepõe-se a uma visão nacional.

Depois de tantíssima promessa, sobretudo em períodos eleitorais, o sr. ministro Valente de Oliveira propôs que a barragem do Coa - dez milhões de contos - se faça com a associação dos cinco municípios interessados, Estado e investidores privados. O ministro disse isto e nenhum dos autarcas presentes se sentiu insultado com tal desfaçatez.

No livro das Primeiras Jornadas da Beira Interior - fórum onde as grandes questões da região podem debater-se - tive ocasião de escrever: «Ou se aproveitam os recursos que temos em terra, água, clima e principalmente em gente capaz, ou estamos condenados a povoar as prisões e os bordéis da Europa».

Só na região de Madrid há cinco mil jovens portugueses marginais que vivem da esmola, do roubo, da prostituição.

Emigrar continua a ser o sonho de muitos.

Porque, entretanto, as águas passam, a terra seca, os homens vão-se embora.



António Paulouro



Carlos Pinto, presidente da Câmara da Covilhã e vice-presidente do PSD

O Governo deve preocupar-se mais com o desenvolvimento do Interior

Em entrevista recente ao «Diário de Lisboa», estruturada sobre os problemas da Câmara da Covilhã, a que preside, Carlos Pinto manifestou uma opinião relativamente divergente de outros autarcas da região quanto ao modo de financiar o que falta do regadio. Este é a substância da posição do vice-presidente do PSD, guardada propositadamente para a reportagem sobre o estado actual do projecto de regadio da Cova da Beira.

«Eu partilho o entendimento de que a parte do País que deve preocupar mais o Governo, neste momento, é, de facto, o Interior. Há problemas específicos nos grandes centros, Lisboa e Porto, que eu não ignoro e há problemas específicos de resposta às saídas do Litoral para as fronteiras, tendo em vista a nossa adesão plena à Comunidade: mas no Interior colocam-se problemas de recuperação ao nível de infra-estruturas e de qualidade de vida que hoje já estão resolvidos nos grandes centros».

Uma terrível frustração

«Os nossos problemas são diferentes e considero que o Governo tem de ter em atenção que não pode ignorar-se o facto de nós não podermos estar por muito mais tempo à espera de acabar os eixos rodoviários principais, o IP-2, o IP-7 para Coimbra, o IC-12, para Viseu. Não podemos ignorar que as Câmaras Municipais têm feito um esforço notável de fixação

de indústrias e de canalização da mão de obra liberta da agricultura para área industrial e para a área dos serviços.

«Não podemos ignorar que temos uma riqueza extrema que é a possibilidade de aproveitar 18 mil hectares de terras férteis com a água do Cova, com a água do Zêzere, fazendo até uma transmutação de recursos hídricos do próprio Douro para a bacia do Tejo, que será inovadora em termos de País, como criação e aproveitamento de energia eléctrica, designadamente, da barragem do Sabugal. Para além das intervenções e da sensibilização que fiz durante o meu mandato de deputado na Assembleia da República, quanto ao regadio da Cova da Beira importa-me acentuar que já decorreu o tempo suficiente para que o Governo faça opções e para que, sobretudo, diga aos agricultores se têm ou não água do Sabugal até ao ano Dois Mil».

«É uma frustração terrível que nós tenhamos já gasto milhões de contos e estejamos neste momento com a possibilidade de regar dois ou três mil hectares, quando a maior parte ficará à espera da barragem do Sabugal».

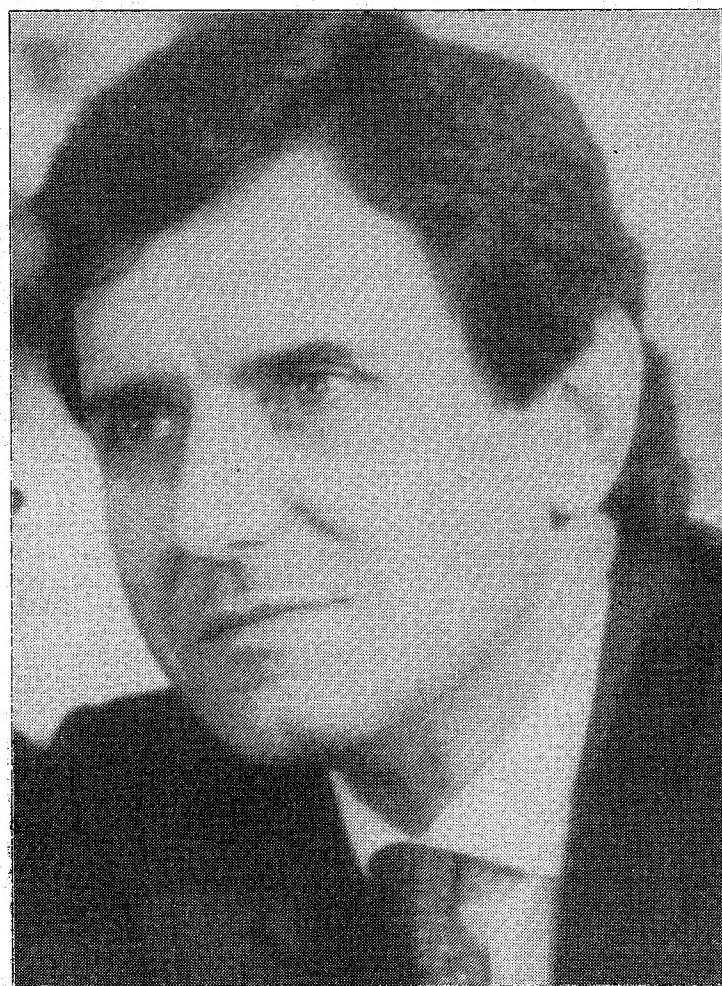
As experiências do Lindoso e do vale do Ténese

«Ainda agora, nos Estados Unidos, visitei o vale do Ténese, nos Estados Unidos, e concluí que um projecto realizado ao longo de mil quilómetros

deu frutos extraordinários com aproveitamento energético, aproveitamento turístico e fixação de populações. Estou profundamente convicto de que este projecto tem de ser desbloqueado: nós podemos obter recursos para a construção dessa barragem que são fundamentais para o nosso futuro».

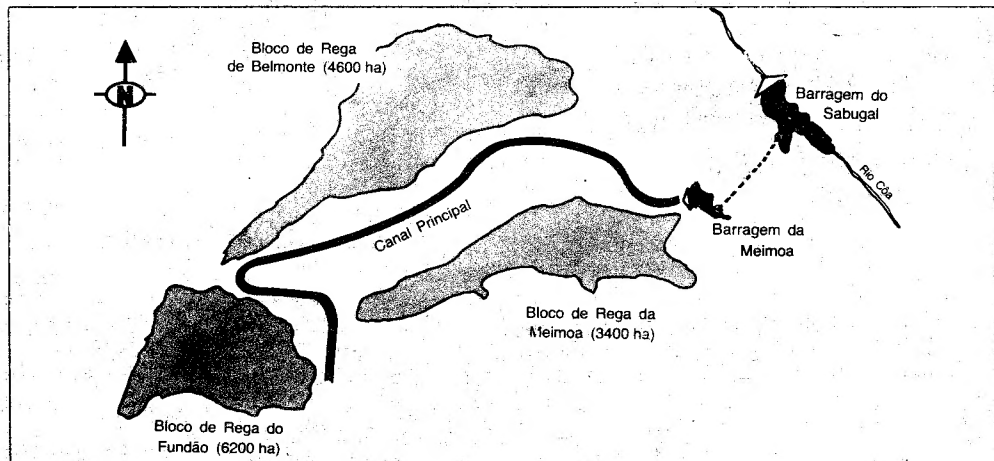
«As Câmaras Municipais têm de diversificar cada vez mais as fontes de receita e não podemos estar dependentes de um qualquer Governo que num ano resolve atribuir mais uns pós ou menos uns pós para as câmaras municipais. No alto do Lindoso já foi feita uma experiência semelhante com as câmaras municipais, o Fundo de Desenvolvimento Regional da CEE (Feder), e a participação do respectivo ministério. Os resultados são interessantes: no fim do primeiro ano de exploração de uma barragem, as câmaras municipais tiveram uma receita de 700 mil contos, o que dá para amortizar o investimento em quatro ou cinco anos».

«O que eu me dispus foi retirar ao senhor ministro este argumento: ele diz que as Câmaras devem estar abertas a esta solução e eu digo, sim senhor, vamos estudá-la. Se o Plano Operacional contemplar esta barragem, e penso que em grande parte vai, tudo bem. Mas faça-se a barragem, com a participação seja de quem for. Vamos trabalhar para isso».



D. R.

Carlos Pinto: «É preciso fazer a barragem do Sabugal, com a participação seja de quem for»



O que está feito

Neste momento, pode dar-se por concluído o sistema de rega do bloco da Meimosa, o que corresponde a 3.400 hectares de regadio. O açude de terra (com a capacidade de armazenagem de 39 milhões de metros cúbicos de água) está pronto, a tubagem instalada a 80 por cento, tal como os acessos e caminhos agrícolas.

Está igualmente concluída a barragem da Capinha, destinada fundamentalmente ao abastecimento de água às populações. Na lógica do projecto, esta albufeira permite, ainda, acumular a água do sistema

Cova-Meimosa para regularização dos caudais.

Do canal principal (comprimento total de 70 km, com um caudal de 12 metros cúbicos por segundo e incluindo dois túneis de 360 e 545 metros e oito reservatórios de compensação), estão concluídos os primeiros 14 km, por onde já flui a água para o bloco da Meimosa.

Esta primeira fase, correspondente ao bloco da Meimosa, prevê 162 km de tubagem, 80 km de caminhos rurais, 30 km de valas de enxugo e 700 tomadas de rega.

O que falta fazer

1. Barragem do Sabugal: obras previstas para se iniciarem em 1992. Esta barragem, na cabeceira do rio Cova, terá uma capacidade de armazenagem de 94 milhões de metros cúbicos.

2. Túnel de ligação à Meimosa: 5 km de galerias, estando ainda por decidir do seu diâmetro pois tanto pode funcionar, apenas, para irrigar a Cova da Beira, como para o projecto mais ambicioso de transferência generalizada de recursos hídricos da bacia do Douro para a bacia do Tejo.

3. Rede secundária de rega, para irrigação e drenagem dos blocos do Fundão e da Covilhã (margem esquerda do Zêzere). A água do Cova ligada ao canal principal e à rede secundária tornará também possível a regularização fluvial.

4. Bloco da Covilhã, na margem direita do Zêzere. Trata-se de terrenos separados da rede de rega do projecto principal da Cova da Beira, previstos para irrigação numa terceira fase, a partir de recursos hídricos da serra da Estrela.

Uma batalha de 40 anos

Julho de 1950—O *Jornal do Fundão* faz manchete (Setenta milhões de metros cúbicos de água armazenados na serra de Estrela poderão irrigar dez mil hectares de terras da Cova da Beira), estribado em pareceres de um conjunto de técnicos interessados no desenvolvimento da região. Já então se apontava a irrigação como forma mais expedita de travar a desertificação dos campos da Beira Interior e como um projecto de efeitos garantidos nas transformações económicas e sociais. Por esse tempo, as atenções voltavam-se para a Serra, na procura da água necessária, centralizando-se os esforços dos peritos no projecto Asse-Dasse, ou seja, na água das bacias do Zêzere e do Mondego.

1957—Iniciam-se os estudos agrónómicos com vista ao aproveitamento dos recursos hídricos da região.

1959—Uma brigada agrónómica fixa-se no Fundão, publicando dois anos depois o resultado do seu trabalho. Só em 1972, dez anos depois da publicação, esses estudos são corporizados na primeira proposta de aproveitamento hidráulico do Cova e da Meimosa.

1977—O Governo da República Federal Alemã anuncia a concessão de um empréstimo de 70 milhões de marcos (ao tempo, um milhão e 200 mil contos) para o projecto da Cova da Beira. Era ministro da Agricultura, o eng. António Barreto, do PS.

1978—Iniciam-se as obras. O custo estimado do projecto total orçava, por essa altura, em 2,160 milhões de contos. Hoje, só para o concluir, calcula-se que sejam necessários mais de 12 milhões.

1979—Atualizam-se os custos: a primeira fase passa a ser estimada em quatro milhões de contos.

1982—Começam as discussões interministeriais, sobre saber-se, se a barragem do Sabugal é ou não inseparável da lógica do projecto. Inclusive, na Agricultura, a questão não é pacífica: o ministro, Basílio Horta,

diz que não; o secretário de Estado, Carvalho Cardoso, diz que sim.

1984—As hesitações do Governo justificam uma visita de emergência à região de uma missão do Kreditanstalt, o banco alemão que estava a assegurar o grosso dos financiamentos. O general Eanes, então Presidente da República, assume a deliberação de não deixar morrer o regadio e faz duas visitas à Cova da Beira para o acentuar.

1985—A barragem da Capinha começa a encher mas persistem as dúvidas sobre a barragem do Sabugal, no rio Cova.

1986—O ministro Valente de Oliveira garante, no terreno, a conclusão do projecto na sua totalidade, portanto com a barragem do Sabugal. Meses depois manifesta dúvidas e o canal condutor geral fica três meses à espera de adjudicação. O presidente da Câmara de Penamacor—um dos concelhos beneficiados pelo regadio—protesta dizendo que «sem a barragem do Cova, não há regadio da Cova da Beira».

1987—Forma-se um movimento de opinião designado Grupo Pró-Regadio da Cova da Beira.

Agosto de 1989—Persistindo as dúvidas e os bloqueios no Ministério do Planeamento, o Director Regional de Agricultura da Beira Interior toma posição: «É preciso conhecer o timing concreto do que falta fazer».

Maio de 1990—A água começa a correr no canal condutor principal, a partir da barragem da Meimosa. Mas persiste a dúvida sobre a barragem do Sabugal: faz-se ou não se faz?

Agosto de 1990—Finalmente, chegam notícias de luz verde para concluir o regadio: o presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro garante que a barragem do Sabugal, o túnel que a liga à barragem da Meimosa, a construção da central hidroeléctrica e o prolongamento do canal condutor geral vão ser financiados pelo FEDER e incluídos no Programa Operacional da Raia Seca.

POLÍTICA

Duas fragatas prontas e um batalhão de fuzileiros

Ida à guerra decide-se hoje

As decisões definitivas sobre a participação portuguesa na força naval da UEO, que está a actuar no Golfo, vão ser tomadas ao longo da tarde de hoje, sendo previsível a ratificação das intenções do Governo, ou seja, o envio das fragatas Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens para a o Mediterrâneo Oriental, com o objectivo de colaborar no embargo ao Iraque.

As duas fragatas estão prontas a zarpar da base do Alfeite para a zona do Golfo Pérsico e com elas as guarnições de 185 homens cada, depois de terem sido mandadas regressar de urgência, da missão que ambas cumpriam no Brasil, para serem apetrechadas.

Os partidos com assento parlamentar já indicaram ontem ao primeiro-ministro a sua posição sobre a matéria, sendo pacífico que a maioria é favorável à deslocação de forças portuguesas para a região do conflito. Apenas o Partido Comunista e os Verdes manifestaram reservas, à saída das audiências separadas em

S. Bento com Cavaco Silva e os ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros.

A partir do meio dia de hoje, em Belém, reuniu-se o Conselho Superior de Defesa Nacional, presidido pelo Chefe de Estado, com o objectivo de votar a proposta governamental. Este Conselho tem como competências nucleares «emitir pareceres sobre a definição da política de defesa nacional» e «declarar a guerra e fazer a paz». As suas deliberações são obrigatoriamente sujeitas a votação que não admite abstenções.

A meio da tarde, à hora a que o nosso jornal entra em circulação, reúne-se o Conselho Superior Militar, presidido pelo ministro da Defesa, Fernando Nogueira, e integrado pelo Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, Soares Carneiro, e pelos chefes dos três ramos militares, Firmínio Miguel, do Exército, Andrade e Silva, da Armada, e Conceição e Silva, da Força Aérea. O CSM é um órgão de assessoria do min-

istro da Defesa e compete-lhe executar o que for previamente votado no Conselho Superior de Defesa Nacional.

450 fuzileiros preparados

A reunião do CSDN foi convocada pelo Presidente da República, a pedido do primeiro-ministro, sabendo-se que Mota Amaral, chefe do executivo regional dos Açores, interrompeu as férias na região do Porto, para corresponder à convocatória.

Além de Mário Soares e Cavaco Silva, têm assento no Conselho Superior de Defesa Nacional seis ministros (Defesa, Negócios Estrangeiros, Transportes e Comunicações, Administração Interna, Finanças e Indústria e Energia), dois representantes eleitos do Parlamento (José Luis Nunes, do PS, e Cardoso Ferreira, do PSD), os presidentes dos Governos Regionais da Madeira e dos Açores, os dois ministros da República e quatro conselheiros militares,

os comandantes-chefes do Estado Maior General, da Armada, do Exército e da Força Aérea.

Foi, entretanto, divulgado que a marinha de guerra tem prontos a obedecer a uma eventual ordem de marcha para o Golfo não só as duas fragatas e respectivas guarnições mas também um batalhão de fuzileiros, num total de 450 homens e um destacamento de operações especiais. Julga-se que estes últimos não serão, por ora, utilizados.

Segundo informação de um responsável da Armada, à agência Lusa, as fragatas em estado de prontidão foram apetrechadas, nomeadamente, com máscaras antigás. «Para aquilo que supomos ser necessário, as fragatas são as embarcações ideais», disse o mesmo responsável que apontou as peças de artilharia de 100 milímetros como «mais rentáveis para participarem num bloqueio naval» do que vasos de guerra mais sofisticados e armados de mísseis.

Governo prepara rendas a prazo

Uma nova regulamentação das rendas de casa esteve hoje na agenda do Conselho de Ministros que reuniu já sob a presidência de Cavaco Silva. A hora de fecho desta edição não foi possível confirmar a aprovação do diploma, mas há alguns aspectos que é possível desde já adiantar. A principal inovação do diploma é a possibilidade de celebração de contratos de arrendamento a prazo de cinco anos. É uma medida que o Governo acredita que possa vir a dinamizar o mercado da habitação, de modo a dar maiores garantias a quem arrenda e a quem procura casa para alugar.

O contrato a prazo de cinco anos são renováveis caso nem o senhorio nem o inquilino o denunciem um ano antes dele expirar.

Um outro estímulo para a dinamização do mercado são as isenções fiscais. Tal como já acontece com a aquisição de casa própria, também o arrendatário pode usufruir do benefício de poder deduzir o montante da renda na declaração do IRS.

Segundo o articulado do diploma, a nova regulamentação não alterará os contratos já estabelecidos. Como afirmava ao «DL» uma fonte oficial, «é uma lei para o futuro, não mexe com os contratos antigos».

O Governo calcula que existam só em Lisboa cerca de 50 a 60 mil casas devolutas que a partir dos próximos meses poderão vir a animar o mercado. Como já afirmou o ministro das Obras Públicas, Ferreira do Amaral, «Lisboa tem que voltar a ter escritos nas janelas».

A intervenção do Estado no mercado da habitação é vista como prejudicial, pois o facto de haver rendas condicionadas fez disparar os preços.

Carlos Melancia afasta espectro de demissão

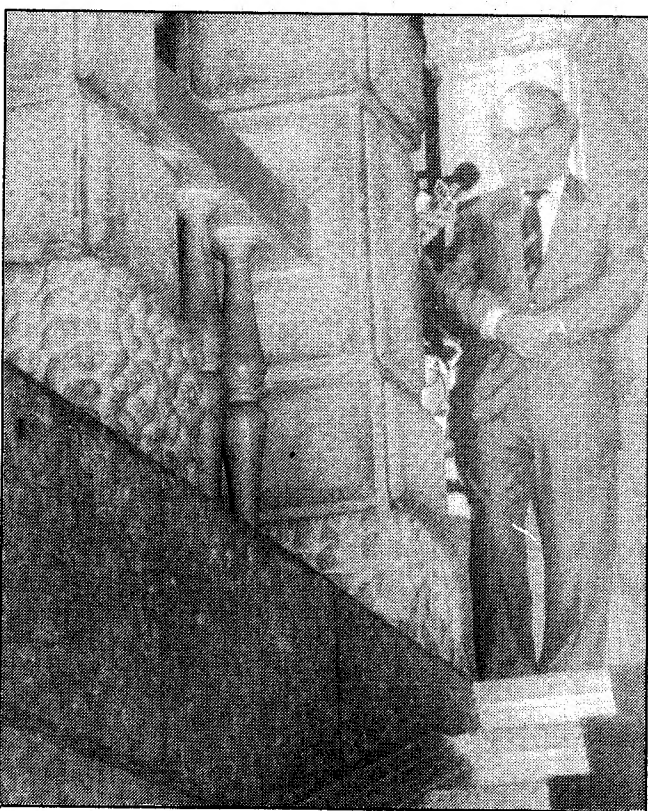
Carlos Melancia não se vai demitir do cargo de Governador de Macau, nem foi demitido. Tal convicção foi ontem expressa pelo próprio à saída da audiência que manteve com o Presidente da República, Mário Soares. «Apenas se abordaram questões relacionadas com a situação política do território, as relações Portugal-China nas vésperas da reunião do Grupo de Ligação, e o meu recente encontro com o vice-ministro Zhu Nam», disse Carlos Melancia.

Instado a comentar o inquérito que decorre sob a responsabilidade da Procuradoria-Geral da República, o Governador de Macau limitou-se a dizer que não acredita em «julgamentos populares». E acrescentou: «nem em 1975 acreditei. A minha demissão não está em causa, por isso estou sereno pois acredito na Justiça».

Sobre as irregularidades fiscais detectadas na Emaudio, ontem reveladas pelo «DL» o Governador sublinhou que «não pertence àquela empresa».

Melancia deverá encontrar-se ainda com os ministros Fernando Nogueira e Laborinho Lúcio para debater questões relacionadas com o território.

Aquele responsável disse ainda ter manifestado ao Presidente da República a importância da nomeação de um grupo de trabalho para a



Maria Emília Prazeres

Carlos Melancia, ontem em Belém, preocupou-se em centrar a sua presença em Lisboa nos projectos que tem para o futuro de Macau

regulamentação da Lei de Bases do território de Macau, «para que comece a trabalhar logo que ela seja aprovada pela Assembleia da República».

Sobre o aeroporto de Macau o Governador anunciou que estão desbloqueadas todas as dificuldades para a sua construção e que todos os financiamentos estão, finalmente,

assegurados.

O regresso de Melancia a Macau está previsto para o final da primeira semana de Setembro e até lá ficam a substituí-lo no cargo o secretário-adjunto Luís Vasconcelos (até ao dia 1 de Setembro) e o titular da pasta dos Assuntos Económicos, Murteira Nabo.

Redacção «DL»

Ganhe
(líquidos) **14%**
com os seus impostos

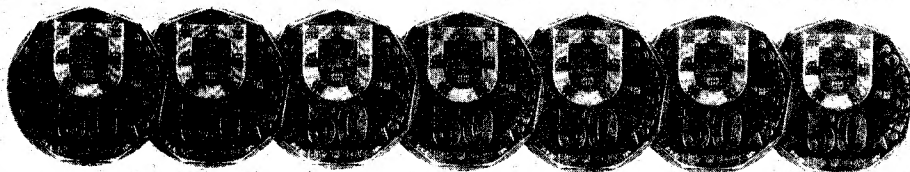
trabalho dependente
pensões

opte pela tabela fixa do IRS

precisa apenas de entregar à entidade pagadora dos rendimentos uma declaração da qual constem a sua identificação fiscal, a sua opção pela retenção segundo uma taxa mensal fixa, a indicação dessa taxa e, claro, a sua assinatura

tire partido desta medida (sistema retenção-poupança)

informe-se sobre mais esta vantagem do novo sistema fiscal



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS • DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Partidos dialogam com o Governo e moderam o tom das declarações

A reunião do primeiro-ministro com os partidos da oposição teve como particularidade o facto de os dirigentes partidários terem, no final, uma posição de maior unidade nacional, salvaguardando, todavia, as divergências políticas de cada um.

A reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional, hoje, e os resultados da reunião dos chefes militares dos países da União da Europa Ocidental, esta última em particular, poderão contribuir para desenhar um quadro mais claro sobre a situação no Golfo e da participação portuguesa.

No plano nacional, os ânimos políticos parecem ter acalmado. A polémica política seguirá dentro de momentos.

João de Deus Pinheiro foi, ontem, menos crítico em relação aos partidos da oposição, salientando que «o Governo sentiu que havia consciência nacional, compreensão, solidariedade com as decisões da UEO e apreço pelas posições de prudência».

O ministro dos Negócios Estrangeiros sublinhou o facto de os membros da UEO ainda não terem chegado a acordo sobre uma directiva comum, o que deixa ainda o Executivo numa posição de expectativa pois, «só depois de conhecermos as missões podemos aferir com os meios disponíveis e tomar uma decisão».

Deus Pinheiro afirmou que «estão a ser feitos todos os esforços para libertar os portugueses que queiram regres-

sar» e também a este nível o Executivo segue o desenrolar dos acontecimentos no Iraque.

Quanto à participação dos órgãos de soberania nas decisões políticas que vierem a ser tomadas, o ministro disse que «apesar de não haver um imperativo constitucional que obrigue a ouvir a AR, o Governo gostaria de estar acompanhado nas decisões tanto pelo Parlamento como pelo Presidente da República».

PS: a zanga de Sampaio

Sem «querer entrar em refregas políticas», o líder socialista Jorge Sampaio era visivelmente um homem zangado. Recusou-se a revelar o teor da conversa com o primeiro-ministro e disse apenas que «dentro de uma hora iria divulgar o conteúdo do memorando», apresentado na primeira reunião dos partidos com o chefe do Governo, e que, na altura, argumentando com questões de lisura política, não anunciou.

Esta decisão de divulgar publicamente as posições «que o Partido Socialista defende desde o início», foi tomada «no decorrer da reunião» e comunicada ao primeiro-ministro, disse Jorge Sampaio aos jornalistas.

O memorando entregue a Cavaco Silva pelos socialistas defende que «qualquer esforço militar feito por Portugal» deve inserir-se «no quadro da UEO e no quadro das deliberações das Nações Unidas».



Jorge Sampaio foi um dos representantes dos partidos com assento parlamentar que ontem foram recebidos por Cavaco Silva, Fernando Nogueira e João de Deus Pinheiro

O PS afirma que a eventual participação portuguesa deve ser feita «à escala dos seus meios». Os socialistas assumem que «Portugal deve defender nas Nações Unidas a declaração de um bloqueio internacional ao Iraque, que garanta a eficácia das sanções económicas».

Quanto à situação dos reféns, sublinham que deve ser feito «tudo o que estiver ao seu alcance para garantir a segurança e o repatriamento dos cidadãos portugueses sem ceder a chantagens ou renunciar a qualquer dos compromissos internacionais».

O Partido Socialista propôs a Cavaco Silva «a criação de um gabinete de acompanhamento da crise no Golfo, com consulta regular dos líderes da oposição»; o reforço do dispositivo diplomático; e a adopção do princípio de consulta prévia dos partidos, sempre que Portugal tenha de tomar decisões de extraordinárias consequências internas e externas.

A zanga de Jorge Sampaio relaciona-se com o facto de o Governo e o PSD, aproveitando o sigilo em torno do memorando terem emitido para a opinião pública uma ideia «distorcida».

A fraca qualidade do de-

bate entre o PS e o Executivo na reunião da Comissão Permanente, dedicado mais à luta política do que ao debate das questões nacionais, terá levado Jorge Sampaio a tornar público o memorando, embora, devido à situação de crise, tenha reafirmado os interesses nacionais, minorando a carga política da decisão.

PCP: evitar escalada armamentista

O líder do PCP, Álvaro Cunhal, defende que Portugal deve intervir no âmbito das decisões da ONU e reafirma que ainda «é possível procurar uma solução pacífica para a crise no Golfo».

O dirigente comunista aconselhou o Governo «a reflectir sobre a situação em toda a sua complexidade, porque trata-se do Golfo do petróleo, dos países árabes, da causa palestina». A diplomacia portuguesa, disse Cunhal, devia de «agir em conformidade, procurar uma maior diversidade de contactos para garantir a autonomia e evitar consequências graves, que adveem de um política diplomática apontada para uma direcção».

O secretário-geral do PCP afirmou que «não se devem perder os contactos e o relacionamento luso-árabe» e

mais uma vez acusou os Estados Unidos de terem provocado uma «escalada para o conflito armado no Golfo».

Álvaro Cunhal manifestou ainda preocupação com o impacto que a actual crise poderá ter a nível do reforço do equipamento das Forças Armadas portuguesas, «não com objectivos de garantir a defesa nacional, mas da integração de militares portugueses em forças estrangeiras».

O PCP reforça as reservas quanto ao envio de tropas portuguesas para o golfo Pérsico.

PRD: apolo ao Governo Verdes: «não, ao belicismo»

Os renovadores democráticos estão, na generalidade, de acordo com as decisões tomadas até ao momento, embora defendam que «qualquer passo seguinte, no envolvimento de meios militares portugueses deve ser levado à Assembleia da República». Hermínio Martinho reservou uma posição mais concreta para quando forem conhecidas as conclusões da reunião da UEO.

Maria Santos, deputada europeia dos «Verdes», foi ontem pela primeira vez convidada a estar presente neste encontro do primeiro-ministro com os partidos da oposição.

A deputada ecologista, acompanhada por Manuel Valente Fernandes, novo parlamentar dos «Verdes», defendeu uma solução pacifista para o Golfo, sem que Portugal deixe de respeitar os compromissos no âmbito das Nações Unidas.

«Deve-se contrariar a agressividade belicista com a inteligência pacifista», disse Maria Santos para quem «a Europa tem um importante papel pacificador», nos conflitos mundiais. Nesta perspectiva,

os «Verdes» são contrários a qualquer participação de tropas, dentro ou fora da zona do conflito.

A eurodeputada defendeu a activação do Comité Operativo Militar da ONU, a única «força de diálogo que pode coordenar as operações militares para fazer cumprir o embargo».

«Substituir a lógica da guerra pela lógica da paz», é o lema defendido por Maria Santos, que condenou os Estados Unidos por mais uma vez assumirem o papel de «policia do mundo».

CDS: solidariedade com os meios disponíveis

Basílio Horta em representação do líder centrista, manifestou grande prudência e reticências em relação ao envio de tropas para o Golfo, embora admita que Portugal, no quadro da UEO e das disposições da ONU, possa enviar uma fragata para a região da retaguarda, o Mediterrâneo Oriental.

Para os centristas há questões de princípio que importa salvaguardar: a imagem de unidade do País e uma posição de grande dignidade.

Basílio Horta considerou a disponibilização das bases aéreas portuguesas «um apoio logístico da maior importância». E aconselha o Governo a «manter o equilíbrio entre os interesses de Portugal e os riscos que o país vai correr em caso de conflito». Também o CDS defende que a decisão de envio de tropas deve passar pela Assembleia da República.

Todos os partidos respeitaram o segredo em relação a questões vitais para o País e reservaram uma posição mais concreta depois das conclusões da reunião da UEO.

M.J.R.

Informação

COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre LISBOA (ROSSIO) E CACÉM, nos dias 27, 28, 29, 30 e 31 de Agosto, os seguintes comboios:

LISBOA (ROSSIO)-CACÉM

Comboios com partida de Lisboa (Rossio) às 10.52h, 11.28h e 11.40h.

CACÉM-LISBOA (ROSSIO)

Comboios com partida do Cacém às: 9.55h, 10.11h e 10.27h.

Nos dias 1 e 2 de Setembro vão ser suprimidos, entre LISBOA (ROSSIO) E SINTRA, os seguintes comboios:

LISBOA (ROSSIO)-SINTRA

Comboio com partida de Lisboa (Rossio) às: 9.40h, 10.13h, 10.45h, 11.01h, 11.17h, 14.12h, 14.44h e 15.16h.

SINTRA-LISBOA (ROSSIO)

Comboios com partida de Sintra às: 9.35h, 10.23h, 10.39h, 11.11h, 14.07h, 14.39h e 15.11h.

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

Caminhos de Ferro
Portugueses

SANTOS & NASCIMENTO
AV. DA LIBERDADE, 177 - LISBOA
SALDOS
PRONTO-A-VESTIR

FATOS * CAMISAS * CALÇAS *
BLUSÕES * MALHAS * CASACOS,
ETC.

POLÍTICA

B R E V E S

Candidato ambientalista ficou pelo caminho

A pré-candidatura ambientalista autónoma, que propôs o nome de Costa Marques como candidato às eleições presidenciais de 1991, decidiu «desistir da tarefa a que inicialmente se havia consagrado». A decisão baseia-se na «grande dificuldade de âmbito legal que colocava sérias reservas à viabilidade da candidatura». O principal motivo desta atitude foi o facto de Costa Marques «ter perdido durante alguns anos a cidadania portuguesa em favor da brasileira», o que segundo pareceres solicitados a alguns juristas, «contrariava abertamente os preceitos constitucionais». Refira-se que os professores Jorge Paiva, Delgado Domingues e Gomes Guerreiro, bem como o arquitecto Fernando Pessoa foram apontados como potenciais candidatos ambientalistas, mas não aceitaram sê-lo. Alguns dos adeptos da candidatura, segundo apurou o «DL», foram convidados por Maria Santos a participar numa reunião da Comissão Executiva de «Os Verdes» no próximo sábado.

Responsável açoriano debate orçamento em Lisboa

O secretário açoriano das Finanças e Planeamento vai reunir-se, nos próximos dias, em Lisboa, com elementos do Governo da República para debater questões relacionadas com o Orçamento de Estado para 1991. Gualter Furtado reunir-se-á com responsáveis da Secretaria de Estado do Orçamento, a quem apresentará a pretensão açoriana de reforçar os apoios do Estado ao desenvolvimento regional.

Jorge Sampaio em cimeira insular

O secretário-geral do PS, Jorge Sampaio e os líderes do PS/Açores e Madeira, Martins Goulart e Emanuel Jardim Fernandes, respectivamente, reuniram-se esta manhã, em Vila Franca do Campo, na ilha de S. Miguel, Açores. O encontro destina-se a debater questões relacionadas com o Estatuto Autonómico.

Couto dos Santos convida CNJ

O ministro adjunto e da Juventude, Couto dos Santos, convidou o Conselho Nacional da Juventude, CNJ, a integrar a delegação portuguesa que participará na 3ª conferência de Ministros da Juventude do Conselho da Europa. O encontro inicia-se a 20 de Setembro, em Lisboa.

Juventude Centrista quer debater Defesa

A Juventude Centrista, JC, propôs a realização de um debate com «todas as organizações partidárias de juventude democráticas» que vise uma reflexão sobre a defesa nacional e o papel das Forças Armadas em Portugal. A proposta deriva das repercussões que a crise do golfo Pérsico tem tido no País e a JC considera o carácter do debate «suprapartidário» dado «o interesse nacional» posto em jogo.

Georges Dargent contesta acusações dos vereadores

O presidente da Câmara de Cascais, Georges Dargent, considerou, ontem, que as acusações que lhe têm sido feitas pela veração são totalmente descabidas. Numa conferência de Imprensa que, segundo o município, se destinava a esclarecer «a política de desenvolvimento e, simultaneamente, de travão a a que a gestão camarária tem estado sujeita», Dargent declinou a responsabilidade do PSD nas irregularidades e desvios ao Plano Urbanístico da Costa do Sol. «Havia uma comissão urbanística, composta por um membro de cada partido, que aprovava os projectos e a Câmara limitava-se a homologá-los», afirmou. Georges Dargent rebateu, uma a uma, as acusações que lhe têm sido feitas pelos vereadores dos partidos da oposição camarária e declarou que hoje vai enfrentar sozinho, os pedidos de esclarecimento dos vereadores da CDU sobre a política urbanística do PSD. «Não tenho nada a esconder pois a nossa política é de total transparência», concluiu.

Magistrados coreanos visitam Portugal

O presidente do Supremo Tribunal coreano, chega hoje ao nosso País para uma visita de três dias feita a convite do seu homólogo português. Vem acompanhado por magistrados dos tribunais de Seul, será recebido pelo ministro da Justiça, Laborinho Lúcio.

Com um património inicial de 10 milhões de contos

Militares vão ter fundo de pensões

A constituição de um fundo de pensões para os militares dos quadros permanentes mereceu já a concordância do Presidente da República ao promulgar um diploma do Ministério da Defesa que deverá ser publicado no «Diário da República» nos próximos dias.

A constituição do fundo decorre da aprovação do Estatuto dos Militares das Forças Armadas, aprovado em Janeiro. Os militares abrangidos são aqueles que passam à reforma aos 65 anos ou com nove anos na situação de reserva em efectividade de serviço. Esta é a fórmula encontrada pelo ministro Fernando Nogueira para garantir, segundo as suas palavras, «que não há qualquer prejuízo material derivado das medidas de descongostamento dos efectivos em situação de reserva».

Nos termos do diploma, criam-se as condições para garantir melhores níveis de pensão para os reformados militares e inicia-se, no âmbito dos servidores do Estado, uma primeira experiência de fi-

nanciamento complementar da segurança social. Deste modo vão ser instituídos complementos de pensão a abonar a todos os militares reformados ou que venham a reformar-se, que serão pagos em acréscimo com a pensão de reforma da Caixa-Geral de Aposentações.

O fundo é constituído por um património inicial de dez milhões de contos a realizar mediante a alienação de património do Estado afecto ao Ministério da Defesa. As alienações previstas são, sobretudo, imóveis militares na cidade de Lisboa. Prevê-se que tal património venha a ser aplicado de forma rendível a fim de que os resultados da sua gestão possam vir a ser utilizados para o pagamento dos complementos de pensão.

A gestão deste património ficará a cargo de uma sociedade gestora de fundos de pensões ou de uma seguradora, seleccionada por concurso público, e que terá que respeitar critérios a estabelecer pelo Ministério das Finanças quanto à

aplicação daqueles bens. Até 30 de Setembro os Ministérios da Defesa e das Finanças deverão fazer publicar uma portaria que definirá «o plano financeiro, técnico e actuarial, o valor inicial do fundo e a forma da sua realização».

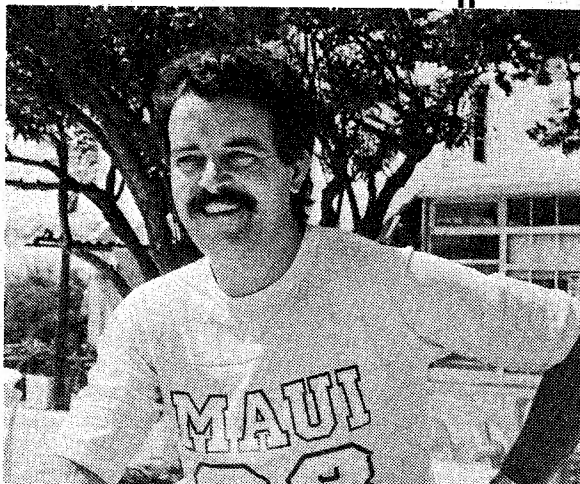
Militares também contribuem

Como acréscimo ao património inicial do fundo, calculado em dez milhões de contos, estão previstas contribuições dos militares no activo ou na reserva no valor de um por cento das remunerações que entram no cálculo das pensões de reforma. No caso dos actuais reformados militares, a contribuição será de meio por cento sobre a pensão de reforma e será paga a partir da altura em que passem a receber os complementos de pensão. Prevê-se também, em paralelo a este plano de complementos de pensão, a utilização de verbas do fundo para empréstimos visando a aquisição ou construção de habitação própria.

Redacção «DL»

MAIS DOIS MEMBROS DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO

88.600.000\$00



JOSÉ FRANCISCO MALAQUIAS ESTORIL

Este é o número da fortuna que mudou a vida de José Francisco Malaquias, 40 anos, chefe de mesa num restaurante do Estoril e um dos dois totalistas do Concurso do TOTOLOTO desta semana. Casado, sem filhos e natural de Pavia, distrito de Évora, o novo milionário reside na Amoreira (Estoril). Joga regularmente no TOTOLOTO, desde o primeiro dia, apostando no facto de que, talvez um dia, chegasse a sua vez.

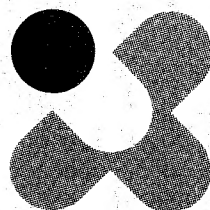
Com os cerca de 90 mil contos, José Malaquias tenciona comprar casa e carro, como já há muito ambicionava e ajudar a família. Mudar de vida profissional também faz parte dos seus planos e «depois logo se verá». Por agora fica a certeza de que muitos dos seus sonhos se vão realizar. O Boletim da Sorte foi entregue na Tabacaria Alvorada, também na Amoreira, cujo proprietário, João Oleirinha, não esconde a alegria de «já ter dado sorte a 14 milionários».

88.600.000\$00

MARIA JOSÉ OLIVEIRA PINTO AVEIRO

Maria José Oliveira Pinto, 61 anos, casada, é a outra totalista deste Concurso. Doméstica, mãe de 4 filhos, a nova milionária e o marido, reformado da Marinha Mercante, apostam sempre juntos e em força, no TOTOLOTO. Para poderem realizar todos os seus sonhos, desta vez acertaram em cheio.

JOSÉ FRANCISCO MALAQUIAS e MARIA JOSÉ OLIVEIRA PINTO são os novos Membros do Clube dos Milionários do TOTOLOTO. Você pode muito bem ser o próximo.



totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
João Mano (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Guilmar Lima,
Naves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Campones, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares,
Duarte Calvão, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Broderode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Ildro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Bollins, Lurdes Faria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João
Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraíso,
Isabel Joyce, Jorge Fallorca
e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo,
Brito e Pedro Palma

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Oscar Figueiredo e Ricardo
Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretária de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Pípos, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

Subitamente no Verão passado (III)

SOLZHENITSYN E O IMPÉRIO DO MAL

Há um ano, no fim de Agosto, a revista literária soviética *Novy Mir* começou a publicar o «Arquipélago Gulag» de Aleksandr Solzhenitsyn, o livro que levou à expulsão do escritor da União Soviética em 1973, sob a acusação de alta traição, e o forçou a um exílio que ainda não terminou.

O «Arquipélago Gulag», a memória do universo concentracionário soviético, descrito com uma precisão insuportável a partir de testemunhos de centenas de sobreviventes - entre os quais o próprio Solzhenitsyn - estava pronto desde 1963. Porém, a necessidade de proteger os personagens vivos, por um lado, e de garantir a sua própria segurança, fizeram com que a sua publicação fosse adiada durante dez anos, até que a polícia política apreendeu, em circunstâncias trágicas, um exemplar do manuscrito, tornando possível a sua publicação fora da URSS.

Por todas as razões, o aparecimento do «Arquipélago Gulag», editado em várias línguas nos países ocidentais, foi um acontecimento maior, tanto mais que provocou à sua volta e das posições políticas de Solzhenitsyn uma extraordinária polémica, num momento em que ainda não cessara o primeiro período de *détente* nas relações Leste-Oeste.

É difícil reconstituir a campanha contra Solzhenitsyn e a sua obra. Não era a primeira lançada contra o escritor, cujos livros tinham sido proibidos depois da deposição de Khrushchev, que autorizara pessoalmente Aleksandr Tvardovsky, director da *Novy Mir*, a publicar «Um dia na vida de Ivan Denisovich» - uma obra pioneira sobre os campos na edição soviética. Antes e depois da atribuição do prémio Nobel da Literatura, em 1970, a desinformação oficial lançara uma vasta campanha contra o escritor russo, a qual, apesar dos argumentos débeis e falsos, não deixou de encontrar eco na imprensa ocidental. Todavia, os esforços policiais são irrelevantes para compreender a polémica iniciada em 1974, ou para explicar por que razão os meios bem pensantes da russófilia europeia ou da sovietologia norte-americana se sentiram obrigados a tomar posição contra Solzhenitsyn.

Em certo sentido, o «Arquipélago Gulag» não fazia mais do que repetir o que todos tinham obrigação de saber, embora o fizesse com a força de um grande escritor clássico e com a paixão pela verdade característica da tradição literária russa do século passado. Não obstante, a reiteração neste modo da natureza totalitária do regime comunista de Lenin e Stalin era incompatível com as teses ocidentais típicas dos anos setenta, que descreviam a URSS como uma potência convencional, ou como uma sociedade industrial avançada, em ambos os casos orientada para uma convergência com os seus antigos adversários. Em tudo, sem esforço, o livro de Solzhenitsyn opunha à «normalização» russa a «banalidade do mal» comunista.

Graças à polémica geral, a narrativa realista sobre os campos de concentração acabou por prevalecer, no terreno das percepções ocidentais, sobre as ilusões do momento acerca da

natureza do regime brezhnevista. Este, aliás, ajudou a esta missa quando, a partir de 1975, procurou compensar a imobilidade interna com um ciclo de expansão tropical. Neste sentido, a publicação do «Arquipélago Gulag», para lá do seu valor próprio, foi um marco na mudança das posições ocidentais em relação à URSS: a política de firmeza dos anos oitenta, sem a qual as reformas da *perestroika* não teriam existido, pressupõe Solzhenitsyn. Além disso, o escritor russo tinha as suas próprias posições políticas, que para lá da denúncia implacável do comunismo, recusavam a ocidentalização como alternativa na evolução do seu país. De mal com todos, defendia publicamente que os dirigentes soviéticos renunciassem à ideologia e ao terror, sem lhes pedir que abandonassem o poder, mas tão-só que se convertessem a uma dominação mais autoritária do que totalitária, mais russa do que comunista, vinculada ao direito e às liberdades. Por tudo isso, foi ao mesmo tempo denunciado como um perturbador irresponsável da *détente*, e como um arauto da restauração da velha autocracia imperialista. De facto, as suas posições eram, uma vez mais, relativamente banais, típicas de um conservador reformista, mais patriota do que imperialista, mais russo do que democrata, mais legalista do que autocrático: só que a atitude característica dos reformadores da segunda metade do século XIX se tornara incompreensível para quase todos, na ausência de uma continuidade real da vida política russa, interrompida em Outubro de 1917.

Quinze anos bastaram para que o programa político de Solzhenitsyn, exposto na sua «Carta aos dirigentes soviéticos», deixasse de parecer bizarro. Parece claro, pelo contrário, que a estratégia de transição controlada para um regime autoritário e para um Estado de direito, sem ideologia e sem terror, passou a pertencer a uma parte importante da elite soviética. Mais do que isso, um optimista não deixaria de sublinhar que essa orientação corresponde ao sentido essencial das mudanças na URSS nos últimos dois ou três anos.

Bem entendido, ninguém viu uma tal estratégia às ideias de um proscrito. Mas, por outro lado, as posições de Solzhenitsyn passaram a ter livre curso, pelo meio da caótica liberalização soviética, com a reemergência de uma certa vida política interna, marcada por fortes traços primordialistas. Em desordem, os liberais aderem à recusa de um imperialismo interno russo, o nacionalismo tradicionalista mobiliza as linhas conservadoras, as correntes dominantes do próprio partido comunista parecem assumir um reformismo modernizador. E nenhum político responsável, dentro e fora do partido comunista, à esquerda ou à direita, com razão ou sem razão, defende a imediata, ou a próxima instauração de um regime de democracia pluralista.

No caso do comunismo soviético, as clivagens pré-revolucionárias começam a aparecer, como se tivessem hibernado durante setenta anos: Solzhenitsyn foi um dos poucos que não deixou que morressem a memória e o conhecimento do passado, sem os quais é trágica a repetição da história.



Carlos Gaspar

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

Do editorial de Vicente Jorge Silva:

(...) O facto é que as propostas de Cavaco Silva em Faro traduzem preocupações há longo tempo suscitadas em diferentes sectores da opinião pública e que ultrapassam as fronteiras partidárias. O fim da partidocracia na formação das listas concorrentes às eleições autárquicas - abrindo caminho à iniciativa política autónoma de grupos de cidadãos -, a limitação do número de mandatos consecutivos dos presidentes de câmara - reduzindo a tendência dos caciquismos locais - e a maior operacionalidade de gestão dos executivos municipais - dispensando a necessidade de maiorias absolutas para esse efeito - poderão enriquecer a transparência e a eficácia do regime democrático. Como é óbvio, a iniciativa de Cavaco nada tem de inocente, do mesmo modo que a proposta do PS sobre regionalização não era isenta de segundos sentidos políticos. (...)

29.AGO.90

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) Pelo decreto presidencial de Saddam Hussein, o Kuwait fica dividido em três distritos que integram, a partir de agora, o território iraquiano.

Perante mais este desafio que o Presidente do Iraque faz ao Ocidente, as reacções de protesto não se farão esperar, provavelmente com tanta mais estridência quanto maior for o silêncio internacional aquando da anexação de Timor-Leste pela Indonésia como sua vigésima sétima província.

A moral e o direito internacional estão frequentemente em desacordo com os comportamentos de circunstâncias, e o petróleo, que no caso do Kuwait ajuda a reforçar uma causa justa, levou no mar de Timor ao conúbio da Austrália com a Indonésia, sem escusadas preocupações de consciência de que aliás, Melbourne e Jacarta facilmente prescindiram. (...)

29.AGO.90

CAPITAL

De um artigo de Roque Lino:

(...) A civilização cristã europeia teve a sua Idade Média. O caldo de países que procriou, as guerras feudais que gerou, os crimes que cometeu através da Inquisição, os cismas que fomentou na doutrina de Roma e as cruzadas que movimentou na direcção da Terra Santa desenharam a Europa renascentista.

O islão tem agora a sua Idade Média. Desde o poder absoluto dos «ayatoláhs», aos cismas, dos repúblicas, de Maomé, à desmoralização de monarquias, de feudos e de impérios, à guerras que levam as fronteiras a flutuar constantemente, à escravatura das odaliscas nos harems cobertos com «chadors», o mundo árabe vive a convulsão da sua história medieval. (...)

29.AGO.90

Comércio do Porto

De um artigo de José Manuel Torres Couto:

(...) A intervenção estatal tem-se traduzido sobretudo em omissão e tem vindo a configurar-se como demissionista relativamente ao dever do Estado de promover e assegurar a efectiva realização do direito à negociação colectiva, em clara violação da Convenção n.º 87 da OIT ratificada pelo Estado Português. A intervenção estatal, nos últimos tempos, tem claramente beneficiado as posições patronais e consentido um clima de impunidade e de permissividade face a posições de associações patronais e empresas que violam ou ignoram olímpicamente o direito à negociação colectiva.

Multiplicam-se os impasses, desvaloriza-se a contratualidade, agrava-se a conflitualidade. Acentua-se a tendência para a fixação unilateral das condições de trabalho. Desequilibra-se perigosamente a relação de forças entre as empresas e as organizações empresariais e dos sindicatos. (...)

29.AGO.90

FORUM

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

O RETORNO DE VULCANO E A LÓGICA PERVERSA DA GESTÃO DOS INCÊNDIOS

«Estamos em crer que o fogo é precisamente o primeiro objecto, o primeiro fenómeno sobre o qual o espírito humano reflectiu; de entre todos os fenómenos, só o fogo merece, para o homem pré-histórico, o desejo de conhecer pela mesma razão de que acompanha o desejo de amar»

Gaston Bachelard, *La Psychanalyse du Feu*

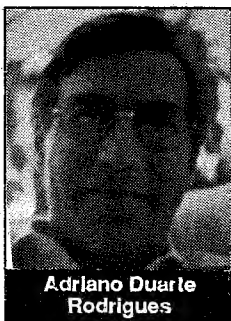
O Verão costuma devolver-nos todos os anos, como um ritual, ao mesmo tempo temido e esperado, a actualidade dos incêndios. O fogo compacto e devorador que vai galgando montes e vales, colinas e cabeços alimenta no nosso imaginário o espectro de uma desertificação progressiva e da destruição da riqueza do país.

Poucas realidades se prestam como o fogo à remitição do presente. Para tanto contribuem os discursos e os usos a que se presta, a ambivalência com que o olhamos. Apesar de nos envolver, nas noites frias do Inverno, como um manto protector, devora num ápice a riqueza das pessoas e dos povos. É combustão benfazeja dos alimentos e dos organismos vivos, força revitalizadora dos membros enfraquecidos, mas é também força voraz que reduz a cinzas, em poucos instantes, tanto os corpos como o fruto do penoso labor de gerações inteiras. Nele, continuamos a ver, tanto a força prometeica da civilização ou o fervor indomável do amor, como o enfraquecimento da vontade mais decidida. Talvez por isso os Romanos consideravam o fogo a epifania do deus Vulcano e costumavam celebrá-lo todos os anos, no dia 23 de Agosto, com um culto propiciador, precisamente na altura em que, depois de terem recolhido as searas nos celeiros, mais temidos eram os efeitos devastadores da força indomável dos incêndios.

O cristianismo retomaria à sua maneira esta visão mítica primitiva do fogo, identificando-o com o próprio Cristo. Na Vigília Pascal, o ritual do lume novo passou a ser um dos momentos fortes destas reminiscências iniciáticas ancestrais e, no baptismo, os cristãos continuam a recebê-lo sob a forma da luz.

No retorno anual da actualidade dos incêndios, assistimos a um sintomático esquecimento moderno desta relação ambivalente do homem com o fogo. Com este processo de esquecimento, o homem moderno perde a sua capacidade de espanto e de maravilhamento, parecendo apenas restar uma necessidade imperiosa de domínio e de contenção das forças indomáveis de destruição que alastram pelas florestas e que põem as aldeias em risco. Os incêndios tornaram-se assim também, à semelhança do conjunto dos processos de sociabilidade, uma realidade a gerir tecnicamente, através de toda uma panóplia de dispositivos. Há fogos benfazejos, que reduzem o excesso de matéria combustível, acumulada nas matas, e fogos incontrolláveis, que se ateiam de maneira desregrada. A boa gestão do fogo equivale, por isso, à boa gestão do espaço: abertura de vias de penetração por entre a mata virgem, limpeza dos solos, eliminação do excesso de matéria combustível prestes a atear-se aos primeiros raios incandescentes do sol estival, organização ordenada do território.

Não é difícil de ver, no entanto, neste discurso gestonário e racional dos fogos, a permanência e o retorno do mesmo imaginário sexual que continua a alimentar a linguagem quotidiana. À penetração da floresta virgem pelo fogo domesticado contrapõe-se a penetração do fogo desregrado avassalador. Os incendiários, reconhecidamente sujeitos a perturbações sexuais, realizam com o espectáculo sublime do incêndio que ateiam a potência sexual desenfreada que lhes está interdita.



Adriano Duarte Rodrigues

A prevenção e a gestão dos fogos é sem dúvida necessária. Mas, pelo facto de esquecer todas estas determinações arcaicas associadas à experiência do fogo, é insuficiente para responder, não tanto ao flagelo cíclico dos incêndios estivais, mas sobretudo às graves perturbações sociais de que os fogos são um evidente sintoma. Têm-se investido somas impressionantes no combate aos incêndios, mas o relativo acréscimo de dispositivos de vigilância e de luta contra os fogos não se tem traduzido em redução das áreas ardidas nem na diminuição da sua violência. Pelo contrário, quanto mais se investe na prevenção e no combate mais parece aumentar a força devastadora dos incêndios. É cada vez mais evidente que estamos perante uma realidade que escapa ao controlo racional das simples medidas técnicas de gestão. Assistimos assim a uma autêntica escalada que se traduz numa espécie de competição entre o aumento e a sofisticação dos dispositivos de combate aos incêndios e a violência com que deflagram.

É esta escalada que torna os fenómenos cíclicos dos incêndios estivais curiosos sintomas da natureza perversa da actual racionalidade técnica instrumental de gestão. Em vez de resolver os problemas, ao partir do esquecimento do fundo mítico que os alimenta, o impressionante arsenal de dispositivos com que pretendemos resolvê-los acaba, ao fim e ao cabo, por alimentá-los. À força de isolarmos os problemas para melhor e mais racionalmente os resolvermos, acabamos antes por promovê-los e incentivá-los. Também neste caso se aplica a lição da fábula de La Fontaine. A *Raposa e as Galinhas da Índia*. Depois de recorrer «ao seu arsenal de astúcias», a raposa, postada aos pés da árvore que servia de guarita às pobres aves indefesas, limitava-se a manter-lhes a vista sempre em cima. A pouca e pouca, hiptonizadas pelo olhar fixo da raposa, as galinhas da Índia acabariam por ir caindo da árvore. La Fontaine termina assim a sua fábula: «Demasiada atenção prestada ao perigo faz com que a mais das vezes nele se caia».

Mais do que a desertificação do espaço físico, tem sido a desertificação do espaço habitado que mais tem descaracterizado a fisionomia do país e o tem privado de todo o conjunto de mecanismos naturais de defesa e de promoção do território. O abandono das aldeias, como resultado da emigração interna e externa, as alterações que nos últimos anos se têm verificado nos modos de vida das populações, que deixaram de aproveitar o material incandescente das matas para uso doméstico, a exploração indiscriminada dos solos e das florestas para fins industriais, com vista ao lucro fácil e imediato dos recursos florestais são alguns dos factores que mais têm contribuído para a perda dos mecanismos naturais de defesa contra os incêndios.

A mera gestão dos dispositivos técnicos de vigilância e de combate aos fogos não permite repensar estes desequilíbrios nem a procura de soluções que respeitem e valorizem a identidade cultural das populações. É, por isso, impressionante a pouca atenção dada à exigência de novos modos de vida que contrariem a tendência endémica para a desertificação do espaço habitado e de novos mecanismos de exploração dos recursos disponíveis que acautelem a valorização do nosso património florestal. É hoje certo que há grandes interesses por detrás da exploração incondicional do nosso território, visando a sua espoliação criminosa. Mas não é menos interessada nem menos perversa a gestão da luta contra os incêndios que se limita a investir em consideráveis arsenais técnicos, obedecendo precisamente à mesma lógica cega de uma técnica implementada de costas viradas para as populações e para os seus modos de vida.

Carta a um investigador futuro sobre o cavaquismo (1)

DA ASCENSÃO

Por Fernando Pereira Marques

Meu caro colega, Imagino-o dentro de cem anos a fazer um trabalho de investigação sobre o tempo que hoje vivo. Terá à sua disposição seguramente métodos muito mais sofisticados do que aqueles de que dispus quando me lancei na tarefa académica de tentar deslindar os personagens e os eventos que marcaram o século XIX, mas adivinho que enfrentará dificuldades idênticas, ou porventura maiores, sobretudo quando se deparar com fenómenos tão pitorescos, tão nossos, tão deste tempo, como o do cavaquismo reinante no momento em que lhe escrevo.

Lançando-lhe assim uma mão solidária e amiga, aqui deixo escrita esta carta tentando, tanto quanto possível, ajudá-lo na tarefa ingrata que se propôs levar a cabo.

Como já percebeu, seguramente, designa-se por cavaquismo este período da história democrática do pós 25 de Abril, marcado pela governação de Aníbal Cavaco Silva, algarvio nascido em 1939, economista, proprietário de uma vivenda baptizada com o sugestivo nome de Mariani.

Cavaco Silva ascendeu à liderança do PSD num célebre congresso quase dramático realizado na Figueira da Foz, em 1985. E como se explica e que significou tal ascensão, perguntar-me-á você?

Tentarei, em primeiro lugar, caracterizar, muito rapidamente, esse partido que se chamou primeiro PPD, antes de ser baptizado PSD. Trata-se de um partido cujo núcleo inicial foi constituído por políticos oriundos de uma burguesia crítica em relação ao anterior regime estado-novista, ao seu ancilamento e estagnação, e que procurou, a partir do interior, contribuir para a reforma e abertura desse regime.

Quando, durante o consulado de Marcelo Caetano, constatarem o carácter ilusório dessas possibilidades reformistas, esses políticos evoluíram para posições cada vez mais exteriores ao regime e nelas se encontravam quando teve lugar o movimento militar dos capitães.

No novo contexto revolucionário, o PPD rapidamente partilhou o poder e nele vieram a convergir diversos sectores da sociedade que procuravam assim integrar-se na nova ordem democrática, sem no entanto abdicarem de uma visceral desconfiança pela esquerda, repudiando a ideologização dos discursos de partidos como o PS, e motivados normalmente por uma visão da intervenção política como investimento para subir na vida e ganhar um lugar ao sol.

Líderes como Sá Carneiro, Magalhães Mota, Pinto Balsemão, imprimiam, no entanto, a esse partido e à sua acção, a marca das suas capacidades inquestionáveis, da sua dimensão política e, sobretudo, daquela página cultural de quem não precisa de vestir um fatinho novo partidário para parecer importante.

O crescimento do partido por força da sua presença no poder e do carisma de Sá Carneiro, o magnetismo clientelista obtido após ter consolidado posições no aparelho de Estado e ganho uma dinâmica de formação «apanha-tudo» em termos sociais, em breve geraram conflitos e tensões diversos: uns de carácter doutrinar e estratégico que provocaram as primeiras convulsões e cisões, outros reflectindo precisamente o contraste crescente entre dirigentes que, com a revolução ou sem ela, pertenciam pela sua origem e percurso à classe dominante e destinada a governar, e aqueles que só graças às bruscas mudanças havidas tinham emergido de obscuras repartições públicas, de discretas faculdades, de modestos escritórios, provincianos, ambiciosos, impacientes, sôfregos de prestígio social e das benesses dos cargos políticos, entendidos não como etapas de uma profissão, mas como sinecuras que se obtêm bajulando o líder, negociando nos corredores de congressos e traficando influências.

Com a morte de Sá Carneiro foram estas últimas condições que se agravaram dado o vazio de poder criado, e Pinto Balsemão, que encarnava essa primeira espécie de dirigentes «naturais» - digamos assim - por origem de classe, seria com outros derrotado pela *jacquerie* da segunda espécie de que Cavaco Silva se tornaria o campeão. Não por acaso a este se viriam juntar jovens tecnocratas que pensam com *inputs* e *outputs*, ex-esquerdistas procurando a «respeitabilidade» da direita, um regimento de *yes men* que servem quem pague melhor e de *yuppies* para quem a democracia é uma questão de deve e haver.

Assim estavam lançadas as bases do cavaquismo.

A seguir:

«Da ideologia e da ética»

INTERNACIONAL

B R E V E S

França: 60 feridos em manifestação de agricultores

Sessenta pessoas entre os quais agentes da polícia ficaram feridos durante os recontros entre agricultores revoltados e as forças policiais ocorridos um pouco por toda a França por ocasião do dia nacional de mobilização promovido pelos sindicatos dos agricultores. Segundo fontes sindicais, mais de 200 mil agricultores aderiram à iniciativa, manifestando em toda a França para dar «o último aviso» ao Governo acusado de não ter consciência «da gravidade da situação» dos agricultores vítimas das consequências da seca. Os agricultores reuniram-se em diversas manifestações, ergueram dezenas de barricadas nas estradas e vias ferreas, organizando, além disso, verdadeiras acções-comando contra os municípios da região. Os recontros foram particularmente violentos em Evreux e Angers, duas cidades no Oeste da França, onde se registou o ferimento de 29 polícias.

Cuba raciona combustível

O Governo cubano anunciou restrições ao consumo de energia para compensar a falta de dois milhões de toneladas de petróleo que deveriam ter sido fornecidos pela URSS. O abastecimento de gasolina foi cortado em 50 por cento aos veículos de Estado e em 30 por cento aos veículos privados. Cortes não especificados também irão afectar o fornecimento de «diesel» destinado às empresas estatais. «Até agora, quase dois milhões de toneladas de petróleo e derivados não foram entregues e é impossível que um défice tão elevado, um quinto de todo o fuel que devia ser recebido, não tenha efeitos sérios no funcionamento da economia e da vida do país», disse a televisão cubana ao anunciar as medidas de racionamento. O Governo, por seu lado, anunciou também que não irá efectuar compras compensatórias a outros países, justificando-se com o aumento dos preços mundiais do petróleo provocados pela crise do Golfo.

Ódio em congresso

A conferência «Anatomia do Ódio», realizada em Oslo, terminou ontem com um apelo aos pais, professores, Governos, Instituições de ensino e à Imprensa para que procurem formas de impedir o conflito e a intolerância entre os homens. Participaram na conferência cerca de 70 políticos e intelectuais, entre os quais Nelson Mandela, François Mitterrand, Vaclav Havel e Jimmy Carter. Curiosamente, e ao contrário das boas intenções manifestadas na luta à intolerância e àquele que foi definido como «a negação de todos os triunfos da cultura e da civilização», a conferência registou violentas trocas de «amabilidades». A delegada palestina, Hanna Siniora, por exemplo, sugeriu o envio de uma delegação ao Golfo para conversações com o Presidente iraquiano. Mas as suas boas intenções foram logo contrastadas por outro delegado que se opôs dizendo que as Nações Unidas deveriam ter o direito de «eliminar» Hussein. Grande controvérsia geraram também as afirmações de Nelson Mandela que ao referir-se à conferência disse que era muito «israelita».

Mohawk e canadianos abatem barricadas

Após sete semanas de confrontação os índios Mohawk e soldados do exército canadiano uniram-se para desmantelarem as barricadas erguidas pelos índios em importantes vias de acesso a Montreal. O conflito foi gerado pela decisão da Câmara de Oka de alargar um campo de golfe para o interior de uma pequena floresta que os índios consideram terreno sagrado e pertencente aos seus ancestrais.

Casos de cólera em Marrocos

As autoridades do enclave espanhol de Melilla, cidade da costa mediterrânica de Marrocos, foram alertadas oficialmente pelo ministério da Saúde marroquino sobre surto de casos de cólera nas províncias de Meknes, Féz e Táza. Apesar das províncias marroquinas não se encontrarem próximas de Melilla, as autoridades recomendaram à população de respeitar um certo número de regras de higiene preventivas para evitar a propagação da doença.

MPLA/UNITA apresentam hoje resultados da terceira ronda de conversações

Cessar-fogo é a pedra no sapato

As delegações do MPLA e da UNITA vão apresentar ainda hoje os resultados da terceira ronda de conversações que estão a decorrer em Lisboa, com vista a alcançar uma solução para o conflito angolano. O clima que tem rodeado os encontros entre as delegações é de um certo cepticismo, sobretudo no que se refere aos esforços do Governo de Luanda quanto à definição das bases de um cessar-fogo no país.

A UNITA tem-se recusado a considerar o cessar-fogo como o ponto principal das negociações, uma vez que considera que as razões do conflito são de natureza política, sendo a guerra um efeito e não a causa da situação interna no país. É neste contexto que os rebeldes exigem, entre outros pontos, o reconhecimento do estatuto da UNITA como «força política».

As posições defendidas pelas duas delegações parecem inconciliáveis, uma vez que o movimento de Jonas Savimbi está determinado em assinar um acordo de cessar-fogo apenas se lhe for concedido o estatuto de «força política», reconhecida pelo MPLA. Este facto parece estar na base do impasse em que terão caído as conversações. No entanto, nem o MPLA, nem a UNITA, nem

o próprio Governo português, parecem estar interessados na manutenção do impasse e muito menos serem responsabilizados pelo mesmo. A conferência de Imprensa marcada para hoje com a presença das delegações do MPLA e da UNITA, facto que não conteceu nas duas anteriores rondas de conversações em que apenas esteve presente o secretário dos Negócios Estrangeiros Estado, Durão Barroso, poderá ter por objectivo a empenho público das partes envolvidas nas negociações, no sentido de se

chegar a uma solução para o conflito. Empenho não quer dizer necessariamente que se tenham dado passos substanciais nos últimos dias mas que, pelo menos a nível das intenções, o processo negocial está suficientemente avançado para num futuro próximo se começar a assinar os primeiros acordos.

Recorde-se que Luanda tem reafirmado que as posições defendidas pela UNITA exigem a alteração da Constituição angolana, facto que poderá levar algum tempo, avançando-se mesmo um

prazo de cerca de dois anos. O próprio Presidente José Eduardo dos Santos, num discurso efectuado ontem, durante a sessão de abertura do Parlamento angolano, afirmou que a Assembleia Nacional iria discutir o processo de revisão da Lei Constitucional do país, mas que a adopção de um sistema multipartidário em Angola teria que ser decidido pelo 3º Congresso do MPLA, previsto para Dezembro próximo. Para já, os trabalhos da Assembleia Nacional vão incidir sobre a alteração do artigo 6º da Constituição, sem dúvida um dos pontos a acertar entre as delegações do MPLA e da UNITA, embora os rebeldes estejam preocupados sobretudo com o artigo 2º que dá ao MPLA o estatuto de força dirigente do país. No entanto, não é de excluir que esta tarde sejam reveladas durante a Conferência de Imprensa, que se realizará na residência oficial do primeiro-ministro, em S. Bento, algumas surpresas, rompendo com a nuvem de silêncio que rodeou as conversações nos últimos dias e como resultado do prolongamento das negociações que, conforme esteve previsto, deveriam terminar na terça-feira.

C. C.



Guerra em Angola: causa ou efeito?

Restos mortais de Mário de Andrade chegam hoje a Lisboa

Chegam hoje, cerca das 16 horas, ao aeroporto da Portela os restos mortais de Mário Pinto de Andrade, primeiro Presidente do MPLA e reconhecido intelectual angolano. Num comunicado enviado ao «DL» a Associação Cívica Angolana (ACA), apela a toda a comunidade angolana residente em Portugal a render a última homenagem a Mário Pinto de Andrade.

Gorbachev e Ieltsin nos braços da economia de mercado

Mikhail Gorbachev e Boris Ieltsin chegaram a acordo sobre um programa de transição da economia soviética, de socialista e planificada para a de mercado.

O acordo não foi entre apenas dois grandes nomes da actualidade política soviética. A Gorbachev não é preciso acrescentar explicação sobre o seu cargo e o seu poder. Para Ieltsin é bom lembrar as suas funções de presidente da República Socialista Federativa Soviética da Rússia. E o que é esta república federativa da Rússia?

Em breve. Vai de Leninegrado, no Golfo da Finlândia, a Vladivostok, no Oceano Pacífico. Ocupa 17 milhões de quilómetros quadrados, nela vivem 150 milhões de habitantes e é 1,7 vezes maior do que toda a Europa. A Federação da Rússia tem a posição de ser a maior república federativa da URSS. O nome de Ieltsin arrasta consigo esta realidade.

Para além de declararem (ao jornal soviético «Vremia») que tinham posições convergentes

sobre a transição do sistema económico, os dois líderes pouco mais adiantaram de concreto. Apenas anunciaram que, depois do plano estabelecido, as diferentes repúblicas federadas da URSS poderão assinar tratados económicos com o presidente da União Soviética, Gorbachev.

O presidente soviético chamou a atenção para o facto de haverem participado nas conversações não só o economista Stanislav Chatalin (autor do plano) como também representantes das várias repúblicas federadas na união, o que - disse Gorbachev - «torna o plano mais convincente e fundamentado».

Mas o plano Gorbachev-Ieltsin tem um rival: é o programa que está a ser preparado pelo primeiro-ministro Nikolai Rijkov. E este já se manifestou contra a apresentação de qualquer outra variante quando o Soviète Supremo se reuniu a 10 de Setembro, data em que este órgão deverá apreciar os dois planos, pelo menos na intenção dos seus autores.

Redacção «DL»/Lusa

Unificação alemã encalhou na questão do aborto

Sendo mais liberal a legislação comunista sobre o aborto e menos o que a lei determina no livre Ocidente, os alemães ocidentais entraram em conflito e encalharam, a noite passada, na maneira de tratar o aborto, tendo em vista a unificação alemã.

O chanceler Helmut Kohl e o líder da Oposição social-democrata, Oskar Lafontaine, reuniram-se para discutir especialmente este assunto e chegaram... a um desacordo.

A divergência está nos prazos a determinar para a coexistência da legislação liberal do Leste e a legislação restrictiva do Ocidente.

A CDU, democrata cristã, quer para essa coexistência um período de apenas dois anos, após o qual as restrições ocidentais sobre o aborto entrariam em vigor também na República Democrática Alemã, que nessa ocasião já assim se não chamará.

O SPD, social democrata, entende que o prazo deverá ser de cinco anos.

Este malogro de entendimento foi, no entanto, precedido por uma fase em que parecera poder chegar-se a um compromisso.

Vive aqui, aborta ali

Os cristãos democratas alemães ocidentais haviam admitido que as alemãs ocidentais pudessem ir abortar ao Leste.

Tinha sido obtido, para esse compromisso, o apoio das uniões cristãs, pois estas pareciam perfiar o critério de que a questão de abortar ou não abortar deve ser decidida com base no local de residência das mulheres em causa. Portanto, as alemãs que vivem no Ocidente não podem abortar no Ocidente mas poderiam fazê-lo no Leste.

Espira-se para esta noite mais uma reunião de emergência entre Kohl e Lafontaine. Trata-se de salvar o tratado de unificação do seu próprio aborto, pois está previsto que o documento seja assinado amanhã.

Redacção «DL»/AFP

INTERNACIONAL

Com CIA a apoiar resistência kuwaitiana

EUA deixam atitude defensiva e preparam ataque a iraquianos

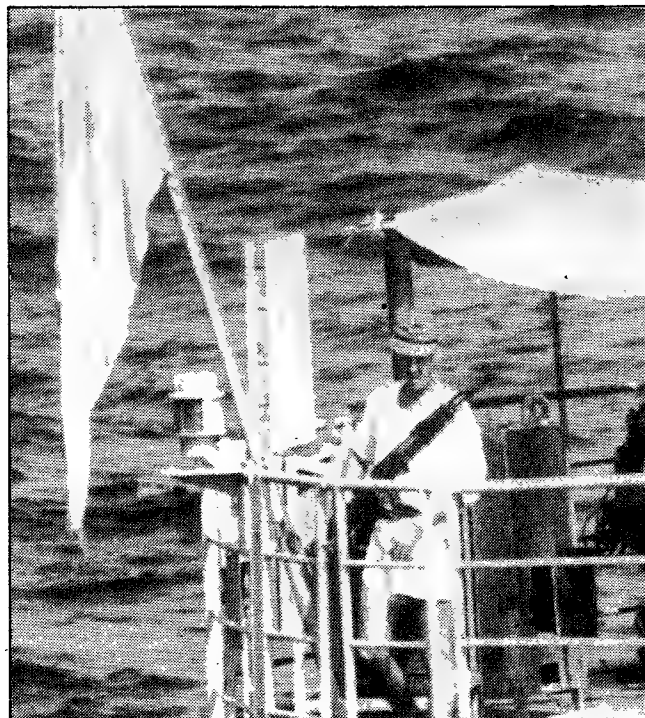
A situação começa a inverter-se no Golfo Pérsico. Vão surgindo indícios que, após terem assegurado a defesa da Arábia Saudita, os norte-americanos e as tropas dos outros países da forças multinacionais estão a preparar-se para atacar os iraquianos. Margaret Thatcher declara que «não exclui» o uso de força contra o Iraque. O senador republicano Richard Lugar, influente membro da Comissão de Relações Externas do Senado dos EUA, defende o ataque e a deposição de Saddam Hussein. Kissinger, em entrevista, partilha da mesma opinião. A cadeia de televisão norte-americana NBC revela, citando fontes do Pentágono, que a CIA está a apoiar um exército de resistência kuwaitiano o qual, segundo uma outra fonte, está a causar diariamente 70 baixas entre os iraquianos.

No meio da preparação para a guerra, vão continuando as iniciativas diplomáticas. A mais importante é a do secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar cujo encontro, em Aman, com o ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Tarek Aziz, foi adiado de hoje para amanhã. Há rumores que Saddam Hussein está disposto a negociar a anexação do Kuwait (transformando-o numa região autónoma) e a libertação de todos os reféns em troca de garantias dos EUA de que não haverá ataques. Esta proposta teria sido entregue, segundo a edição de ontem do jornal americano «Newsday», a um «antigo alto funcionário dos EUA» que a teria feito chegar a Brent Scowcroft, conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca. Mas os norte-americanos

não parecem estar dispostos a ceder. Segundo Richard Lugar é preciso derrubar Saddam Hussein porque «ele já invadiu o Irão e agora o Kuwait e, de futuro pode executar mais acções agressivas». O ex-secretário de Estado, Henry Kissinger, exortou ontem, numa entrevista à televisão francesa, os países ocidentais a «não prolongarem durante meses a solução da crise, porque o tempo joga a favor de Saddam Hussein», devido à probabilidade de desunião entre os seus adversários. Kissinger disse ainda que os reféns não podem ser empecilhos para um ataque ao Iraque, porque se os países ocidentais cederem a esta chantagem, «nenhum residente em país estrangeiro estará a salvo» de vir a ser utilizado em circunstâncias semelhantes.

Vários peritos militares norte-americanos estão a ir mais longe e adiantam os locais que deverão ser alvos de ataque. Bases aéreas, instalações de mísseis e de armas químicas e o palácio de Saddam Hussein são os alvos prioritários mais referidos. «Destruir a Força Aérea iraquiana em terra deverá ser a primeira prioridade, impedindo o Iraque de usar os seus mísseis», afirma Barry Rubin, especialista em questões do Médio Oriente no Washington Institute. «Outros alvos deverão ser depósitos e linhas de abastecimento, bem como locais de produção de armas químicas. Nós sabemos onde estão essas instalações e os satélites estão a tirar belas fotografias», acrescenta Rubin.

Um antigo funcionário das



Um marinheiro soviético monta guarda num destroyer ancorado no Golfo de Ormuz

administrações Nixon e Carter, William Quandt, diz quase o mesmo: «Penso que a primeira preocupação dos EUA deverá ser a de neutralizar a capacidade dos mísseis terra-terra iraquianos e, depois, sem qualquer tipo de dúvida, deixar a Força Aérea tomar conta do ar».

CIA apoia resistência

Mas os EUA, segundo a cadeia de televisão NBC, que cita fontes do Pentágono, também estão a promover acções secretas contra as tropas iraquianas no Kuwait. A CIA e os «Boinas Verdes», uma força de elite das tropas terrestres, têm apoiado um exército de resistência kuwaitiano que lança todos os dias operações contra o in-

vasor, sobretudo de emboscadas a comboios militares e acções de sabotagem. Nenhum soldado norte-americano participa directamente das operações.

A resistência kuwaitiana está sediada na Arábia Saudita, país que a financia, juntamente com o Governo do Kuwait no exílio, sendo treinada pelos Boinas Verdes na manipulação de armamento e táticas de infiltração. A CIA, por seu turno, fornece informações, mapas, armas espaciais, material de comunicações e diz quais os objectivos a atingir. A resistência é constituída, segundo as mesmas fontes do Pentágono, por milhares de soldados kuwaitianos que conseguiram fugir para a

Arábia Saudita durante a invasão e por civis recrutados nos países do Golfo.

Um dos membros dessa resistência deu ontem à noite uma entrevista ao segundo canal da BBC. De costas para a câmara, afirmou que ultimamente os kuwaitianos matam ou ferem 70 soldados iraquianos por dia. O membro da resistência afirmou que só num ataque a um autocarro militar iraquiano tinham causado 80 mortes e que o conhecimento do número exacto de baixas se deve ao facto dos kuwaitianos continuarem a gerir o serviço hospitalar no país ocupado.

Saddam Hussein deu ontem a primeira entrevista a um jornalista ocidental desde o início da crise. Durante cerca de uma hora falou com Dan Rather, da cadeia norte-americana de televisão CBS, tendo afirmado que os EUA sofrerá uma derrota pior do que a do Vietname se atacar o Iraque, que deseja a paz e que quer conversações com Bush e Thatcher. Desmentiu a existência de qualquer proposta secreta dirigida a Washington e reafirmou a sua intenção de autorizar a saída de mulheres e crianças.

Embora os Governos ocidentais continuem a desconfiar de Bagdad, advertindo que pode ser uma manobra para conseguir localizar os estrangeiros que ainda não se entregaram às autoridades, hoje de manhã duas mulheres - uma espanhola, grávida de sete meses, e uma britânica - desembarcaram no aeroporto de Aman, dizendo que Saddam Hussein deverá cumprir a sua palavra. **Redacção «DL»/Lusa/AFP**

Petróleo: aumentam produção e preço

No seguimento da decisão tomada, ontem, em Viena, por membros da OPEP, a Venezuela anunciou, esta madrugada, a sua decisão de aumentar a produção de petróleo. O plano prevê a subida para um total de 2 milhões e 130 mil barris por dia e será aplicado até Dezembro. Este aumento significa mais 200 mil barris/dia.

Na ausência do Iraque e da Líbia, a OPEP justificou a sua decisão de aumentar a produção com a intenção de «estabilizar o mercado e garantir a segurança do abastecimento», após o embargo da ONU ao Iraque.

A decisão dos dez países produtores que se reuniram na capital austríaca, integrados na Comissão de Vigilância da OPEP, autoriza os membros da organização a aumentar a sua produção desde que tenham excedentes. O vice-primeiro-ministro da Venezuela, Raul Tayllardat, classificou esta decisão como «uma grande vitória» do presidente Carlos Andres Perez. Recorde-se que também o Irão não esteve presente na reunião de Viena.

Mais petróleo para os EUA

Por seu lado, o México declarou que vai aumentar para um dólar e meio o seu preço do barril de petróleo, o que significa uma subida de 0,3 dólares. A medida entrará em vigor depois de amanhã. Ao mesmo tempo, as autoridades mexicanas comprometeram-se a fornecer mais 100 mil barris/dia aos Estados Unidos, seu principal cliente.

O Iraque reagiu à decisão da OPEP, considerando ser «ilegal todo o aumento de produção por parte de um país membro da organização». O ministro iraquiano do petróleo, Issam al-Jalabi, afirmou que a Comissão de Vigilância não tem poderes para tomar uma tal decisão, poderes que só cabem ao Conselho de Ministros da organização. «Está prevista uma reunião do Conselho para Dezembro e só nessa ocasião se deveria tomar a decisão» - acrescentou o ministro iraquiano. Issam al-Jalabi acusou a Arábia Saudita e a Venezuela de haverem exercido pressões indevidas para conseguir o aumento.

Segundo cálculos de especialistas norte-americanos, este aumento da produção visa compensar a perda dos cerca de quatro milhões de barris/dia que decorre da aplicação do embargo ao Iraque e ao Kuwait.

Observadores em Nova Iorque pensam que a coincidência entre esta decisão da OPEP e a presença em Aman do secretário-geral da ONU, em missão diplomática, poderão levar Saddam Hussein a procurar alguma forma de compromisso.

Redacção «DL»/AFP

FNACINVEST SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, SA

Capital Social — 4 680 000 000\$00
Pessoa colectiva N.º 500095620
Matrícula N.º 28 116 Cons. Reg. Com. Lisboa
Sede Social — Av. Ceuta, «Edifício FNAC», Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

1. Nos termos da Lei e do Contrato de Sociedade, convoco os Senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral, no dia 10 de Outubro de 1990, pelas 15 horas, no local da sede, com a seguinte «Ordem do Dia»:
Ponto Único — Proceder à eleição de novos órgãos sociais.
 2. As informações mencionadas no Art.º 289.º do Código das Sociedades Comerciais encontram-se, desde a presente dada, à disposição dos Senhores Accionistas, na sede social.
 3. Poderão assistir e participar na Assembleia os Senhores Accionistas possuidores de 20 ou mais acções, desde que as mesmas se encontrem depositadas, registadas ou averbadas em seu nome durante os 15 dias anteriores fixados para a reunião, sem prejuízo de os Accionistas, possuidores de menos de 20 acções, se poderem agrupar e fazer representar para o efeito, nos termos da Lei.
 4. A cada 20 acções corresponde um voto. Ao representante de mais de cinco accionistas não será contado mais do que o número de votos a que eventualmente tenha direito enquanto accionista, acrescido dos votos correspondentes, no máximo, a 5% do capital social.
- Lisboa, 22 de Agosto de 1990.
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
José Manuel Galvão Teles



ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

- Peq. Suplemento p/ocupação single.
 - 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
- Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058) 82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.





As forças norte-americanas e árabes que se encontram na Arábia Saudita ainda necessitam de pelo menos um mês para estarem completamente preparadas para atacar os iraquianos no Kuwait

Norte-americanos mandam equipamento militar pesado

Forças na Arábia Saudita já possuem capacidade ofensiva

«O nosso objectivo é preservar a paz, mas se rebentar um conflito nós estamos determinados e o Iraque será devastado porque esta guerra não será como a que Saddam Hussein enfrentou no Irão». No luxuoso edifício do ministro da Defesa e da Força Aérea, o general e príncipe Khaled Bin Sultan, que acaba de ser nomeado o comandante da força arabo-islâmica, não tem papas na língua.

Estendendo um rol de erros de cálculo do Presidente iraquiano, que, segundo ele, «não acreditava que o rei Fahd reagisse tão depressa e tomasse a corajosa e histórica decisão de pedir a ajuda a países amigos, entre os quais os EUA», o general Sultan afirma: «O Iraque deve retirar-se do Kuwait e a família real deve regressar. Caso contrário o Iraque será destruído. Temos que ter a certeza que a segurança da

Arábia Saudita está garantida, agora e no futuro».

Isso implicará a presença permanente das tropas estrangeiras na região? Negando esta hipótese, o general pronuncia-se de uma forma pouco clara sobre a questão, tanto mais que partilha, embora sem o dizer expressamente, o sentimento generalizado segundo o qual a melhor garantia para a Arábia Saudita é, nem mais, nem menos, o derrube de Saddam Hussein.

Força arabo-islâmica

A força conjunta arabo-islâmica é composta oficialmente pelo exército saudita e pelas unidades do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), organização que compreende a Arábia Saudita, Kuwait, Bahrein, Qatar, Emiratos Árabes Unidos e Oman. Estão ainda presentes tropas marroquinas,

egípcias, sírias, do Bangladesh e cerca de dois mil *mudjaeddin* afegãos. Estes últimos encontram-se numa situação algo diferente da que vivem na guerrilha contra o Governo do seu país, confrontados com as duras condições do deserto, na ausência de uma multiplicidade de armamento.

As forças norte-americanas na Arábia Saudita continuam sob comando próprio, mas, sublinha o general Sultan, «a cooperação e a coordenação com os EUA são bastante estreitas».

Os *marines*, que continuam a afluir ao reino através de uma ponte aérea que não diminui de intensidade, receberam terça-feira o primeiro equipamento pesado enviado por barco. Dois navios de guerra descarregaram em Damman os primeiros carros de combate Abrams M-1, último grito da tecnologia

norte-americana que pela primeira vez saem dos EUA. Estes carros de combate são destinados à 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada: 16.500 homens chegaram por avião durante os últimos três dias, cinco mil veículos (para além dos Abrams M-1), os rápidos carros de combate Bradley, canhões de 155 mm com tracção própria, transportes de tropas blindadas e lançadores de fogos.

Capacidade ofensiva

Segundo os peritos, a chegada desta unidade foi o ponto de viragem na transformação do dispositivo norte-americano de uma força de defesa para uma com capacidade ofensiva.

«Ainda não entrámos na zona perigosa», diz a este respeito um perito militar. Segundo ele, é necessário pelo menos um mês até que o dispositivo norte-americano

esteja operacional. Salvo um incidente (hipótese que não é de excluir) que exigisse uma resposta rápida, os EUA não estão ainda completamente preparados para uma ofensiva. Todos os *stocks* estão ainda por constituir. Desde as munições aos víveres - fornecidos em cerca de 80 a 90 por cento pela Arábia Saudita, menos a água, que os norte-americanos fazem questão de trazer de casa - e aos combustíveis, também em parte fornecidos pelos sauditas, à excepção de alguns tipos específicos empregues na aviação. «Não é possível arranjar isto tudo em apenas dez dias», afirma o ministro saudita da Defesa.

No entanto, no momento actual, o exército iraquiano, quer no Kuwait, quer no seu próprio território, está sob vigilância constante. Aos quatro AWACS (aviões-radar) sauditas, vieram juntar-

se mais seis dos EUA e os Nemrod britânicos. Quatro ou cinco destes aviões estão permanentemente em missão de vigia. O movimento dos aviões iraquianos, espalhados por todo o país, e as rampas de lançamento de mísseis (que não foram deslocadas) estão a ser rigorosamente vigiadas.

Será que o tempo concedido à diplomacia não é o estritamente necessário para deixar completamente operacional o dispositivo militar norte-americano? Podemos colocar a questão, embora, pelo menos os sauditas estejam conscientes que ninguém deseja a guerra. Mas pretender simultaneamente a paz e a queda de Saddam Hussein é uma verdadeira quadratura do círculo e, enquanto se espera, prepara-se activamente a guerra.

Redacção «DL»/
«Le Monde»

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

	1 ANO	— 18 000\$00
	6 MESES	— 9 000\$00
Pretendo assinar a partir do dia ____/____/____	3 MESES	— 4 500\$00
	1 MÊS	— 1 500\$00

Pelo período de

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

PALAVRA PUXA PALAVRA

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telefone Nº _____

CONCURSO RTP

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Palavra Puxa Palavra, Apartado 4289 - 1507 Lisboa Codex.

ECONOMIA

Negociações do GATT entram num impasse

Delegados norte-americanos não se entendem com os europeus no que respeita aos subsídios à agricultura

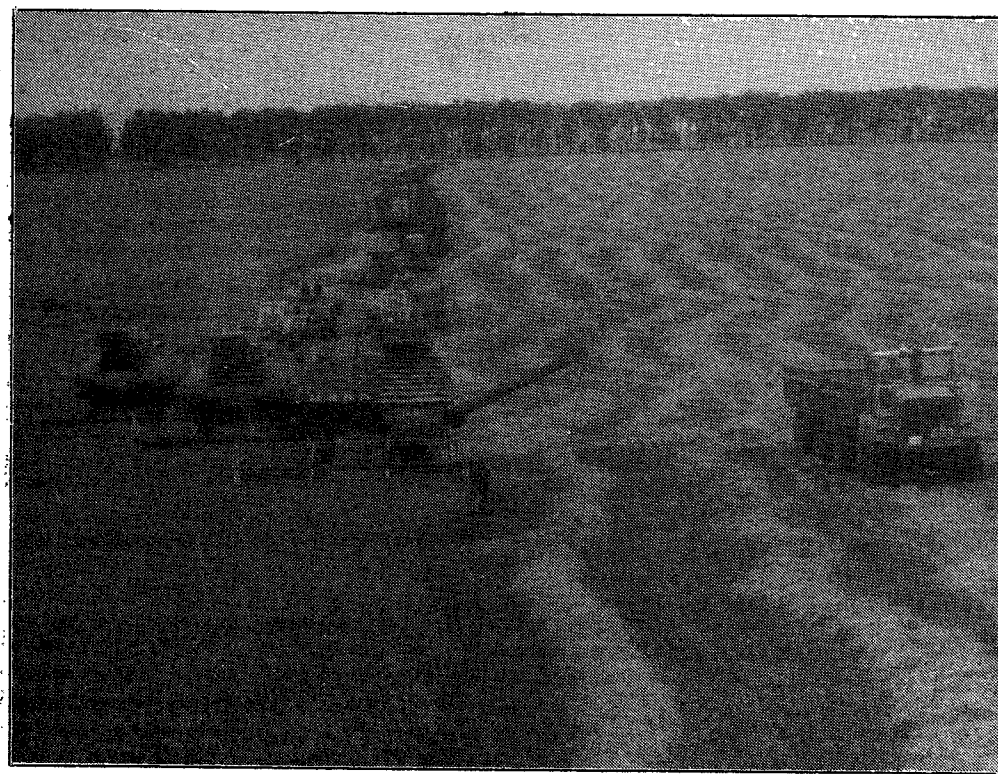
As negociações sobre o comércio agrícola multilateral, o ponto mais controverso das discussões efectuadas recentemente pelo GATT, entraram num impasse devido às incompatibilidades entre os delegados norte-americanos e os delegados da Comunidade Económica Europeia.

As informações relativas às medidas de assistência agrícola, nomeadamente os subsídios e ajudas internas devem estar concluídas até ao próximo dia 15 de Outubro, dois meses antes da reunião do «Uruguay Round» marcada para Dezembro deste ano.

A divergência entre norte-americanos e europeus radica no posicionamento em relação aos subsídios dos agricultores, que os EUA querem reduzir a zero, contrariando a política agrícola da Comunidade que se caracteriza por um apoio sistemático ao sector.

Na última reunião do GATT, Acordo Geral sobre Comércio e Tarifas Aduaneiras, efectuada no início desta semana, o representante chileno, Patricio Leiva, manifestou o seu «desapontamento» pelo impasse nas negociações, o que, a seu ver, só prejudica «os países menos desenvolvidos».

O representante da Colômbia, por sua vez, insis-



GATT: negociações encalham na agricultura

tiu na urgência em se chegar a um acordo «sob pena de se instalar uma paralisação geral nas negociações».

Cinema e TV

A produção cinematográfica e a televisiva foram igualmente debatidas pelos delegados do GATT, tendo os representantes dos EUA e do Japão, em maioria, con-

trariado as propostas dos outros delegados no sentido de limitar as produções estrangeiras em relação às nacionais.

Para o delegado norte-americano, essa limitação «é discriminatória e contraria as regras do mercado livre do GATT no sector audiovisual do comércio internacional, as quais rege cerca de 90 por

cento do comércio mundial».

O impasse no sector da agricultura e do audiovisual é real, aguarda-se agora a próxima reunião do GATT para que o regulamento das telecomunicações, construção e engenharia civil, turismo e serviços financeiros, se torne mais transparente.

«DL»/Lusa

Preço da unificação alemã não pára de aumentar

O preço da unificação alemã não cessa de aumentar, embora os milhões de dólares que continuam a inundar a economia fraquejante da Alemanha do Leste, ultrapassando todas as expectativas.

Este ano, mais de 25 mil milhões de marcos (2,17 mil milhões de contos) poderão ser necessários para acrescentar aos 11,5 mil milhões previstos.

Nos próximos cinco anos, a Alemanha Federal tenciona fornecer à RDA mais de 50 mil milhões de marcos (4,36 mil milhões de contos).

Entretanto, o desemprego aumentou na RDA, atingindo 350 mil pessoas em Agosto, contra 272 mil em Julho. É o resultado da tentativa das empresas se reorganizarem para baixar os custos e tornarem-se competitivas numa economia de mercado.

A agravar esta situação verifica-se que muitos dos investimentos da RFA, urgentes para empresas das RDA, foram congelados, aguardando uma solução para o complexo problema do direitos de propriedade e uma simplificação do pesado sistema burocrático.

Por exemplo, na semana passada a Mercedes Benz suspendeu as negociações com a IFA-Nutzkraftwagen, da RDA, que visavam a construção conjunta de um novo camião.

Por outro lado, os políticos da RFA continuam a não considerar necessário um aumento dos impostos, embora seja esperado um desemprego de 1,4 milhões de trabalhadores até ao final do ano.

A operação mais urgente de 1990 é cobrir o défice do fundo da segurança social da RDA, que paga pensões, bem como do fundo de desemprego e dos seguros médicos, calculado em 13,3 mil milhões de marcos (1,16 mil milhões de contos).

Lusa/«DL»

Banco Fonsecas & Burnay reforça sector directivo

O Banco Fonsecas & Burnay está a concretizar na presente semana um novo reforço da sua estrutura de Direcção com a nomeação de quadros superiores que transitam do BCP, do Citibank e da Arthur Andersen. Esta decisão integra-se no processo de total privatização por que passa aquela instituição bancária.

Ao Citibank, o Fonsecas foi buscar o director de Mercados, Nuno Amado, que foi empossado na segunda-feira passada no recém criado cargo de director secretário-geral, ficando responsável pela supervisão da secretaria do conselho de administração e pela coordenação de todas as empresas do grupo.

Empresas que se inserem na holding BFB-SGPS, que detém participações estratégicas, geralmente maioritárias e com intervenção nas áreas de *leasing*, aluguer de longa duração, *factoring*, gestão de fundos e patrimónios. Actualmente este banco equaciona a sua presença também nos

domínios dos seguros e dos créditos imobiliários e ao consumo.

Licenciado em Gestão de Empresas, indigitado administrador do Citibank, Nuno Amado foi, nos últimos cinco anos, responsável pelas áreas de controlo financeiro e recursos humanos. Anteriormente exerceu funções profissionais em Portugal e em Espanha.

Por outro lado, do grupo BCP-Interfundos transitou para o Fonsecas João Bento, que entrou directamente para a área de *Asset Management*. Licenciado em Gestão de Empresas na Universidade Católica, vai ocupar o cargo de director-geral da gestora de patrimónios do banco.

Igualmente foi admitido um novo assessor técnico do Conselho de Administração, cargo que vai ser preenchido por António Melho, com MBA na Universidade de Boston e que transita da Arthur Andersen.

Redacção «DL»

Portugal representado na feira de Taiwan

Uma delegação comercial portuguesa vai estar presente na Taipei Import Fair 1990 (Taiwan). Com o apoio do IAPMEI, vão deslocar-se a Taiwan representantes do World Trade Center de Lisboa, Socifa, Torralta, Focor, Sapec, Albase, Cerâmica Souselas, Farmodietica, Portel, entre outras. O certame decorre entre hoje e o dia 5 de Setembro. No dia 31 será realizado, no pavilhão português, um seminário subordinado ao tema «Portugal, o seu parceiro ideal na Europa».

Grupo Jerónimo Martins ultrapassa previsões

O grupo Jerónimo Martins registou um volume de venda superior a 50 milhões de contos em 1989, de acordo com o seu balanço consolidado. Os resultados líquidos atingiram 1,8 milhões de contos e os capitais próprios ultrapassaram os 6,2 milhões. Em qualquer dos casos foram ultrapassadas as previsões.

Cooperação e concentração isentam empresas de Sisa

As empresas que procedam a actos de cooperação ou de concentração, até 31 de Dezembro de 1993, ficam isentas do pagamento de Sisa relativamente à necessária transmissão de imóveis. A isenção será concedida pelo ministro das Finanças, a requerimento das empresas.

Sopete: facturação cresce no primeiro trimestre

A facturação da Sopete cresceu 35 por cento no primeiro trimestre de 1990 relativamente a igual período do ano anterior. A melhoria deve-se fundamentalmente aos resultados do casino, dos bingos e do sector turístico-hoteleiro.

Fiat vai suspender trabalhadores

A Fiat vai suspender temporariamente 35 mil dos seus 116 mil trabalhadores em resultado de um declínio maior do que o esperado, entre Maio e Agosto, nas vendas europeias de carros. Trata-se de responder a uma diminuição da produção, que já havia levado à proibição de horas extraordinárias.



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45\$50	51\$50
ALEMANHA FED. (marco)	87\$20	88\$40
ÁUSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	4\$057	4\$307
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	11\$15	121\$65
(notas de 5 a 1000)	11\$965	122\$15
DINAMARCA (coroa)	22\$80	23\$20
ESPAÑA	1\$374	1\$494
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136\$60	140\$10
(notas de 5 a 1000)	137\$10	140\$60
FINLÂNDIA (marka)	37\$05	37\$65
FRANÇA (franco)	26\$00	26\$70
HOLANDA (florim)	77\$40	78\$50
IRLÂNDIA (libra)	235\$05	239\$05
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$900	\$955
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	265\$15	269\$65
SUÉCIA (coroa)	23\$70	24\$20
SUIÇA (franco)	105\$90	107\$40
VENEZUELA (bolívar)	2\$615	3\$415

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Falta corpo a uma equipa com esp



Rui Águas: mais alto do que Kohler

Muitas surpresas no plantel escolhido por Artur Jorge no primeiro encontro em que se estreou como seleccionador nacional — e de Lothar Matthaus ter saído «taco-a-taco» com os campeões do mundo

Mestre Vítor Santos, esse prestigiado jornalista e credenciado tratadista do futebol legou-nos um dia este conceito: «A profundidade do futebol de um país raramente resolve os problemas de uma equipa de elite que surge, já não dizemos por um estranho processo metafísico, mas sem se saber bem como e quando, nos países do futebol. Isso acontece, mas hoje aqui, amanhã acolá e sem que haja uma obrigatória correspondência com a dimensão da sua massa praticante». Acrescentou esse meu firme amigo e admirável companheiro de ofício: «Mas, quanto à eclosão de uma equipa excepcional, daquelas que ficam na história desportiva de uma nação, a verdade, a grande verdade válida tanto para um Brasil imenso como para um Portugal pequenino, é que o fenómeno acontece, no espaço e no tempo, nunca por via científica ou laboratorial, assim como quem prepara, com todos os reagentes e catalizadores do Mundo, determinado produto químico».

Está feito o intróito da missão que ontem me levou ao Estádio da Luz, onde a renovada selecção portuguesa de futebol defrontou os actuais campeões mundiais. Pouco público, tendo em conta, as credenciais do «ilustre visitante» e sem direito a transmissão televisiva, porque o actual presidente da federação assim o entendeu.

João Rodrigues quer que os jogadores sintam o calor dos aplausos mas manda colocar no mercado bilhetes a preços proibitivos.

Trata-se de mais uma incoerência e a elas já estamos habituados. Adiante e vamos ao jogo. Para começar, Artur Jorge não foi pródigo em nos apresentar surpresas. Dois defesas-ala (Galo e Fonseca) de todo imprevisíveis, Veloso a actuar como «líbero» e Hernâni a central, foram as primeiras e logo de seguida três elementos «plantados» na frente de Silvino, o que, para os tradicionais métodos do técnico, que ontem fez a sua estreia no cargo de seleccionador nacional, se trata de uma originalidade. Naturalmente que para cada jogo existe a sua tática precisa, tendo em conta as características do opositor e Artur Jorge conhece bem o que valem uns certos senhores de nome Berthold, Buchwald, Reuter, Matthaus, Voeller, Riedle e não



Rui Águas: um já foi ao tapete



Plantel com surpresas. A primeira selecção de «Rei Artur»

ignora a familiarização existente no grupo de que o seu colega Berti Vogts herdou de Franz Beckenbauer. Daí a opção feita, quanto à escolha dos «eleitos» e a arrumação do xadrez. Artur Jorge não se equivocou e se durante o primeiro tempo foram cometidos diversos hiatos no desenvolvimento e dinâmica do jogo, no período complementar tudo foi diferente. Perdido o medo e a saída do «patrão», cérebro, motor e temível Lothar Matthaus, permitiram que a equipa de «todos nós» evidenciasse, perante a plateia, que não lhe escasseiam potencialidades para «medir forças» até com os campeões do Mundo. Conseguida a desinibição, estava «decretado» o equilíbrio, com José Carlos a «liquidar» Rieder, Fonseca (um defesa que o Benfica remeteu para

Guimarães) a «amarrar» quem lhe surgisse na zona da sua jurisdição, Veloso a demonstrar

qualidades de líder mesmo actuando num sector que habitualmente lhe não pertence.



Artur Jorge (com Páls do Amaral e Jesualdo Ferreira): um dia para recordar

Dez jogos em 53 anos

Portugal e a RFA defrontaram-se 10 vezes entre equipas «AA», com os germânicos em claro ascendente registando cinco triunfos, enquanto Portugal apenas venceu por duas vezes. Vejamos o quadro dos resultados, data, local e finalidade dos confrontos:

Data	Local	Res.	Prova
27.02.37	Lisboa	1-3	PAR
24.04.38	Frankfurt	1-1	PAR
19.12.54	Lisboa	0-3	PAR
27.04.60	Ludwigshafen	1-2	PAR
17.02.82	Hannover	1-3	PAR
23.02.83	Lisboa	1-0	PAR
14.06.84	Estrasburgo	0-0	ECE
24.02.85	Lisboa	1-2	ECM
16.10.85	Estugarda	1-0	ECM
29.08.90	Lisboa	1-1	PAR

PAR: particular; ECE: eliminatória para o Campeonato da Europa; ECM: eliminatória do Campeonato do Mundo.



Auto Monumental de Amadores S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

espírito

de Jorge para o nacional. Depois vindo — jogou-se quando

Venâncio a cumprir com acerto, Hernâni a meter o genial Voeller no bolsinho dos calções (que pena aquela atitude agressiva para com Riedle!), Pacheco a desmentir todos quantos o apelidam de toco, Vítor Paneira a fazer jorrar imaginação e criatividade por todo o relvado, André a superar toda a concorrência em força física e poder atlético, Silvino a demonstrar não ser inferior ao seu parceiro Bodo Llingner, Cadete a cotar-se como a estrela que mais brilhava e por fim Rui Águas com arte e engenho igual à que naquele mesmo estádio e por toda a Europa fora protagonizado por seu pai José.

Falta corpo

Ficam feitas as citações individuais, restando apenas dizer que o belenense Galo não brilhou e Semedo terá constituído a desilusão nocturna.

Artur Jorge moralizou a nossa selecção, o que não se estranha, tendo em atenção o seu alto grau de especialização, quer no aspecto técnico-táctico como psicólogo e não estaremos a citar qualquer originalidade, se afirmarmos, tal como nos ensinara o «professor» Cândido de Oliveira, que «o treinador português é ou tem de ser um misto de manager, de 'coach', de treinador, de massagista, de enfermeiro e até de curandeiro». Artur Jorge sabe ser tudo isso e demonstra-o através de «obra acabada». Temos selecção. O espírito de conquista está conseguido e o corpo virá depois, porque, convirá não esquecer o reduzido tempo disposto para o que ontem foi observado.

Para já, vem aí o confronto



Venâncio e Águas em despique animado

com a Finlândia no jogo inaugural da nossa caminhada para o Europeu da Suécia e os escassos dias de que Artur Jorge dispõe, para a desejada estruturação do «onze ideal», vão exigir que se mantenha a mesma disponibilidade demonstrada pelos clubes na cédência dos seus «trabalhadores» para o «serviço externo» e isso será quanto basta, uma vez que os treze ontem chamados a exame, deixaram clara afirmação de que servir a selecção é atitude de orgulho e plena realização. Mais um segredo de Artur Jorge, porque a ele (exclusivamente) se deve o revigoramento moral e psicológico de quantos pisaram o Estádio da Luz. O trabalho vai prosseguir e, estamos certos de que através dos méto-

dos e da disciplina onde Artur Jorge acoberta a sua estatura de «expert» do futebol, está decididamente instituída a crença que marcou a epopeia dos «magriços» em terras da velha Albion, no já distante, mas sempre lembrado, ano de 1966, onde Coluna, Vicente, Simões, José Augusto, Eusébio e mais um punhado de estrelas de uma companhia de doirado cartaz, fizeram baquear húngaros, brasileiros, coreanos e soviéticos.

É isso: falta dar corpo porque o espírito (vimo-lo ontem) está bacteriologicamente são.

Futre, Barros & C.ª

Resta acrescentar, para ainda mais abonar a excelente

exibição da turma portuguesa (repetimos, depois de ter mandado o medo para o deserto), que aquela não é, a nossa «selecção ideal», porque não jogou o insuperável João Pinto, esteve ausente Jaime Magalhães, Paulo Futre ficou em Madrid e Rui Barros foi mandado estar em «stand by». Estes quatro elementos (e não se zanguem comigo os meus amigos José Carlos ou Galo, Semedo ou Hernâni, Vítor Paneira ou Fonseca e Pacheco ou qualquer outro mais, por eu estar aqui a cometer esta «devandadezinha») são, em condições físico-atléticas normais, pedras-base da estrutura de qualquer selecção, ainda que seja a do «resto do mundo». E atenção, porque um ou outro dos «putos» de Riade começa a sonhar com a promoção e sabe-se que Artur Jorge é um renovador...

Não estraguem o clima

Por tudo quanto fica dito a propósito da estreia da selecção futebolística dos tempos modernos e sem ajuntar conceitos de optimismo exagerado, o que no mínimo seria extemporâneo e não teria a bondade do perdão de Artur Jorge, creio que o clima é de muita esperança. Esperança nos métodos do responsável-mor, esperança no brio profissional, talento, arte, engenho e capacidade técnica dos jogadores e, finalmente, esperança de que não haja por aí alguém que possa e queira estragar esse clima. O jogo de ontem demonstrou que o público está com a selecção e o meu voto é apenas este: institua-se o «Clube Portugal». Fica o convite.

Muito bem

Resta falar da arbitragem. Poucas palavras para o efeito, porque a equipa vinda de Itália, chefiada por Lo Bello, fez gala de colaborar no bonito espectáculo, não cometendo qualquer deslize durante todo o encontro. Uma actuação ao nível do árbitro que a FIFA escolheu e que se enquadra no prestígio que justamente lhe é reconhecido. Tecnicamente os julgamentos foram sempre fincados no código do jogo e disciplinarmente, Lo Bello, evidenciou estar plenamente

identificado com as normas universalmente instituídas.

Uma actuação modelar protagonizada por um árbitro de sábia competência. Os senhores Rosário lo Bello e os seus «adjuntos» Coppelli e Corniotti vieram ao Estádio da Luz, habitualmente, frequentado por gente muito exigente, recolher o nosso aplauso, porque souberam dignificar a missão coordenando o jogo com pleno acerto. E se fosse sempre assim?

Alves Henriques



Cadete: uma estrela que ressurgiu

PORTUGAL.....	1
RUI AGUAS 57M	
ALEMANHA.....	1
MATTHAUS 15M	

Com excelente arbitragem do italiano Lo Bello, que mostrou a cartolina amarela aos portugueses Hernâni e Veloso e ao germânico Jurgen Rohler, as equipas alinharam assim:

PORTUGAL: Silvino; Galo (José Carlos, 46), Veloso, Hernâni, Venâncio Fonseca; André, Semedo (Pacheco, 80) Vítor Paneira; Cadete Rui Águas.

RFA: Bodo Illgner; Stefan Reuter, Jurgen Kohler, Thomas Bertold e Andreas Brehme; Guido Buchwald, Uwe Bein (Frank Reinhardt, 64), Andreas Moeller e Rudi Voeller (Jurgen Klinsmann, 46); Lothar Matthaeus (Mandred Binz, 52) e Karl-Heinz Riedle.

Os golos foram rubricados por Matthaeus na sequência da marcação de um livre (falta de Venâncio) apontado por Uwe Bein (minuto 15) e por Rui Águas a dar continuidade a um excelente lance construído por Cadete aos 57 minutos.

Escolas introduzem desenvolvimento social

O ensino, desde o primário até ao décimo segundo ano, vai conter várias disciplinas na área - escola e desenvolvimento pessoal e social - a aplicar em fase experimental, já no próximo ano lectivo e cujo conteúdo principal se baseará na aprendizagem prática, soube-se junto do gabinete do ministro da Educação.

O ministro Roberto Carneiro aprovou ainda os programas para o primeiro ciclo do ensino básico (antigo ensino primário), cujos testes se iniciam em Setembro e decorrerão até ao fim do ano lectivo de 1993/94.

Ainda em Setembro, os programas para o primeiro ano do ciclo do ensino básico (antiga 1ª classe) serão levados à prática nas escolas primárias, depois de terem sido testados, no último ano, em 70 destes estabelecimentos de ensino.

O calendário agora definido pelo Ministério da Educação prevê que os novos programas do ensino básico, bem como os do secundário anteriormente aprovados, sejam aplicados nas escolas de todo o País até ao ano lectivo de 1994/95, inclusive.

Segundo Guilhermina Marques, professora numa escola do distrito de Setúbal, envolvida na experiência, os programas agora aprovados visam «desenvolver a capacidade de investigação» por parte das crianças. Através do recurso ao teatro, música e outras formas de expressão artística, «motivou-se mais a aprendizagem» sublinhou a professora.

Disciplinas como «expressão e educação musical, dramática e plástica» e «expressão e educação física e motora» fazem parte do 'currículum' do primeiro ciclo do ensino básico, além do «estudo do meio», matemática e língua portuguesa.

No entanto, quanto a esta última, Guilhermina Marques frisou que as crianças desenvolveram a sua oralidade mas, no capítulo da escrita e da leitura «tudo ficou como dantes».

Por outro lado, esta docente considerou que condições humanas e materiais deficientes no seu estabelecimento de ensino levaram a que «o sucesso da experiência não fosse desejável».

No ano lectivo de 1989/90, Guilhermina Marques recebeu do Ministério da Educação «cerca de 30 contos» para poder desenvolver a experiência, tendo frequentado quatro acções de formação.

Em liberdade há dois meses, um jovem concretizou o seu propósito, na Penha de França, após ano e meio de detenção

Uma morte anunciada na manhã lisboeta

Eram 6 e 10 da manhã quando Paulo Alexandre Lourenço da Silva, o jovem de 21 anos que se suicidou na Penha de França, na madrugada de ontem, saiu de casa. «Vou-me matar» disse para a mulher. Segundo afirmaram ao DL os seus irmãos Nicolau e Joaquim, ele «andava com estas ideias há algum tempo». De resto, três dias antes, Nicolau impedira a consumação de outra tentativa de suicídio, também por enforcamento, no terraço do prédio onde habita a família.

Quando saiu de casa, o jovem levava cinco latas de cerveja, uma embalagem de Valium e a corda com que o frigorífico estava atado para impedir que os mais novos dos 14 irmãos o abrissem.

Depois de empurrar a mulher com que vivia, que lhe impedia a saída, e de lhe ludibriar a atenção, cá fora,

consumou o acto. A morte terá ficado a dever-se a quebra de coluna e não a asfixia.

Os irmãos que falaram connosco não deixam de considerar «incompreensível» o acto, até porque, depois de ter sido libertado da prisão, levava uma vida mais ou menos calma, apesar de continuar com problemas.

Considerado pessoa «muito nervosa», sem instrução primária, encontrava-se a trabalhar numa padaria da Almirante Reis com o seu irmão Joaquim.

Quando foi detido há ano e meio por participação, sob efeitos de estupefacentes, numa briga na Graça, Paulo Alexandre encontrava-se em situação de pena suspensa. Antes, havia cumprido sete dias de detenção.

Segundo os seus familiares, acusou muito a passagem pelo estabelecimento pr-

isional, de onde fora libertado há dois meses: «Veio mentalizado que a vida para ele já não tinha sentido».

Como afirmam: «O meu irmão dizia que tratavam as pessoas como cães e não desejava que ninguém passasse pelo que ele passou». E acrescentam: «Na prisão é tudo baseado na droga». Assim, interrogam-se, «como é que esta pode acabar?».

Não espanta que, apesar de detido, este jovem continuasse a consumir estupefacentes. Uns ténis novos, de dez contos, oferecidos por um irmão, bem como roupa nova levada pela mãe, foram trocados por droga: «Lá dentro, troca-se tudo por droga».

Porém, segundo os irmãos, baixou muito o consumo destas substâncias desde que foi libertado: «Só tomava Rohypnol».

Na prisão, Paulo Alexandre

teve um comportamento que lhe permitiu beneficiar de algumas saídas, apesar das suas queixas quanto ao ambiente prisional e à comida.

Paulo Alexandre saía de casa aos 14 anos e fora para o Porto, onde «começou a frequentar certas vidas que não interessam a ninguém».

Um ano depois voltou para casa da mãe, onde se encontrava agora. Um atropelamento que sofreu então, provocou-lhe a quebra das duas pernas e da bacia.

Para o seu irmão Nicolau foram «aquelas vidas» que o conduziram à prisão e, agora, ao suicídio.

Debaixo da árvore onde se enforcou ainda eram visíveis, na tarde de ontem, alguns restos da embalagem de Valium, bem como uma lata de cerveja. Na árvore permanecia a corda...

Redacção DL

Santuário do Sameiro: 100 anos de orações

Um mistério persiste na história do velho templo

Cem anos depois de colocada a primeira pedra, o Santuário do Sameiro, em Braga, já recebeu, pelo menos, 40 milhões de visitantes. Deste século de vida, que se completa amanhã, 90 foram de obras de construção e reconstrução, de trabalhos incessantes para concluir um conjunto de edifícios que primam pela desarmónia e presididos por um gosto altamente duvidoso.

Segundo mais importante santuário português, depois de Fátima, o Sameiro surgiu da iniciativa, muito mais singela, do padre Martinho da Silva de erguer naquele monte sobranceiro à cidade de Braga um monumento à Imaculada Conceição, padroeira de Portugal desde os tempos de D. João IV. No entanto, rezam documentos da época, o «fervor» dos bracarense suplantou as expectativas de Martinho da Silva e possibilitou a construção do enorme e desajeitado templo. Os custos totais do complexo são impossíveis de calcular, uma vez que a construção se arrastou ao longo de 90 anos, mas as relações das dádivas estão arquivadas em vários volumes na Confraria do Sameiro e neles se apontam, por exemplo, ofertas em ouro que, aos preços actuais ultrapassam os 100 mil contos. A relação dessas ofertas é bem pormenorizada: 140 cordões, 30 pares de argolas, 1 035 alianças, 24 colares, 735 pares de brincos, 30 correntes de relógio, 70 trancelins, 430 medalhas, 109 pulsei-



Desmesurado em tamanho, arquitectonicamente de mau gosto, o Sameiro, apesar disso, continua a atrair multidões

ras, bem como botões, crucifixos, relógios, corações, libras e moedas antigas.

A dádiva mais valiosa foi, contudo, um colar de esmeraldas com um valor calculado na época de 400 contos e que está actualmente encastado na custódia de ouro do templo.

Apesar da «concorrência» de Fátima, as primeiras grandes concentrações de peregrinos remontam

ao final da 2.ª Guerra Mundial. A 2 de Junho de 1946 subiram ao Sameiro cerca de 200 mil fiéis para comemorar o tricentenário da eleição da Imaculada Conceição como padroeira de Portugal. Em 1951, durante uma visita ao local da imagem da Senhora de Fátima, reuniram-se no alto do monte mais de 300 mil pessoas.

De qualquer maneira, a maior concentração de fiéis foi a de 1983, quando o Papa João Paulo II celebrou missa

para mais de 1,5 milhões de peregrinos, número apenas suplantado pelos que se reuniram em Fátima.

No final do século passado, a estátua da virgem foi destruída pelo que ainda hoje não se sabe se foi «um atentado» se uma «catástrofe nocturna», como anunciam os jornais da época.

O jesuíta Fernando Leite escreve na sua «História do Sameiro» que cerca das 22 horas de 9 de Janeiro «ecoou um estrondo» que destruiu o monumento encimado por uma imagem da Imaculada Conceição em mármore, que fora concluído em 1869. Um «raio irreverente» ou um crime? Os jornais dividiram-se de acordo com as suas tendências políticas e religiosas, mas os peritos que observaram os estragos concluíram pela hipótese de uma «catástrofe da natureza».

No entanto, a polémica iria reacender-se com uma carta enviada ao reitor do Santuário por «um devoto da Senhora», onde o atentado era descrito em pormenor. Na carta, arquivada no Santuário, afirma-se que o monumento havia sido dinamitado por «um fogueiteiro de Fraião», que em troca recebera 10 moedas. Segundo o mesmo jesuíta, o criminoso tudo confessou antes de morrer.

Para além destas duas versões, um outro recebeu, na altura, uma certa notoriedade: a da má construção. Mas a história final nunca foi confirmada e está ainda no segredo dos arquivos do Monte Sameiro.

Redacção «DL»/Lusa

Programa Anos 90 sem segunda versão

O Ministério das Finanças informou os parceiros sociais de que não se realizaria uma «nova versão» do Programa Económico e Social para os Anos 90 (Pesan) e que «as propostas mais polémicas de ambos os lados serão postas em confronto na reunião do Conselho Permanente de Concertação Social, a 4 de Setembro», disse ao DL uma fonte da CGTP.

Esta posição contraria a decisão saída do último encontro do referido Conselho, no qual foram estabelecidos prazos: até dia 20 de Agosto para as centrais sindicais e as confederações patronais entregarem as suas propostas de melhoria do Pesan - que chegaram ao Ministério, embora com algum atraso - e o dia 27 para Miguel Beza apresentar uma nova versão do seu documento, já com a introdução das propostas dos parceiros sociais.

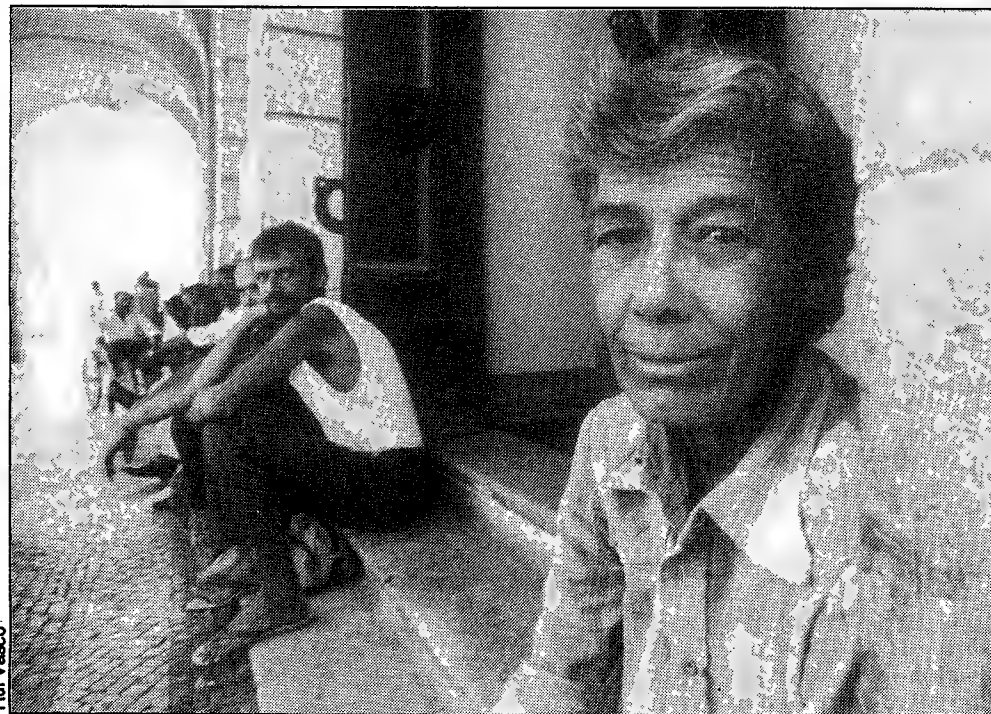
Segundo a mesma fonte da CGTP, o facto do Governo ter alterado o esquema estabelecido levou a que até ao momento as centrais não tenham agendado qualquer encontro entre si para delinear uma estratégia comum para a reunião do dia 4, conforme foi anunciado.

E.A.

Uma história de lixo com dois farrapos

Tem 56 anos, nasceu em Goa, passou por Vila Cabral, em Moçambique e veio para Portugal em 1976, logo após a independência daquela país africano. Melba Ayalla vive, há onze anos, num beco sombrio e sujo, numa casa da Misericórdia. Até há uma semana, ela e a sua amiga, Natália, repartiam entre si a imundície que as cercava. O cheiro pestilento e a bicharada que alguns meses de lixo diariamente amontoado na cave acarretam, parecem preocupar bem mais os vizinhos que as próprias locatárias.

As queixas começaram a chover na Junta de Freguesia do Sacramento, a Santa Casa da Misericórdia foi alertada e a solução tardou, a ponto de ser denunciada ao departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos da Câmara Municipal de Lisboa. Desde então, desconhece-se o paradeiro de Natália, e Melba não mais dormiu no número dois do Beco da Ricarda, passando agora as noites ao relento, ali para os lados do Teatro D. Maria II.



Melba dorme há mais de uma semana ao relento, perto do Teatro D. Maria II e conta, desde então, com a solidariedade dos seus conterrâneos

Melba conta a sua versão. Jura «pelos ossinhos da minha santa mãe» que não mente, pois «quem não deve, não teme».

«Olhe, se um dia sair nos jornais que a Melba está presa, já sabe porque foi. Se apanho Natália, eu mato ela. A vida dela está na minha mão». Melba sorri, beija as medalhas de santinhos que a protegem e em quem confia cegamente.

«Deus, a minha Senhora da Saúde e o meu santo Padre Cruz são grandes. Pergunte aos vizinhos. Eu posso mentir mas eles contam-lhe a verdade. Eu dizia a Natália: — Que estás a fazer, mulher? — mas ela aparecia com sacos e sacos cheios de roupa toda rasgada, da Feira da Ladra e com sacos de fruta que deitavam fora, no supermercado».

Melba mostra o corpo, castigado das várias viagens feitas até aos latões de lixo que a Câmara Municipal pôs ao dispor das duas mulheres. Segundo os vizinhos, «da última vez, os serviços da Câmara, fizeram três levadas, cada uma de dezoito caixotes. Só lixo».

Mas, se uma tentava limpar, a outra tratava logo de acarretar mais e mais lixo para dentro das quatro assoalhadas.

Melba lamenta-se: «A casa está em meu nome. Tenho um subsídio da Misericórdia de cinco mil escudos e só Deus sabe a fome que passo. Mas minha amiga não tinha onde dormir e eu ajudei ela. Fartei-me de lhe dizer: Natália, temos que limpar o lixo todo. Se vem cá alguém da Santa Casa é uma vergonha. Ela dizia que havia de limpar, que limpava tudo num instante mas depois de terem aparecido os senhores da Câmara, não soube mais dela».

A porta da pestilenta cave não mais foi fechada, o cheiro impestou todo o beco e os vizinhos pediram a intervenção da Junta de Freguesia que, por sua vez, contactou

os serviços de Higiene Urbana da autarquia.

Agora, a mulher teme pelo futuro da «sua» casa. Ao que se sabe, os serviços camarários não dispõem de máscaras e de equipamento adequado mas prometeram começar a limpar, ainda esta semana, o lixo acumulado meses a fio. Depois de convenientemente desinfetada — Melba colabora, promete manter a casa limpa, «hei-de-me benzer quando vir» — muito mais há a fazer.

Lurdes Santos, presidente da Junta de Freguesia do Sacramento, define claramente a sua intenção: «É preciso evitar que este ou casos semelhantes se repitam». E prossegue: «Em Maio, tive uma reunião com a Santa Casa da Misericórdia para lhes expor a situação. Até hoje, não houve solução. E isto apesar da casa ser propriedade da Misericórdia que deveria ser a primeira a zelar pelo seu património. Além disso, tanto Melba como a amiga são pessoas que precisam de um acompanhamento permanente».

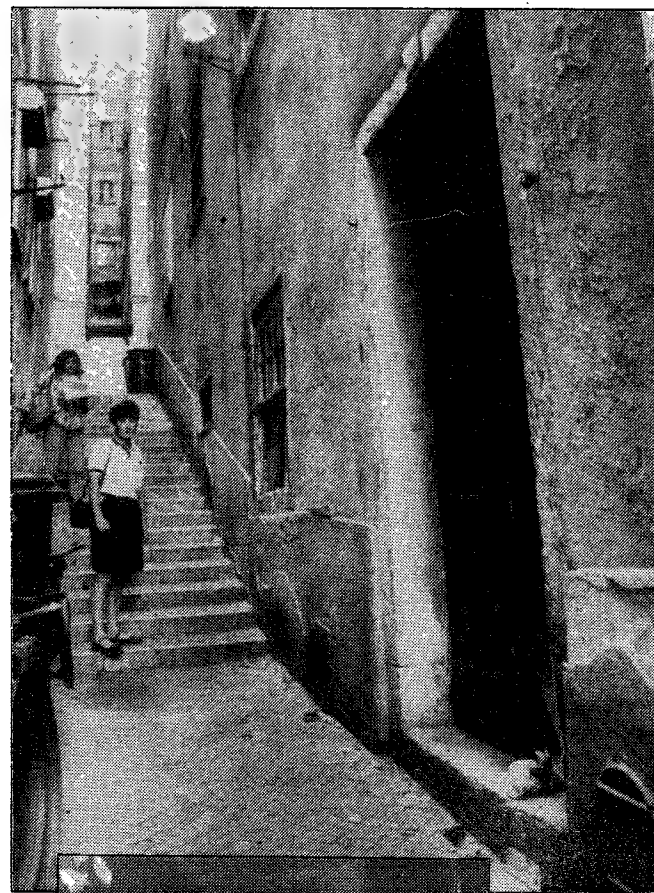
Conhecidas as duas mulheres na freguesia como alcoólica, uma, e demente, a outra, não são poupadas à Santa Casa da Misericórdia as críticas da presidente da Junta de Freguesia.

Melba, agradecida à instituição pelo subsídio que auferia, acaba por confessar que apenas uma vez a assistente social da zona se deslocou à sua casa.

A Santa Casa da Misericórdia terá, decerto, uma palavra a dizer.

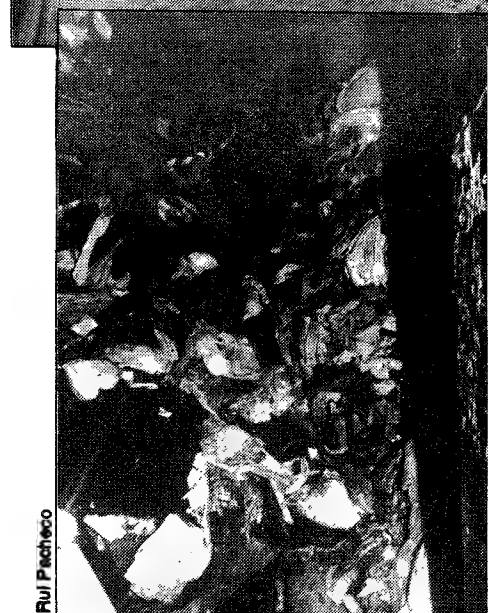
Melba, essa, continua a ser apelidada de mulher-homem, a dormir ao relento e a contar com a caridade dos «conterrâneos» que não são, afinal, tão poucos como isso.

Emília Trindade



Rui Pacheco

Na cave do Beco da Ricarda, o lixo amontoa-se até ao tecto. Os vizinhos lançaram o alerta



Rui Pacheco

O Baile do Enjoo

Tínhamos saído de Las Palmas um pouco antes de jantar. Era o «Cruzeiro Jovem Europa», agora terminado. O paquete «Dmitri Shostakovitch», em que seguia o cruzeiro, dobrara o molhe principal e fizera-se ao mar. Na sala de jantar, garfos e facas atacavam a «entrada»: caviar, com tosta, alface e etc. Mas quando chegou o pato com laranja registaram-se as primeiras desistências. A vaga era cavada, o paquete arfava e adornava como grande baleia incomodada.

Pouco depois chegava a notícia de que a impecável tripulação soviética (aliás ucraniana) já andava a distribuir por todo lado os sinistros cartuchinhos do enjoo. Uma hora mais tarde, havia manchas e restos de serradura nas alcáti-fas dos corredores.

A sala de jantar ficou meio vazia, antes da sobremesa, e os altifalantes anunciaram o cancelamento de quase todo o programa de animação previsto para essa noite. Desapareceram a Passagem de Modelos, a Noite dos Canários, o Concurso O Artista e Você e a Noite Musical RFM. Ficou de pé só a Animação Musical ao Vivo, no grande Salão de Dança.

Duas escolas de pensamento

Boa parte do «Cruzeiro Europa Jovem» recorria entretanto e desesperadamente aos comprimidos contra o enjoo, tanto mais que até aí a viagem decorrera em mar quase estanhado. Alguns sobreviventes ainda foram vistos no Varanda Bar, com a chaveninha de café na mão.

Duas escolas de pensamento rapidamente se espalharam a bordo do «Dmitri Shostakovitch». Uma, recomendava os comprimidos. A outra, defendida por Micha, o chefe de cozinha, aconselhava o vodka duplo.

Mas pelas 23 horas o Salão de Dança (250/300 pessoas) estava cheio.

E aí iria começar o Baile do Enjoo.

Os músicos atacaram a música com brio. Um par começou a dançar. Nesse par, ele estava visivelmente nas chamadas vascas da agonia. Misturara comprimidos com vodka duplo. É mortal. Pouco depois recolhia, primeiro, ao sofá, logo em seguida ao beliche. O bom exemplo fora, porém, dado.

E até às duas da manhã, os não-enjoados, os meio-enjoados e mesmo alguns dos enjoados dançaram furiosamente, organizando filas de dança que circularam por entre os sofás, cantando e meneando-se.

O tango teve as devidas honras dos passos de estilo, só eventualmente desvirtuados pelas escorregadelas resultantes dos balanços do «Shostakovitch». Nalguns casos, os dançarinos atravessaram as pista de dança de um lado ao outro, em grande velocidade e passadas descontroladas.

Um par, quando fazia o grande final, despistou-se e aterrou no colo de meia dúzia de meio enjoados que haviam ficado prudentemente nos sofás. Mas a alegria, mais amarela ou menos amarela, foi efusiva e a brincadeira da juventude



«...filas de dança que circularam por entre os sofás, cantando e meneando-se»

tude venceu as agruras do Atlântico. Valeu mais do que a epopeia de Quinhentos, nas caravelas!

Pontos finais

Nem só de bailes e enjoos se fez o cruzeiro. O programa foi vasto, quase demasiado vasto. Permitia a tentação de só se ir para a cama a meio da madrugada e pelas sete da manhã éramos todos aterrorizados por uma voz, masculina mas agradável, que de pronto nos ameaçava com o primeiro almoço das 08.00 às 10.00 e sessões de ginástica e painéis sobre grandes temas e torneios e concursos e ténis de mesa e não sei que mais. Mas nada era obrigatório e, portanto, havia grande variedade para se escolher o que mais apetecesse.

O capelão do cruzeiro, padre Caetano Tomás, conquistou simpatias gerais por atacar de frente duas das grandes questões da juventude: o sexo e a droga. Não teve medo.

Havia tímidos a bordo. Um dos jovens aconselhou: arranjem reuniões para eles, em pequenos grupos, até porque neste cruzeiro estiveram pessoas de regiões muito diferentes e que tinham dificuldade em fazer amigos novos.

E ainda se falava do Baile do Enjoo e já um dos jovens, aliás grande vítima do enjoo, proclamava: «Quero dar os parabéns ao Grupo Media pelo seu trabalho neste cruzeiro e também a todos os que organizaram isto! Acho que foi benéfico para a juventude».

Paulo David

PPM quer abater corte de árvores

A proibição do abate ou transplantação de árvores com um diâmetro de tronco, à altura do peito, superior a 10 centímetros é um dos pontos que ressalta da proposta de Normativa Urbanística sobre a plantação de árvores de alinhamento que esta manhã o vereador do PPM, Luís Coimbra apresentou, em conferência de Imprensa.

Além desta medida, o vereador monárquico defende na proposta, a apreciar em breve pelo plenário municipal, que «as novas árvores de alinhamento no momento da sua plantação devem ter um diâmetro de oito centímetros».

A escolha deste momento para a apresentação da proposta não deverá ser alheia ao facto de recentemente se terem registado alguns cortes de árvores na cidade de Lisboa, nomeadamente na zona das Avenidas Novas e na Avenida da Índia.

Para Luís Coimbra, a capital deve possuir «uma estrutura verde capaz de melhorar o ambiente através do ar livre e do recreio para os seus habitantes» e «em complemento do normativo urbanístico recentemente aprovado, a proposta visa criar um conjunto de regras a que devem obedecer a conservação, e plantação de árvores de alinhamento em avenidas, ruas e alamedas».

Segundo definem os especialistas, as árvores de alinhamento «desempenham conjuntamente com as superfícies revestidas de vegetação, um papel fundamental na cidade protegendo o solo do calcamento e mineralização, da radiação solar e contribuem para a regularização hídrica, a evaporação e transpiração, garantem a existência de ecossistemas naturais e reduzem os extremos microclimáticos (temperatura, precipitação e vento)».

Sessão pública com João Soares

Ontem, no decurso da habitual reunião pública mensal da Câmara Municipal de Lisboa, presidida pela primeira vez por João Soares, foi aprovada uma proposta segundo a qual, os novos prédios passarão a ter uma placa no exterior com a indicação do autor do projecto de arquitectura e a data da sua construção.

No período de antes da ordem do dia Marcelo Rebelo de Sousa quis saber se o município vai autorizar ou não a construção de muros de contenção na área já escavada do empreendimento Colombo. «Os muros são necessários para a segurança pois estão para breve as primeiras chuvas», disse. Foi ainda Marcelo Rebelo de Sousa que levantou uma questão insólita relacionada com o funcionamento interno da Câmara. O vereador perguntou se era verdade que um director municipal enviou para apreciação ao Ministério do Planeamento um estudo de pormenor sobre a zona do Alto do Parque sem que o trabalho tivesse passado pelas mãos do presidente da Câmara. A resposta ficou por dar já que Sampaio está de férias.

L.A.B.

Encontrado quinto corpo na fábrica Sumolis

Os bombeiros de Carnaxide encontraram esta manhã, cerca das 10 horas, o corpo de Aureliano Faria, soterrado no desabamento da placa de cimento da fábrica Sumolis, que ocorrera terça-feira. As buscas foram dificultadas pela enorme extensão da placa e pelo facto de o cimento ter secado e endurecido nas horas que se seguiram à derrocada.

Eleva-se assim a cinco mortos e oito feridos o número de vítimas do desastre. Ontem, os técnicos que efectuaram a vistoria apuraram, após uma reunião com responsáveis da empresa Vapeca, responsável pela construção e da fiscalização da obra, que o projecto estava a ser cumprido e que havia sido feito um estudo geotécnico dos terrenos.

Por outro lado, um engenheiro da Câmara de Oeiras aponta como causas «possíveis» do acidente a eventual cedência dos cocos que servem de cofragem à lajes, a rotura pontual dos prumos ou o excesso de carga motivado pelo não espalhamento imediato do betão pronto.

A empresa Vapeca aponta duas causas prováveis do acidente: ou assentamentos diferenciais no terreno ou excesso de carga pontual.

Entretanto, a CGTP e os TSD criticaram ontem a falta de segurança nas obras portuguesas, confirmada pela sinistralidade alarmante registada nos últimos dias.

Mergulhadores recolheram corpos em Santa Comba

As últimas informações recolhidas apontam para a inexistência de mais vítimas no acidente da barragem da Aguireira. O autocarro des governado não levava passageiros

Os corpos do motorista e do revisor do autocarro da CP que ontem se precipitou na barragem da Aguireira, perto de Santa Comba Dão, depois de ter abalroado um «Renault 5» - cujos quatro ocupantes tiveram morte imediata - foram recolhidos esta manhã por dois mergulhadores dos Bombeiros Sapadores de Coimbra. Elava-se assim a seis o número de vítimas do acidente e, segundo afirmou ao DL Américo Ramalho, das relações públicas da empresa, não seguia mais ninguém no autocarro.

Segundo a agência Lusa, os dois mergulhadores interromperam as operações de salvamento após verificarem que no interior do autocarro não se encontrava qualquer outro corpo para além dos de António Cleto (31 anos) e de Fernando Santos (62 anos), respectivamente o motorista e o revisor. O corpo deste último apresentava ferimentos profundos nos membros inferiores.

O autocarro está encravado entre duas rochas submersas nas águas da barragem, estando a parte traseira comprimida, segundo os mergulhadores, facto que não lhes permitiu vistoriarem aquela parte do veículo.

No interior do autocarro foi encontrada uma mala de senhora mas, segundo testemunhas, tinha sido esquecida por uma passageira.

Os bombeiros inquiriram os últimos passageiros que



A ponte da barragem da Aguireira, depois do autocarro da CP se ter despenhado.

abandonaram o veículo, tendo chegado também à conclusão de que já não havia mais pessoas no interior do autocarro.

Américo Ramalho afirmou ao DL que, segundo «o depoimento de um jovem que saiu na paragem imediatamente anterior ao acidente já não seguiam passageiros, informação que parece ter confirmação».

A mesma fonte da CP adiantou que os trabalhos das gruas para tentarem içar o autocarro iniciaram-se esta manhã às 8.45 horas e às 8.57 foi a vez dos dois mergulhadores começarem a sua tarefa. Às 9.30 horas retiraram os corpos do motorista e do revisor.

Segundo Américo Ramalho, ainda não estão apuradas

as razões do acidente, estando previsto que a comissão de inquérito da CP entregue o relatório preliminar até às 17 horas de amanhã. O veículo da empresa, segundo o mesmo responsável, «era de idade média».

Entretanto, foi também identificado o quatro ocupante do automóvel ligeiro, um «Renault 5». Trata-se de Tânia Isabel Pião, de 12 anos, filha de José Rodrigues Pião e Maria Isabel Pião, residentes em Coimbra.

Tânia viajava com Fernando Manuel de Carvalho Ferreira Valente (33 anos, assessor do procurador-geral da República), sua mulher, Maria de Lurdes Figueiral (31 anos) e a filha do casal, Judite, cuja idade ainda não é conhe-

cida. Todos os ocupantes chegaram já sem vida ao Centro de Saúde de Santa Comba.

O acidente ocorreu cerca das 19.20 horas de ontem, quando um autocarro ao serviço da CP que efectuava a ligação Viseu-Santa Comba Dão abalroou o «Renault 5», aparentemente devido ao rebentamento de um pneu, precipitando-se em seguida nas águas da barragem.

Os bombeiros, que de imediato acorreram ao local nada puderam fazer. O seu trabalho foi dificultado devido às características do sítio: aos 30 metros de altura da ponte no local do desastre, adiciona-se a profundidade da barragem, que atinge os 20 metros, o lodo e as rochas que ali abundam.

Provedor de Justiça recomenda anulação de despedimentos na RTP

O provedor de Justiça, Mário Raposo, recomendou ontem ao Conselho de Gerência da RTP que «reveja e corrija a sua atitude» relativamente ao despedimento de jornalistas da TV que exercem cumulativamente a sua actividade noutro órgão de informação.

No despacho enviado ao Conselho de Gerência da RTP, Mário Raposo considerava a ordem de serviço invocada por aquele órgão para despedir Margarida Marante, Maria Antónia Palla e Maria Elisa «virtualmente lesiva de direitos fundamentais do universo dos seus possíveis destinatários».

Salientando que «a aptidão de qualquer jornalista poderá resultar potenciada pela diversificação de actividades na área do jornalismo», o provedor de Justiça tira a ilação de que tal diversificação é mesmo «um operante antídoto à massificação, à burocratização e à estagnação criativa».

«Ora, se a independência do jornalista é um valor matricial que importa estimular, ela, por certo, tanto mais se afirmará quanto mais apto o jornalista for», lê-se ainda no despacho. Mário Raposo sustenta, também, no documento enviado à gerência da RTP, que «a diversificação de actividades dentro do jornalismo não transgredirá qualquer norma de ética



O Presidente da República recebeu Carlos Andrada (CDS), Carlos Beato (PRD), Vítor Dias (PCP) e Elisa Damião (PS)

profissional», o que apenas acontecerá se existirem «em concreto, situações de concorrência desleal».

Soares recebe jornalistas

O Presidente da República recebe esta tarde Margarida Marante e Maria Elisa, duas das jornalistas despedidas, que são acompanhadas pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas, João Mesquita. Maria Antónia Palla está ausente, no estrangeiro.

Ontem, Mário Soares teve uma audiência com representantes dos partidos da oposição, os quais lhe manifestaram

o seu desagrado pelo despedimento das três jornalistas, considerando-o como «um grave prejuízo para a liberdade de informação em Portugal».

A delegação recebida por Mário Soares integrava Elisa Damião (PS), Vítor Dias (PCP), Carlos Beato (PRD) e Carlos Andrada (CDS).

Os quatro partidos manifestaram total disponibilidade para tomar medidas «a nível constitucional e legal» para impedir que um serviço público como a RTP «seja manipulado e cometa arbitrariedades, pondo em causa o pluralismo democrático».

CULTURA

Crónica onde se sugere que quem quiser ver bons filmes reveja os que já estavam em cartaz antes das últimas estreias. Ou então vá hoje à Caparica reencontrar-se com «Citizen Kane» ou espere por segunda-feira para ir à Cinemateca. Tudo isso é cinema. Aquilo que por aí se estreou há uma semana nem pouco mais ou menos



Mau até dizer chega

Se não há mal que nunca acabe, também não há bem que sempre dure. Este durou pouco: uma semana. Foi a anterior, foram três bons filmes. Foram... porque os que se lhe seguiram em estreia é para esquecer. Todos.

E pouco importa que «48 Horas. Parte II» tenha assento em seis salas de Lisboa mais em não sei quantas da Província, de Alverca a Famalicão. Se tem, é pena, porque o filme não vale dez reis. E nem sentido teria estar aqui, nesta página, a evocar Orson Welles e «Citizen Kane» e, ao mesmo tempo, dizer de «48 Horas. Parte II» que sim, mais que também.

Sem equívocos: o filme de Walter Hill já não é cinema, se entendermos o cinema, hoje, não como um espectáculo de multidões, que há muito deixou de ser, mas como uma arte

com tudo o que isso implica, incluindo a dependência das leis do mercado.

Ora este filme que tem como únicos polos de atracção dois actores de relativo prestígio e uma série de lugares comuns do «show» da barracada, julga que é o que já não é: um espectáculo. Mas para espectáculos destes, então antes o vídeo: sai mais barato e -como diz a Agustina- a gente, de vez em quando, pode ir lá dentro comer uma pera.

De «Anjo Negro» pode-se dizer o mesmo, nas tintas que, ao contrário de «48 Horas. Parte II», se assuma como série B. É um produto, oferece-se à vista e eu, pessoalmente, rejeito-o porque toda a lenga-lenga sobre extra-

terrestres, policial e mais não sei o quê é apenas um pretexto para um pornográfico estendal de violência. E se o realizador, tecnicamente, se safa, paciência. Nestes casos -em que é só porrada- quanto melhor, pior. Antes tudo mau, que não engana.

Outro filme que não engana é «Massacre ao Pôr do Sol», do jugoslavo Branimir-Tori. Nunca se viu coisa mais tosca sobre a Segunda Guerra Mundial do que este filme supostamente antinazi. Supostamente, sim, porque, na verdade o que «Massacre ao Pôr do Sol», no fundo, quer insinuar é que na Jugoslávia, durante a última guerra, só os sérvios se opuseram à ocupação alemã.

Ora se a gente se lembrar do que hoje é a Sérvia -a nação que hegemonicamente domina a Jugoslávia e os seus diversos povos- então está tudo explicado. Não se trata de um filme, mas de propaganda barata para o exterior e não será por acaso que a cópia que aqui nos chega é falada em inglês.

Aliás, esta dos sérvios falarem inglês e o filme dizer que a Sérvia, logo pelas línguas, resistiu à ocupação alemã, seria uma anedota, se não fosse qualquer coisa de grotesco. Uma desgraça mais numa semana cinematograficamente miserável. Até à próxima e que Nossa Senhora (dos bons filmes) nos valha.

Rodrigues da Silva

Sessões Especiais

«Citizen Kane» hoje na Caparica

Em 1941, Orson Welles tinha 26 anos e era uma espécie de «enfant gaté» da América. Em Nova Iorque, fizera-se notado pelas adaptações teatrais de «Macbeth» e de «Fausto», mas sobretudo pela transfigurada adaptação radiofónica da «Guerra das Estrelas» de H.G. Wells.

Na mira de um talento que a emissão radiofónica fizera adivinhar, a RKO assina, então, com o jovem Welles um contrato fabuloso. Não tanto pelo salário, bastante alto, mas, fundamentalmente, pela liberdade quase absoluta concedida a quem, como ele, se ia estreir no cinema.

A liberdade era tal que Orson Welles seria (como foi) simultaneamente argumentista, actor, realizador e produtor de um filme que se viria a chamar «Citizen Kane» (O Mundo a Seus Pés).

O filme (que a Europa só iria ver depois da Guerra) entraria na História do Cinema como uma obra-prima absoluta. Dir-se-ia que, com tal estreia, Welles iniciava a carreira de cineasta sob o signo da liberdade criadora.

Mas não foi isso que aconteceu, antes pelo contrário. O jovem talento era mais do que um rebelde, era um génio em potência e, como todos os génios, continha em si uma ameaça: a transgressão permanente de todas as regras do jogo, a começar pelas estéticas.

Era pedir demasiado à América e Hollywood iria revelar-se pequena demais

para um cineasta tão grande. Havia, pois, que tolher-lhe o caminho. E assim se fez: Orson Welles, liberdade como a usufruída em «Citizen Kane» nunca mais a teria.

Pior: sobre todos os seus projectos futuros cairia, a partir daí, uma espécie de apriorística suspeição constante que em muito lhe limitaria a obra, assinalada, mesmo assim, por outros grandes filmes.

Orson Welles, neste aspecto, não sofreu tanto como outras vítimas de Hollywood (a começar por Eric von Stronheim...). Mas sofreu, ainda assim, o suficiente para se poder dizer que «Citizen Kane» constituiu por ele uma espécie de maldição.

«Citizen Kane» passa esta noite na Costa de Caparica e é evidentemente o destaque no que respeita às Sessões Especiais da semana.

Uma semana que tem mais que se lhe diga, a começar pela programação da Cinemateca que, na segunda-feira, retoma a actividade. E é um Setembro de luxo, em especial pela retrospectiva completa de Fellini, já aqui anunciada.

Mas, antes de Fellini, temos outras coisas na Cinemateca. Assim, entre segunda e quinta-feira próximas, há o ciclo de velhos filmes / novas cópias, a começar por um Ford de 1929 e a acabar num Mizoguchi de 1956.

O calendário, a seguir, das Sessões Especiais da semana que hoje (cinematogra-

ficamente) começa:

Cinemateca

Segunda: «A Rua da Vergonha», de Kenji Mizoguchi (às 21 e 30).

Terça: «O Dinheiro», de Marcel L'Herbier (às 18 e 30); e «Dama, Valeta e Rei», de John Ford (às 21 e 30).

Quarta: «A Condessa de Monte Cristo», de Karl Hartl (às 18 e 30); e «A Conquista da Felicidade», de William Wyler (às 21 e 30).

Quinta: «A Mulher de Ninguem», de Robert Siodmack (às 18 e 30); e «Um Certo Rapaz», de Victor Fleming (às 21 e 30).

Costa da Caparica (Centro de Férias do Inatel)

Hoje: «O Mundo a Seus Pés», de Orson Welles.

Amanhã: «O Último Imperador», de Bernardo Bertolucci.

Depois de amanhã: «O Abismo», de James Cameron.

Domingo: «007-Os Diamantes São Eternos», de Guy Hamilton.

Todas as sessões às 21 e 30.

Porto (Noites Duplas do Coliseu)

Hoje: «Valmont», de Milos Forman; seguido de «Sexo, Mentiras e Vídeo», de Steve Sonderberg (às 21 e 30).

Viseu

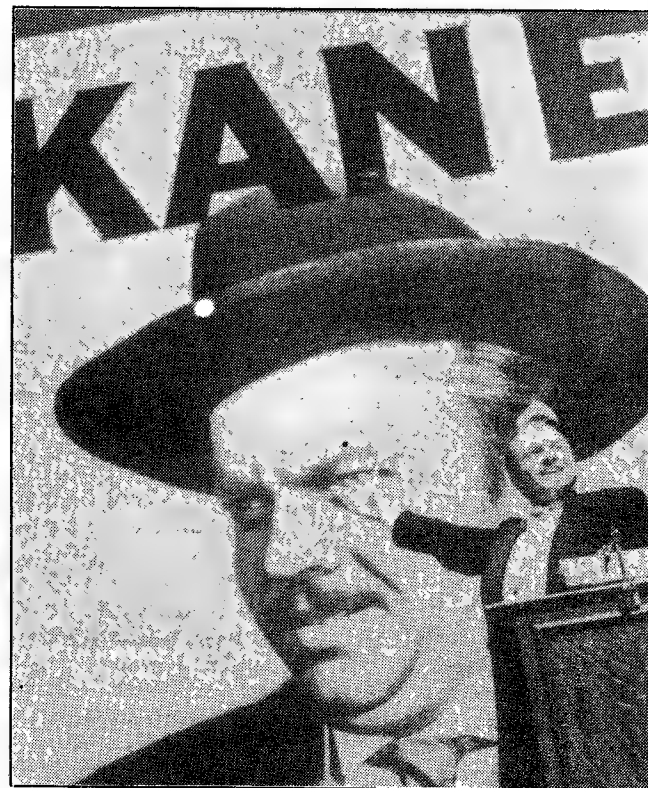
Hoje: «O Harém de Arquimedes», de Mehdi Charef (no auditório Mirra Casimiro, às 21 e 30).

Amanhã: «Nicky e Gino», de Robert M. Young (no auditório da Feira, às 21 e 30, sessão do Cine Clube).

Dias 1 a 6: «Roger e Eu», de Michael Moore (no auditório Mirra Casimiro, sempre às 21 e 30, e no dia 2 também às 16 horas).

Dia 2: «O Super Rato», de Don Christensen (no auditório da Feira, às 11 horas, sessão do Cine Clube).

R. da S.



«Citizen Kane» (O Mundo a Seus Pés)

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «E Fez-se Luz», Otavio Iosseliani (1989)
- «Gremlins 2 - A Nova Geração», Joe Dante (1990)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «Filipinas, Revolução Sangrenta», Lino de Brocca (1989)
- «Cenas de Lutas de Classes em Beverly Hills», Paul Bartel (1989)
- «Joe Contra o Vulcão», John Patrick Shenley (1990)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Regresso ao Futuro, Parte III», Robert Zemeckis (1990)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «Ninguém é Santo», Neil Jordan (1990)
- «48 Horas - Parte II», Walter Hill (1990)
- «As Minhas Noites são Mais Belas que os Vossos Dias», Andrzej Zulawski (1990)
- «Massacre ao Pôr do Sol», Branimir-Tori (1988)
- «Desafio Total», Paul Verhoeven (1990)
- «Anjo Negro», Craig T. Baxley (1989)

Em reposição

- «Jules e Jim», François Truffaut (1961)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Indiana Jones e a Grande Cruzada», Steven Spielberg (1989)
- «O Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Negócio de Família», Sidney Lumet (1989)

R. da S.

CANAL DA CRÍTICA

Concorrência desleal

Transmitir qualidade não significa que se leve a cabo uma política de qualidade. Um programinha, como uma andorinha, não faz a Primavera.

Passa na Televisão uma série de rara qualidade na obra de Dias Gomes. *O Pagador de Promessas*. Se eu tivesse a maioria na Assembleia da República votava uma lei tornando-a de visionamento obrigatório. Estamos no terreno da dignidade popular, do seu combate (que é a sua razão de ser histórica) pelo direito ao pão, à fruição da terra e da felicidade («basta de tanto sofrer, basta de tanto chorar...»). Canta-se na manifestação para a libertação de um *poceiro*. Denuncia-se a repressão, o uso da força contra o povo, condena-se a Polícia como instrumento nas mãos dos latifundiários (não sei porquê, mas tenho a impressão de que já vi isto noutra lado...) e dos poderosos. Ao mesmo tempo, alargase o campo da responsabilidade: a assistência é chamada à pedra. Aquela imagem da cruz encostada ao televisor, é sobre os nossos ombros que ela pesa...

Agora, o que sucede? Sucedem que *O Pagador de Promessas* passa no Segundo Canal enquanto, no primeiro, passa um programa sobre ilusionismo, as meninas esculturais que aparecem dentro de caixas vazias, sabem como é? Ai Freud, Freud, tu é que percebas da poda! Concorrência desleal. A provar que na RTP não se segue uma política cultural: a primazia é dada à evasão, ao divertimento puro e simples.

TV em concorrência: a velha questão

Devo queixar-me, mesmo assim?

E se não houvesse Segundo Canal, haveria a possibilidade de vermos a história de Dias Gomes?

E se o Segundo Canal não pertencesse ao Estado?

E se o Segundo Canal fosse explorado pela iniciativa privada, com absoluta dependência das leis do mercado?

Não, não veríamos. A experiência mostra que a concorrência baixa o nível cultural da Televisão. Muitas vezes, não apenas a baixa, como a mata. Na TV privada, haveria ilusionismo inglês, no primeiro; ilusionismo americano, no segundo...

Portanto, o melhor é eu dar-me por muito feliz de tudo ser ainda como é. Pedindo apenas à RTP que faça um pouco a publicidade à programação do Segundo Canal. Os destaques não podem incidir apenas sobre as histórias de crime, espionagem e violência.

O Inimigo é o CO₂

Passou a terceira *mesa-redonda* sobre ecologia e problemas afins, organizada no Castelo de Bergen, na Suécia.

As novidades não são muitas para quem, minimamente, está metido no assunto. Os sábios não têm adiantado muito.

Apontou-se como inimigo público número um, o dióxido de carbono, CO₂, dióxido de carbono. Dele são despejados bilhões de toneladas para a atmosfera e é ele o responsável pelos rimbos no ozono e pelo aquecimento da Terra.

Pronto, conhecido o inimigo, haveria que tomar providências. Segundo os sábios, os políticos não estão interessados nisso e porquê? Porque os grandes beneficiados do combate seriam as gerações futuras e essas não dão votos!

Logo, como os políticos estão interessados em que se mantenha a situação actual, são as pessoas que devem tomar sobre os seus ombros essa responsabilidade...

Para fazerem isso as pessoas deviam estar correctamente informadas - através da Televisão, da escola da Imprensa...

Mas como? - pergunta o bom-senso, como, se as televisões e as escolas são programadas pelos tais políticos?...

E pronto, o círculo fecha-se e o dióxido de carbono continua a destruir a Terra. Só porque as gerações futuras não dão votos...

O representante ecológico da União Soviética referiu a certa altura a sofreguidão no seu país pela constituição de *Joint-Ventures* com grandes grupos económicos mundiais, particularmente no domínio da petroquímica. Ouçamo-lo:

- Algumas pessoas na URSS pensam que é suficiente acabar com o planeamento de Estado e restabelecer o mercado livre para que tudo automaticamente funcione bem. A nossa sociedade desembocaria no paraíso ocidental que muitas pessoas desejam.

De facto, é um novo dogma ideológico um pouco em oposição ao anterior dogma ideológico, mas não muito melhor. Tenta-se convencer as pessoas de que as indústrias ocidentais não são ecologicamente perigosas. Sabe-se que isso está muito longe de ser verdade.

Algumas informações retiradas das ditas conferências: os países altamente industrializados produzem 97 por cento de gases CFC (gases malignos) e 75 por cento do dióxido de carbono industrial. Como é que, ó Terra, te vais safar disto?

A sugestão para os espectadores

Toda aquela manhã foi ocupada com a presença de Ju Távora, uma senhora que, segundo nos diz Ivone Ferreira, aparece em tudo quanto é coluna social.

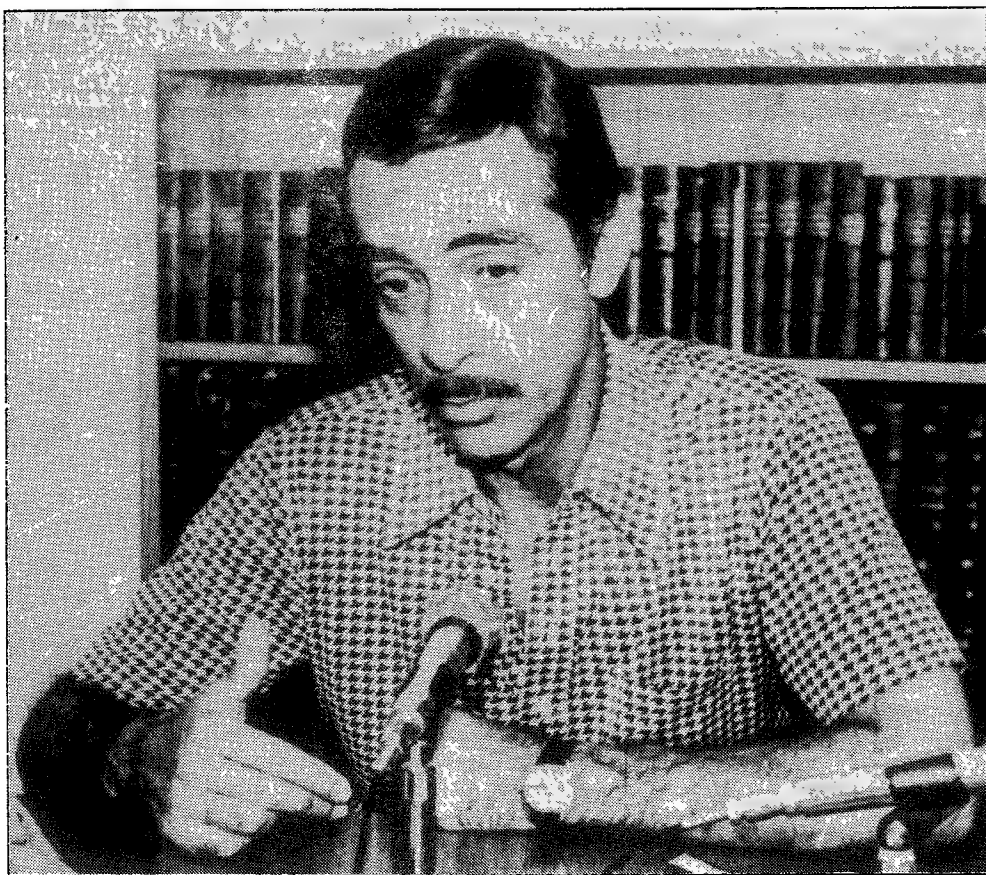
Aquela senhora mostrou possuir outras qualificações. Com interesse, por exemplo, a iniciativa de criar o Museu do Traje no Porto. Creio que a iniciativa se enriquecerá se a ideia se alargar e incluir não apenas os trajes das famílias opulentas, mas os do povo também, tão ricos de criatividade e de beleza.

A Câmara levou-nos até à casa de Ju Távora. Um espanto de móveis, de tapeçarias, de objectos de arte. Ficámos de boca aberta, sabem como é?

E as palavras da apresentadora, assim:

«Vamos ver a decoração da casa de Ju Távora. Talvez que ela tenha alguma sugestão para si.»

Ó Ivone! Então há direito



«...E se não houvesse Segundo Canal, haveria a possibilidade de vermos a história de Dias Gomes?»

de brincar assim com o pagode?

Rádio, a princesa acordou

A Rádio americana activa a preparação psicológica para a guerra. Saltam de todo o lado, utilizando os ritmos já entrados no ouvido, os *slogans* da Hora.

Jornal das Nove dá-nos alguns exemplos dessas canções:

Vamos bloquear o Iraque dia e noite com os nossos navios e aviões. Vamos gozar com o Saddam Hussein... Vamos bloquear o Iraque esta noite

O Saddam é completamente louco. Tem tanques canhões e aviões Iraque, Iraque iracofobia. Kuweít! Kuweít! Espere aí, senhor Hussein o Kuweít não é seu...

Passada à reserva, a Rádio volta a ser chamada ao activo. Repetem-se os «slogans» ao ritmo do *rock'n roll*:

Já vão as tropas americanas. Vamos a caminho. Adeus, Saddam!

Uma Rádio eufórica, princesa acordada ao fim de um sono de 50 anos:

Se a gasolina subir a culpa é do Hussein...

Incansável, 24 em 24 horas por dia, a Rádio.

No reino da anedota

Fui eu que percebi mal. Fui. Não há outra explicação. *Telejornal* enerva a gente, põe-nos em estado de tensão, baralha-nos.

Falava-se da situação no Médio Oriente. Para o

Telejornal a guerra é já para o dia seguinte, se não for para daí a umas horas.

Falava-se - e a locutora informava-nos que os Estados Unidos poderiam lançar sobre o Iraque «uma bomba nuclear táctica».

O que eu me ri! Como podemos, meu Deus, rir com coisas tão sérias! E ainda por cima, sem razão. Sim, porque fui eu que ouvi mal. Estes ouvidos já não são o que eram.

Também escutei no *Telejornal* esta frase colossal: «Quanto mais quente é o Verão, mais necessidade há de frio.»

Estão a ver o alcance filosófico da coisa?

E eu que não sabia!

O sector informativo da RTP não pode gabar-se de grande rigor no emprego das palavras. Daqui até haver rigor de informação, que distância vai?

Falava-se do ar condicionado, vantagens e desvantagens. Dizia, em *off*, uma juvenil voz feminina:

- O ar condicionado já entrou nos hábitos de compra dos portugueses.

E eu que não sabia! E eu que estou a rabiscar esta nota, quase sem poder respirar de tanta caloraça! Serei português?

A corda do equilibrista

Sinde Filipe deixou a actividade teatral. Anda metido agora num projecto de animação turística.

Mas foi de teatro que falou. Com paixão. Doridamente, também. Um dos seus desgostos: nunca ter feito Gil Vicente. Claro, como é que um actor não há-de mudar de ramo.

Mostra-se apreensivo com a facilidade com que hoje se sobe no teatro. recorda uma frase: o palco devia ser tão fino como a corda do equilibrista, para que nenhum néscio pudesse pisá-la.

A frase podia extrapolar-se a outras situações. A mim, pessoalmente, afligem-me as vozes juvenis que pululam

na Televisão. Nenhum preconceito etário. Qual a vantagem em atirar, para a fornalha, mocinhos e mocinhas inexperientes? Para quê a pressa de queimar etapas?

Poesia e futuro

Varela Silva, outro actor em nossa casa. Ele, quer dizer, uma imensa, variada experiência de vida e de palco.

Conta-nos como entrou pela primeira vez em contacto com o público: através da poesia. Sou testemunha. Assisti a alguns dos seus recitais. Havia público...

E há. Bom, desde que não o obriguem a pagar. Se, entre nós, o pão e o futebol nos levam os olhos da cara! A poesia tem-se ser gratuita. De que viveriam os recitadores? Tendo outros empregos, como Varela Silva.

Mas por que faltam hoje os Varelases Silvas? Pergunto, e tenho medo da resposta. Porque toda a poesia traz o futuro no ventre...

Isto é vida?

Entendo mal uma crítica feita com o objectivo de destruir a Televisão. Porque não seria crítica, seria uma loucura.

Entendo mal o comportamento dos responsáveis da Televisão que não avaliam a contribuição dos críticos para a melhoria (ou daquilo que eles pensam ser) do serviço público de TV. Mau uso fazem da sua responsabilidade...

Teimosamente recordo às cabeças duras da RTP que o constante desrespeito pelos horários cria um terrível mal estar face à Televisão. Uma insegurança está na base de outras inseguranças.

Cada vez há mais emprego de gravador vídeo. Quem não pode estar, grava e vê depois. Mas com esta Televisão, todos os esquemas falham. Imaginem as pragas que se rogam contra a RTP...

Só um exemplo: *Crepúsculo dos Deuses* começou com meia-hora de atraso!!!

Isto é vida? Este escândalo quotidiano?

Mário Castrim

B R E V E S

Exposição de Rui Castelo-Branco

Inaugura-se, no dia 1 de Setembro, na Galeria de Arte da Ericeira, uma exposição de Rui Castelo-Branco. Neto de Raquel Roque Gameiro, Rui Castelo-Branco começou a pintar apenas aos 44 anos, expondo pela primeira vez, em 1986, na Ericeira. A presente exposição é dedicada à paisagem urbana daquela vila, no museu da qual o pintor já está representado.

Fresco descoberto em Santa Clara-A-Velha

No mosteiro de Santa Clara-A-Velha foi agora encontrado um fresco do século XVIII que constitui contribuição importante para o estudo daquele monumento. Esta, pelo menos, a opinião de Manuela Barata, delegada regional do IPPC, que precisou de Lusa ter sido o fresco descoberto apenas uma pequena parte do todo que se supõe ainda coberto.

A par da pintura, que se encontra na parede da nave sul, foram também descobertos diversos azulejos hispano-árabes, semelhantes aos existentes na Sé Velha de Coimbra.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Bienal Internacional do Livro de São Paulo:

Um carrefour de literatura...

Antes da abertura oficial em Outubro da mais famosa das feiras de livros de todo o mundo, a de Frankfurt, está decorrendo do outro lado da Atlântico a 11.ª Bienal Internacional de Livros em São Paulo. De 25 de Agosto a 2 de Setembro o enorme Pavilhão do Parque Ibirapuera espera receber a visita de cerca de um milhão de pessoas interessadas em livros e escritores, e que poderão percorrer 22,8 quilómetros de prateleiras organizadas por novecentos expositores e espalhados por três pisos, constituindo o maior evento livresco de toda a América Latina.

Aqui, numa das maiores metrópoles do planeta, tudo parece dotado de uma esmagadora grandeza? Se os números não nos enganam só a «Grande de São Paulo» - que inclui a cidade propriamente dita, e a «elo paulista» - S. André, S. Bernardo e S. Caetano - possui aproximadamente o dobro dos habitantes de Portugal inteiro! Assim, não admira que este fórum cultural tenha uma dimensão condizente com o seu público e se revele incomportável num espaço íntimo e acolhedor onde se possa desfrutar em pleno da poesia que geralmente acompanha a viagem a esse objecto de prazer que é o livro...

A Bienal é uma feira de publicações - onde o seu preço, aliás, não é nem mais caro nem mais barato do que nas livrarias comuns, é o da tabela - cujas vantagens imediatas para o comprador residem apenas na oportunidade de tomar contacto com mais de 110 mil títulos (só que incluem cerca de 500 novos lançamentos) e, possivelmente, recolher um autógrafo do seu escritor preferido... Com um nome menos prosaico que o da sua congénere do Parque Eduardo VII, a qual já tem a veneranda idade de 60 anos e é tão apreciada pelos turistas estrangeiros que vêem nela uma originalidade que aos lisboetas passa despercebida, a BIESL é um certame imenso «tipo-Feira-das-Indústrias», onde se parecem revelar todas as virtudes e defeitos do mercado editorial brasileiro: «muito moderno em alguns pontos, mas incipiente e amadorístico noutros». Em 86 a vendagem na Bienal (750 mil exemplares) sofreu um aumento significativo devido ao aparecimento do «Plano Cruzado» que «encheu os bolsos da classe média, a mais compradora»; porém em 90, o actual «Plano Collor» parece ter provocado o efeito contrário ao da retracção, estando no entanto, prevista a venda este ano de cerca de 600 mil.

Os principais lançamentos agendados são «Onde andará Dulec Veiga» e «Ua: Brari», respectivamente dos brasileiros Caio Fernando Abreu e Marcelo Calvino; «Uma Temporada com Lacar» de Pierre Ray e «A Imortalidade» de Milan Kundera.

Quanto às «estrelas autografantes», a par da popular apresentadora da televisão Angélica (a rival desse fenómeno nacional que é a celeberrima Xuxa) e de Paulo Coelho, uma vedeta das livrarias e autor de «O Alquimista», «O Diário de um Mago» e «Frida», estarão o escritor britânico de origem nipónica Nazus Ishgurs, a jornalista gaulesa Didier Eribom e ainda a portuguesa Lídia Jorge.

Apesar de Portugal e Brasil serem «dois países separados pela mesma língua» - parafraseando Oscar Wilde quando se referia à relação entre os

Estados Unidos e a sua nativa Inglaterra - o «stand» luso é o maior de toda a Bienal, ocupando uma significativa área de 100 m². De acordo com a opinião de José da Silva Estrela, o representante da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, no Brasil «esta é a melhor» oportunidade que os paulistas podem ter para penetrar no meio editorial português. Entre a I e a VII Bienal só se expuseram obras para divulgação, mas nas edições seguintes optou-se por não frustrar mais as expectativas dos visitantes que começaram a poder finalmente adquirir as obras expostas...» De acordo com os dados do Instituto do Comércio Externo de Portugal, o livro é o segundo produto mais expressivo na balança de trocas entre os dois países, todavia, o entrevistado não deixa de, em jeito de recado, alertar as autoridades competentes para que «vejam com mais cuidado e carinho a vinda dos nossos escritores e artistas não só ao Rio e São Paulo, mas também ao Norte e Nordeste. Nessas regiões também existe uma enorme curiosidade em

relação à literatura portuguesa contemporânea. É importantíssima a presença viva de escritores, pois além de promoverem os seus próprios trabalhos, eles são um veículo de divulgação dos nossos maiores representantes do presente e do passado. O evento serve naturalmente para aumentar um interesse sempre presente naquilo que de melhor se faz no nosso país, mas até agora apenas pontualmente». No pretérito dia 25 de Agosto, o Dia de Portugal no certame, além da excelente embaixatriz das letras portuguesas, a algarvia Lídia Jorge, e de outras personalidades ligadas à escrita e edição, verificaram-se também as presenças (no Auditório da Bienal) do «Coro dos Antigos Orfeonistas de Coimbra» com os seus inspiradíssimos «fadados estudantis» e da cantora Eugénia M

elo e Castro, acompanhada ao piano por Mário Laginha, num curto espectáculo intimista e sóbrio e com uma acentuada tónica luso-brasileira.

António Laginha
em S. Paulo



Lídia Jorge

CRÓNICA DE TOUROS

Mais duas quintas-feiras

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 19 de Julho de 1990. Touros de José Manuel Andrade para Emílio Pinto, João Ribeiro Telles, Vasco Taborá, Rui Salvador, Luís Rouxinol, Pedro Franco e forçados amadores de Santarém (cabo Carlos Grave).

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 26 de Julho de 1990. Touros de António Charrua para Paulo Caetano, António Ribeiro Telles, João Salgueiro e forçados amadores de Vila Franca (cabo João Dotti) e do Aposento da Moita (cabo Manuel Duque).

Mais duas quintas-feiras no Campo Pequeno. Fora da praça as barracas de bijanias, couratos e farturas, e lá dentro os turistas atrás dos guias com bandeirinhas para que não se percam, e os emigrantes, e os eventuais misturados com os que vão a todas, no seu posto da barreira de sol a dona Maria Rebimbas, separando os ramos de flores, um para cada cavaleiro, cada forçado, cada bandarilheiro, todos hão-de dar a voltinha à arena da praxe.

Mais duas quintas-feiras de cavalaria, com a variante do pretexto: na primeira, as bodas de diamante dos forçados de Santarém; na segunda, a corrida do «Semanário», de recente tradição começada com entradas de leão, matadores de luxo no cartaz, acabou este ano rendida aos marialvas.

Da quinta-feira dos 75 anos dos amadores de Santarém, ficaram eles mesmos, pela efeméride e pela demonstração de que contam com gente para não deixar mal vistos os nomes grandes que ficaram pelo caminho, do galhardo destemor de Fernando Mascarenhas à eterna constância de Ricardo Rodas Sérgio: no grupo de hoje equilibram-se experiência e juventude, como se viu nas caras rigíssimas de Nuno Megre e António Gama, que repartiram entre si o prémio para a melhor pega da noite. Mas o prémio grande foi para o grupo, o Grau de Oficial da Ordem do Mérito, com que o Presidente da República o agraciou, em sua representação desceu à arena o general Carlos Azevedo, farda e bota alta, muito militar procedeu à condecoração na pessoa do cabo Carlos Grave, regressou ao camarote presidencial, onde ocupava o lugar do dr. Mário Soares, que para o evento não interrompeu suas férias no Algarve, e foi o que lhe valeu, não sei se o general lhe terá contado do que se livrou, uma chumbada de quase três horas e meia, os touros de Andrade chegavam à hora da recolha e diziam que não senhor, há-de ser quando eu quiser, um teve de ser enganado pela porta dos cavaleiros, e dois só laçados foram para dentro, e com demorada resistência, não há pachorra, e além disso na lide foram mansos declarados, de mais escarvanços que investidas, complicando a vida aos cavaleiros, por exclusão de partes ficou o João Telles com o prémio para a melhor lide, pôs no adorno dos cites essa graça sua, assim enfeitou o toureiro de ataque que cabia. E tudo o rosto ficou pelo cinzento, Emídio Pinto discreto com o manso parado que abriu praça, Taborá entre passagens em falso e desacertos na cravagem, Salvador desigual, sem poder mascarar as renúncias da montada, Rouxinol tapando as incertezas com um sesgo rematado por dentro e um par a duas mãos com o inimigo pasado no toro esperou à porta e ele aguentou, mas depois não dava o bicho para as cambiadas do outro dia, andou o moço à deriva, não foi o ferro de palmo final que lhe salvou a noite, nem a dele nem a de ninguém, noite sem salvação.

Já a corrida do «Semanário» foi outra música. E não só pela música propriamente dita, para abrilhantar as lides trouxeram de Alcochete a banda da Imparcial 15 de Janeiro de 1898, que outra vibração põe no passo-doble. E foi outra a música dos touros, mesmo os Charruas que mansearam deixaram-se torrear, sem falar na excelência do quinto, um castanho que António Telles aproveitou para pôr a praça com ele: terá picado aquilo que de António reclamam os exigentes do classicismo, mas o certo é que às bancadas chegou esse toque de classe, acabou reclamado para uma segunda volta à arena, entre sustentada ovação. E apesar do clamor não seria seu o prémio em disputa, porque no último chegou João Salgueiro, redobradas ganas juntou ao seu sentido do toureiro, estabeleceu o alvoroço com os exuberantes prodígios do «Herói», cavallinho capaz daquele curto sêgado, portentoso, como de naquele outro suspender a viagem, estacar na cara do manso, «põe lá o ferro para eu me ir embora». Como que à margem da competição, nesta noite esteve Paulo Caetano um senhor: arriscou no quarto ferros de pente, com o toro em tábuas, sem saída que se visse, mas foi no primeiro o mérito maior, de uma lide serena, ajustada, sem passadas em falso, os ferros preparados e cravados sem tempos mortos, nem para mudar de cavalo, um só lhe bastou para o merecimento. E decididos estiveram os forçados de Vila Franca e do Aposento da Moita, neste grupo safu o Rui Ludovico, vencedor do prémio para a pega da noite, que recebeu das mãos do presidente da Câmara, acolhido por parte do público com uma vaia de respeito, de pouco respeito melhor dito, à falta de outra explicação é legítimo que o dr. Jorge Sampaio tenha ficado com a suspeita se as quintas-feiras no Campo Pequeno não serão, a coberto da tourada portuguesa, um lugar de encontro da reacção.

Solilóquio

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Da «B.D.» para o Cinema

Fúria Silenciosa (The Punisher) - R. Mark Goldblatt (Austrália, 1989); A. Boaz Yakin a Robert Kamer, segundo banda desenhada «The Marvel», de Mike Zeck e Moriceau; M: Dennis Dreith; P: Robert Kamer/New World Productions (Austrália); I: Dolph Lundgren, Lou Gossett, Jr.; Jeroen Krabbe, Bryan Marshall, Nancy Everhead, Kim Miyori, etc. D: 87 m; Dist: Delta Filmes; Est: Kings; Cl: * (M/18 anos).

Depois de *Batman* e antes de *Dick Tracy*, demonstrando que os heróis da banda desenhada estão de volta ao cinema, em força, eis que surge *The Punisher*, outra personagem do universo dos «Comics» norte-americanos, esta com a marca dos «Marvel Comics» e autoria de Mike Zeck e Stephen Grant.

Não se trata de uma figura de primeiro plano da história dos «quadrinhos», mas parece ser bastante popular nos EUA e na Austrália, terra donde provém esta adaptação curiosa, assinada por um

desenvolto, escoreito e até visualmente inventivo Mark Goldblatt.

A história fala-nos de Frank Castle, antigo polícia que, durante a sua luta contra o crime organizado, sofre um atentado no qual morrem mulher e filhos. Castle é dado como morto, deixa a Polícia, transforma-se num furtivo «punisher» que habita as catacumbas da cidade, donde sai só para exercer a sua vingança, dando perseguição tenaz aos mafiosos que sabem não poder esperar perdão das suas mãos.

Em pouco tempo, são mais de cento e cinquenta os fora da lei executados por este «justiceiro da noite», que faz justiça pelas próprias mãos, sem quaisquer escrúpulos, mas com uma eficácia a toda a prova. O filme prova-o suficientemente, com doses acrescentadas de acção e violência (uma violência caligráfica e estilizada, é certo, mas um pouco excessiva, mesmo tendo em linha de conta o seu tom, objectivamente retirado da «banda desenhada»).

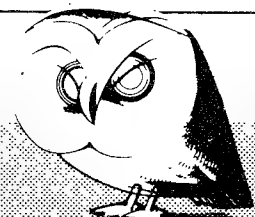
É evidente que a figura central se sente possuída por uma esquizofrenia de comportamento que o realizador dá

mais pelo ritmo da acção, do que pela representação (bastante medíocre no seu todo, e quase catastrófica da parte de Dolph Lundgren, o actor que interpreta Frank Castle, mas que o realizador procura esconder, obrigando Lundgren a uma passividade expressiva total). Mas, globalmente, *Fúria Silenciosa* só justifica algum interesse como demonstração das potencialidades de um novo realizador

australiano que, na linha de um George Miller, de *Mad Max*, consegue uma certa envolvimento, violenta e quase trágica, que pode ser um bom prenúncio para futuros trabalhos.



Lauro António



olhar de mocho

Os antepassados

Pegando de novo na emigração: o filme de terça-feira, como já foi dito, preferiu o aspecto romântico das paisagens da nossa miséria campestre e acabou besuntando tudo com saudade. O público televisivo, se é que ele assistiu à projecção do filme e à discussão, se ignorante já era em relação à emigração, mais ficou. Quer dizer, nem uma ponta de espírito crítico sobre a realidade histórica do fenómeno da emigração. É uma das páginas mais negras da política do Estado Novo, e essa página negra continua virgem e por desfolhar: os emigrantes além de serem espancados nas fronteiras quando eram apanhados, passavam depois, quando se saíam, a principais geradores de riqueza e divisas que o Banco de Portugal arrebanhava, para mais tarde, nos discursos oficiais se proclamar alto e bom som que o escudo era moeda forte. Ainda hoje não sabemos se os homens do Estado Novo fomentaram directa e propositadamente o subdesenvolvimento para chegarem rapidamente às divisas através dos emigrantes, ou se praticavam, também conscientemente, uma versão moderna da «escravatura» - exportar, nos casos em que eles saíram legalmente, mão-de-obra. Tudo isto passa ao lado dos responsáveis dos nossos programas.

O programa sobre o Klaus Barbie suscita, igualmente, reflexões sobre o nosso culto dos antepassados. A guerra das colónias. Televisivamente, o aspecto mais interessante do «Hotel Terminus» consiste em ele ser um documentário extremamente fácil de realizar: entrevistas aos implicados no assunto, brevíssimas montagens com material de arquivo, e aí está a obra-prima de informação e esclarecimento da opinião pública. Por isso, não venham dizer que não há verbas para fazer um filme sobre as guerras coloniais: o do Klaus Barbie demonstra, preto no branco, que o filme é possível e não sai caro. Compare-se o espaço, o tempo e os dinheiros gastos na TV sobre a fome em Moçambique, as conversações MPLA/UNITA, a RENAMO e a FRELIMO com o que seria necessário para, seguindo a escola do «Hotel Terminus», fazer um documentário sobre os 14 anos das guerras coloniais. Ninguém diga, que não há dinheiro.

Soldados que fizeram a guerra, ainda estão vivos, pelo menos dois ex-ministros de Salazar - um deles o das Colónias - continuam à rédea solta a botar bocas, retornados, não faltam. Então o que é que falta para se fazer o documentário?

Ficamos, assim, com o culto dos antepassados: Comissão dos Descobrimentos e a História estacionada no lugar onde o Vasco da Gama deixou encalhadas as últimas naus. Só que, antepassados há muitos, também no século XX, também nos anos 60 e 70, e se insistimos demasiado em esquecer os criminosos na espartilhada salaia que eles venham um dia mais tarde ocupar os altares dos santos, pode-nos sair na rifa uma onda iconoclasta que não distinga o justo do pecador e varra do mapa o panteão dos pseudo-heróis.

Esta mentalidade de considerar os nossos antepassados só como heróis, deixando os criminosos para os anais da Penitenciaría onde foram parar os que assaltaram bancos e assassinaram o amante da mulher, está-nos a isolar cada vez mais do resto do mundo civilizado. Qualquer dia, quando já ninguém se lembrar de nós, a Espanha inventa um Colómbio depois de festejar a descoberta.



José Sousa Monteiro

Exposição de Paul Mathieu

Com inauguração anunciada para o próximo dia 1 de Setembro, no algarvio «Vilamoura Marinotel» estará patente ao público até final do próximo mês, uma exposição intitulada «Movimentos da Natureza», da autoria do pintor Paul Mathieu.

Trata-se de um artista belga

de nascimento, que fixou residência no nosso País há vários anos e aqui tem desenvolvido a sua tendência artística, vivendo exclusivamente da pintura.

Paul Mathieu, que nos habituou a um estilo de paisagem, em miniatura primeiro e depois em médio formato, surpreende-nos agora com uma faceta abstracta, cheia de vigor e equilíbrio, não deixando contudo de se assemelhar à figuração.

São cerca de 40 os trabalhos que o artista leva ao Algarve, entre acrílicos sobre tela, plaxex e esboços, os quais lhe serviram de inspiração para as obras de grande formato.

Na sua pintura de agora, Paul refugia-se num espírito paradisíaco de lirismo, ao qual nunca renunciará, embora estas telas demonstrem frequentemente, aqui e acolá, algo de menos alegre, de mais sombrio, como que nuvens perdidas ou dispersas a carregarem um olhar.

Os seus trabalhos são, no fundo, uma espécie de soliloquio que obedece ao seu automatismo psíquico que persegue os meandros da sua imaginação.

Sobre esta nova pintura de Paul Mathieu, pode afirmar-se, sobretudo, tratar-se de uma «pintura de manchas».

Prémio Literário Cidade da Amadora

Eduardo Oliveira Moreno, residente em Carcavelos, conquistou o Prémio Literário Cidade da Amadora, no valor de 400 mil escudos, com o romance «A Diáspora».

Um júri composto por Baptista-Bastos, Maria Aliete Calhaz e José do Carmo Francisco, reunido entre as 19 e as 21 horas de ontem, tomou a decisão por unanimidade.

O Prémio Literário Cidade da Amadora, instituído pela Câmara local, destina-se a galardoar, alternadamente, uma obra nas modalidades de romance e poesia. Esta foi a terceira edição.



INATEL

cine-teatro «um lugar ao sol»

A FESTA DO CINEMA

CINE-TEATRO «UM LUGAR AO SOL»
CENTRO DE FÉRIAS INATEL DA COSTA DE CAPARICA
PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE SETEMBRO

DIA 1 - O ABISMO/The Abyss
(Sáb.)
de James Cameron (EUA, 1989)
c/ Ed Harris, Mary Elizabeth Mastrantonio,
Michael Biehn
M/12

**DIA 2 - OS DIAMANTES SÃO ETERNOS/
Diamonds Are Forever**
(Dom.)
de Guy Hamilton (Inglaterra, 1971)
c/ Sean Connery, Jill St. John, Bruce Cabot
M/12

DIA 4 - A MOSCA/The Fly
(3.ª F.)
de David Cronenberg (EUA, 1986)
c/ Jeff Goldblum, Geena Davis, John Getz
M/16

**DIA 8 - OS MARRETAS CONTRA ATACAM/
The Great Muppet Caper**
(5.ª F.)
de Jim Henson (Inglaterra, 1981)
c/ «Miss Piggy», «Sapo Cocas», «Urso Fozzie», etc.
P/T

DIA 7 - A GUERRA DAS ROSAS/War of The Roses
(6.ª F.)
de Danny DeVito (EUA, 1989)
c/ Michael Douglas, Kathleen Turner, Danny DeVito
M/12

DIA 8 - O URSO/The Bear or L'Ours
(Sáb.)
de Jean Jacques Annaud (França, 1988)
c/ Tchélély Karyo, Jack Wallace, André Lacombe
P/T

DIA 9 - A GUERRA DAS ESTRELAS/Star Wars
(Dom.)
de George Lucas (EUA, 1977)
c/ Mark Hamill, Harrison Ford, Carrie Fisher
NAM/13

DIA 11 - O AMIGO AMERICANO/Dear Amerikanische Freunde
(3.ª F.)
de Wim Wenders (RFA/França, 1977)
c/ Bruno Ganz, Dennis Hopper, Gérard Blain
NAM/18

DIA 13 - TUBARÃO/Jaws
(5.ª F.)
de Steven Spielberg (EUA, 1975)
c/ Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss
IM/13

**DIA 14 - QUEM TRAMOU ROGER RABBIT/
Who Framed Roger Rabbit**
(6.ª F.)
de Robert Zemeckis (EUA, 1988)
c/ Bob Hoskins, Joanna Cassidy & Roger Rabbit
M/6

DIA 15 - O CLUBE DOS POETAS MORTOS/Dead Poets Society
(Sáb.)
de Peter Weir (EUA, 1989)
c/ Robin Williams
M/12

**DIA 16 - OS FILHOS DO DESERTO/
Sons of Desert or Fraternally Yours**
(Dom.)
de William A. Seiter (EUA, 1933)
c/ Stan Laurel, Oliver Hardy, Charley Chase
M/6
Homemagem a «Bucha & Estica»

DIA 21 - A HONRA DOS PADRINHOS/Prizzi's Honor
(6.ª F.)
de John Huston (EUA, 1985)
c/ Jack Nicholson, Kathleen Turner, Robert Loggia
M/12

DIA 22 - MISSISSIPPI EM CHAMAS/Mississippi Burning
(Sáb.)
de Alan Parker (EUA, 1988)
c/ Gene Hackman, William Dafoe, Brad Dourif
M/12

DIA 28 - O TEMPO DOS CIGANOS/Time of the Gypsies
(6.ª F.)
de Emir Kusturica (Jugoslávia, 1990)
c/ Davor Dujmovic, Bora Todorovic, Ljubica Adzovic
M/16

DIA 29 - ET - O EXTRATERRESTRE/ET The Extraterrestrial
(Sáb.)
de Steven Spielberg (EUA, 1982)
c/ Henry Thomas, Dee Wallace, Peter Coyote
M/6

Sessões às 3.ª, 5.ª, 6.ª, Sáb. e Dom. às 21h30

Preço dos ingressos: 100\$00

DESPORTO

Lucrécia e Barroso passam «barreira»

Hoje será o dia em que Dionísio Castro, António Leitão e Carlos Monteiro disputarão a prova da légua sendo previsível haver um português no pódio

Lucrécia Jardim, medalha de bronze no Mundial de juniores nos 100 e 200 metros, qualificou-se para as meias-finais dos 200 metros do Europeu de atletismo em Split, a par de Luís Barroso.

Fazendo a sua estreia numa grande competição internacional sénior, a júnior Lucrécia Jardim garantiu o apuramento ao correr na terceira série com o tempo de 23,65 segundos, classificando-se em sexto lugar. Esta marca foi a 15.ª entre 22 concorrentes, sendo a penúltima a qualificar-se para as meias-finais, o seu actual recorde nacional de 23,26 segundos.

Luís Barroso, o recordista nacional dos 200 metros, também conseguiu a passagem ao grupo dos semifinalistas, beneficiando do facto de na sua série, a segunda, o vento ter soprado a favor com 3,4 metros por segundo. Com o vento por detrás, Barroso fez 20,81 segundos, sendo o sexto e penúltimo classificado, mas no conjunto das marcas foi o décimo quarto.

Pedro Agostinho, é que não teve a mesma sorte pelo seu lado: correu na primeira série e apenas teve a vantagem de 1,1 metros por segundo de vento e ao fazer a marca de 21,16 segundos igualando o seu melhor resultado deste ano, ficou, de fora por um escasso centésimo de segundo.

Na jornada de ontem, a jovem marchadora do União Montijo, Isilda Gonçalves, terminou os 10 km marcha em 21.º lugar, com 50,49 minu-



Imagem da prova dos 110 metros barreiras

tos e em antepenúltimo lugar, mas teve um comportamento dentro do que seria de esperar, tal como sucedeu com Maria João Valamatos nos 400 metros barreiras, onde foi eliminada com 48,67 segundos, ficando no entanto relativamente perto do seu recorde nacional de 58,12 segundos.

Marta Moreira é que desiluiu na mesma prova, ao gastar mais de um minuto (61,78 segundos), o mesmo acontecendo com Carlos Castelbranco que, de manhã, fez apenas 6,96 metros no comprimento, ao seu primeiro ensaio.

Dionísio e Leitão: vedetas em acção

Dionísio Castro regressa hoje às pistas, quinze dias depois de ter estabelecido em Zurique, a segunda melhor marca europeia do ano nos 5000 metros, correndo a segunda série, no quarto dia dos Europeus, dia em que Carlos Perei-

ra alinha na final dos 3000 metros obstáculos.

Hoje, é o dia reservado às esperanças portuguesas no sector do meio-fundo: além de Dionísio Castro, a corrida dos 5000 metros conta com a participação de António Leitão e de Carlos Monteiro, e nos 1500 metros o bracarense Mário Silva também vai tentar o apuramento para a final.

Mas nos 3000 metros obstáculos, Carlos Pereira, sem ser candidato a uma medalha ou a entrar na discussão pelos primeiros lugares, pode surpreender na final, depois de na terça-feira ter alcançado a sua melhor marca pessoal.

O sector do meio-fundo domina todas as atenções para a jornada com três portugueses nos 5000 metros e outro nos 1500 metros.

António Leitão, recordista nacional da distância série, 1982, corre na primeira série, juntamente com aquele que é

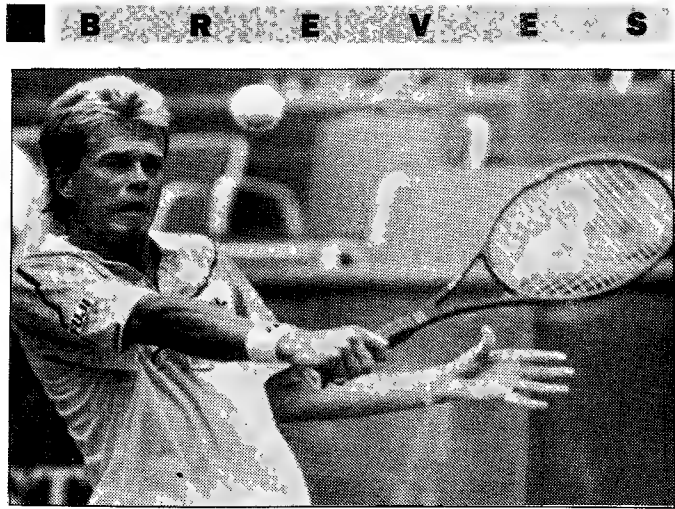
o candidato ao título, o italiano Salvatore Antibo, campeão europeu dos 10 000 metros.

RDA: mais ouro

A República Democrática Alemã conquistou mais quatro medalhas de ouro, entre as nove atribuídas na terceira jornada dos Europeus, tendo as restantes ido para a Grã-Bretanha (três), Itália e França.

Resultados: Masculinos: 800 m. — 1.º Tom McKean (GB), 1,44,76; 2.º David Sharpe (GB), 1,45,59; 3.º Piotr Pickarski (Pol), 1,45,76; 800 m. barreiras — 1.º Kriss Akabusi (GB), 47,92; 2.º Sven Nylander (Sue), 48,43; 3.º Niklas Wallenid (Sue), 48,42; Peso — 1.º Ulf Timmermann (RDA), 21,32; 2.º Sven Buder (RDA), 21,01; 3.º Viacheslav Lykko (URSS), 20,81.

Femininos: 400 m. — 1.ª Grit Breuer (RDA), 50,51; 2.ª Petra Schersing (RDA), 50,51; 3.ª Marie-José Perce (Fra), 50,84; 800 m. — 1.ª Siggrun Wodas (RDA), 1,55,87; 2.ª Christine Wachtel (RDA), 1,56,11; 3.ª Lilia Nurudtina (URSS), 1,57,39; 3 000 m. — 1.ª Uvonne Murray (GB), 8,43,06; 2.ª Yelena Romanova (URSS), 8,43,68; 3.ª Roberta Bruner (Ita), 8,46,19; 10 kms. marcha — 1.ª Anna Rita Sidoti (Ita), 44,00; 2.ª Olga Kardapolitseva (URSS), 44,06; 3.ª Ilena Salvadora (Ita), 44,38; disco — 1.ª Ilke Wyludda (RDA), 68,46; 2.ª Olga Burina (URSS), 66,72; 3.ª Martina Helimann (RDA), 66,66.



Stefan Edberg: «cabeça» que rolou

Ténis: Open dos EUA

O equatoriano Andres Gomez, 5.º cabeça-de-série, foi eliminado do Open dos Estados Unidos em ténis pelo brasileiro Luis Mattar, enquanto a Argentinian Gabriela Sabatini qualificou-se sem problemas para a terceira ronda da prova.

A eliminação de Gomez, quinto jogador mundial, constitui a segunda grande surpresa dos torneios abertos norte-americanos, após o afastamento do sueco Stefan Edberg, número um da prova, também na primeira ronda.

Luiz Mattar, número 66 do «ranking» ATP, necessitou de quatro «sets» para vencer o encontro, batendo Gomez, vencedor do Open de França, pelos parciais de 6-3, 3-6, 6-3 e 6-3.

Futebol: Malines goleado

O Malines próximo adversário do Sporting na Taça UEFA, estreou-se com uma goleada (5-1), no recinto do Charleroi, em jogo do Campeonato da Bélgica de futebol da I Divisão.

Em consequência desta goleada e do facto de ter dois jogos em atraso, o Malines ocupa o último lugar da classificação, com 0 pontos.

Tratou-se da terceira jornada da prova, muito embora o Malines, FC Bruges, Anderlecht e Racing de Gante tenham apenas um jogo efectuado.

Rui Barros marca

Um golo inicial do português Rui Barros foi insuficiente para evitar o empate (1-1) consentido em casa pelo Mónaco, frente ao Lille, na sétima jornada do Campeonato francês de futebol da Primeira Divisão.

Rui Barros abriu o activo aos 54 minutos, mas o Lille chegou à igualdade aos 76 minutos, por intermédio de Nielsen, numa partida presenciada por cerca de 5000 pessoas.

Apesar do empate, o Mónaco continua a repartir o segundo lugar na tabela, com o Brest e o Caen, com 9 pontos, menos três que o líder (Marselha) que ganhou em casa ao Bordéus por 2-0, com dois golos de Papin, aos 15 e 83 minutos.

assim vai o

totobola

Penalti: 111 111 XXX 1112; O Jornal de Amarante: 111 XX1 11X 1111; Jornal da Beira: 111 211 11X 111X; O Comércio de Leixões: 111 211 X12 11X2; De Tudo Um Pouco: 111 X11 21X 111X; A Defesa: X11 XX1 11X 111X; Defesa de Espinho: 111 11X X11 1111; Diário de Viseu: 111 XX1 X2X 1X11; Algarve Desporto: 11X 2X1 XXX 111X; Ronda Desportiva: 111 XX1 2XX 1112; Diário de Lisboa: 111 X11 X12 111X; Correio de Coimbra: 111 XX1 111 11XX; Correio do Vouga: 111 XX1 X12 1X11; Nova Antena: X11 221 X11 1111; Ecos de Cacia: 111 X11 21X 111X; O Jornal de Felgueiras: 111 X11 X1X 111X; Jornal de Gaia: X11 X12 221 111X; O Almonda: 111 XX1 21X 111X;

Rádio Guarda: 211 X21 111 1XXX; Jornal da Graça: X11 2X1 11X 111X; Rádio Totobola: 111 1X1 XX2 1111; Linhas de Elvas: 111 2X1 1X1 11X1; O Jornal da Lixa: 111 X11 X1X 1111; Maria da Fonte: 111 111 X1X 111X; No Estúdio e No Estádio: 111 X11 1X2 1X1X; Jornal de Notícias: 111 X1X X1X 1XX1; Notícias de Chaves: 111 X11 1XX 111X; Notícias de Felgueiras: 111 X11 X1X 111X; Notícias de Guimarães: 111 211 1X2 111X; Notícias de Viseu: 111 111 2X2 1X11; Notícias de Viana: 111 XX1 X1X 12XX; Quadrante Norte: 111 2X1 1X1 1X12; Semanário da Região Baixadina: 111 211 XXX 111X; Bom Dia: 111 2X1 22X 121X; Resenha Desportiva: 111 X11 X1X X111; Alvo Desportivo: 111 XX1 XXX 111X; Rádio

Alvo: 111 111 111 1111; Alvo: 111 2X1 2X2 1111; Alvo Suplemento: 111 111 XXX 1111; A Voz do Domingo: 111 X11 X11 111X; Voz de Lamego: 111 X21 X12 1112; A Voz dos Ridículos: 111 X11 111 1111; Desporto/Rádio Guarda: X11 2X1 121 X111; Contacto: 211 111 XX1 1122; Meia Tarde: X11 X11 11X 11XX; Encontro Com a Manhã: 111 1X1 XX2 1X11; Freguesias do Nosso Distrito: X11 211 211 X22X; Tarde Desportiva: X11 1X1 X1X 1111; Livre e Directo: 111 X1X 112 1X1X; Rádio Viriato: X11 X11 XX2 11X1; Um Caso Por Semana: X11 2X1 2XX 11X1; Foi Notícia: 111 X11 21X 111X; Desporto e Música: 111 X21 2XX 11X1; Cultura e Recreio: 111 211 XX2 11XX; De Tudo Um Pouco: X11 1X1 222

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 35/90 DE 2 DE SETEMBRO 1990

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Porto-Boavista	50	11	3	9	2	1
2. Benfica-Penafiel	64	0	0	12	1	1
3. Sporting-Salgueiros	62	2	0	11	1	1
4. Marítimo-Guimarães	13	36	15	2	7	3
5. Chaves-E. Amadora	33	26	5	6	5	1
6. Beira Mar-G. Vicente	56	7	1	10	1	1
7. Tirsense-Belenenses	18	30	16	3	6	3
8. Famalicão-Nacional	37	22	5	7	4	1
9. Farense-Setúbal	17	32	15	3	6	3
10. A. Viseu-Torreense	53	10	1	9	2	1
11. Académica-Estoril	50	10	4	9	2	1
12. U. Leiria-P. Ferreira	47	14	3	9	2	1
13. Elvas-Louletano	28	30	6	5	6	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
111 X11 X1X 111X

11XX; Manhãs Informativas: 111 X1X 111 1111; Jornal do Almoço: 111 XXX X1X 1111; Jornal das 8H30: 111 X11 211 2111; Jo-

go Limpo: 111 XXX 112 1111; Jornal do Jantar: 111 1X1 211 1111; As Noites da F: 111 XX1 2X1 X12X; Estape Livre: 21X

X1X 1XX X1XX; Gazeta das Caldas: 111 1X1 X1X 1111; Rádio Jornal do Fundão: 111 X21 X11 X2XX.

AGENDA

I Série N.º 200
Dia 30 de Agosto
DIÁRIO DA REPÚBLICA
SUMÁRIO



Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 261/90:
Altera o Decreto-Lei n.º 332-A/89, de 27 de Setembro (institui, no âmbito da Presidência do Conselho de Ministros o Comissariado da Exposição Europeia 91 - Portugal).

Decreto-Lei n.º 262/90:
Altera a Lei Orgânica do XI Governo, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 329/87, de 23 de Setembro

Ministério das Finanças

Despacho Normativo n.º 87/90:
Dá nova redacção ao n.º 5 e ao n.º 12 do Despacho Normativo n.º 87/88, de 18 de Outubro (regulamenta a definição dos locais para apresentação às autoridades aduaneiras das mercadorias a exportar).

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Despacho Normativo n.º 88/90:
Cria no quadro de pessoal da Direcção Regional da Agricultura de Trás-os-Montes um lugar no grupo de pessoal técnico superior (assessor principal na carreira de engenheiro).

Ministério das Finanças e da Educação

Despacho Normativo n.º 89/90:
Cria no quadro único do pessoal dos organismos e serviços centrais do Ministério da Educação um lugar de assessor principal.

Despacho Normativo n.º 90/90:
Cria um lugar de assessor principal no quadro único do pessoal dos organismos e serviços centrais e regionais do Ministério da Educação.

Despacho Normativo n.º 91/90:
Cria um lugar de assessor principal no quadro único do pessoal dos organismos e serviços centrais do Ministério da Educação.

Ministérios das Finanças, da Saúde e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 762/90:
Actualiza o subsídio para atribuição de livros e material escolar no âmbito dos Serviços Sociais do Ministério da Saúde. Revoga o regulamento aprovado pela Portaria n.º 36/87, de 16 de Janeiro.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Portaria n.º 763/90:
Transfere o Consulado Honorário em Port of Spain, Trindade e Tabago do distrito consular de Nova Iorque para o distrito consular de Caracas.

Aviso:
Torna público ter o Governo de Saint-Christophe e Nièves depositado, junto do Governo da República Francesa, a notificação da sucessão referente ao Protocolo Proibindo o Uso na Guerra de Gases Asfixiantes, Venenosos ou Outros, bem como de Métodos Bacteriológicos de Guerra.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 764/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdeiras dos Caldeirões, Tapada do Rijo, Roncanito e Colmeal», situadas na freguesia de Santo António de Capelins, concelho de Alandroal.

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 765/90:
Regulamenta o artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 98/90, de 20 de Março, que transpõe para a ordem jurídica interna a Directiva n.º 72/461/CEE, do Conselho, de 12 de Dezembro, relativo a política sanitária de trocas intracomunitárias de carnes frescas.

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 263/90:
Estabelece medidas relativas à consagração dos empreendimentos incluídos no programa especial de execução de escolas para os anos de 1990-1991 e 1991-1992. Revoga o Decreto-Lei n.º 63/88, de 27 de Fevereiro.

Portaria n.º 766/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Setúbal, através da Escola Superior de Educação, a conferir o diploma do curso de professores do ensino básico na variante de Educação Física.

Portaria n.º 767/90:
Altera os planos de estudos dos cursos de educadores de infância e de professores de ensino básico nas variantes de Português e Francês, Matemática e Ciências da Natureza e Educação Visual, ministrados pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre.

Portaria n.º 768/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Setúbal, através da Escola Superior de Educação, a conferir o diploma do curso de professores do ensino básico na variante de Português e Inglês.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 769/90:
Cria o Centro de Estudos de Campylobacter no Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Região Autónoma da Madeira

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 19/90/M:
Estabelece a constituição e funcionamento da Comissão Regional de Aplicação de Coimas em Matéria Económica.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE
CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado. Vento em geral moderado de Norte, sendo por vezes forte no litoral Oeste.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e encrespado ou de pequena vaga com ondulação sudoeste inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco, sendo moderado de Norte, por vezes forte no litoral Oeste a partir da tarde. Pequena subida da temperatura nas regiões do interior.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado ou com nevoeiros durante a madrugada e manhã no litoral para norte do Cabo da Roca. Vento fraco sendo por vezes moderado de Norte durante a tarde na faixa costeira ocidental.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de Nordeste, por vezes com rajadas fortes. Aguaceiros fracos nas vertentes voltadas ao Norte. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Céu com períodos de muito nublado e vento fraco.

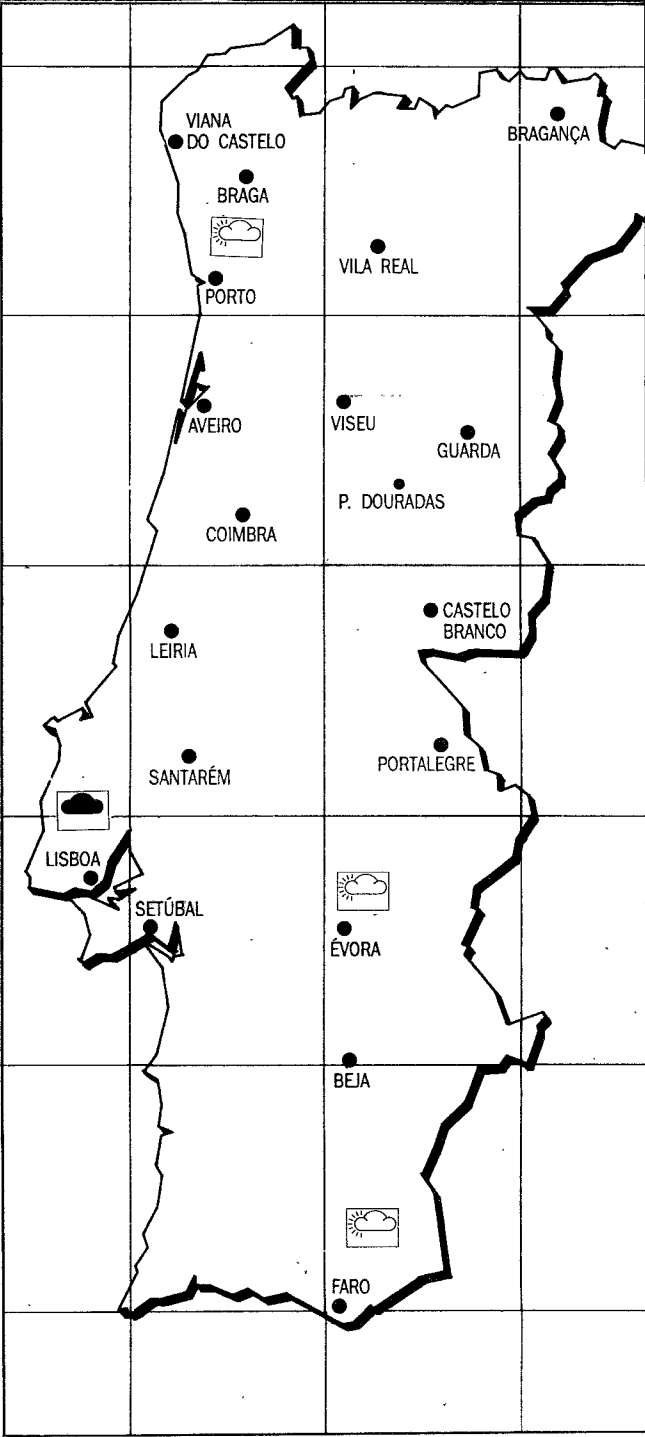
Amanhã e depois
Céu com períodos muito nublado. Vento moderado por vezes forte de Nordeste, sendo fraco no Funchal. Possibilidade de aguaceiros nas vertentes voltadas ao Norte.

AÇORES

Todos os grupos: Céu com períodos de muito nublado. Vento geralmente fraco do quadrante Leste. Mar de pequenavaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Amanhã
Céu com períodos de muito nublado. Vento em geral moderado do quadrante Leste.

Depois de amanhã
Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Leste.



PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	16	16	Encoberto
V. Castelo.....	15	15	P. nub.
Vila Real.....	14	14	P. nub.
Porto.....	14	15	Limpo
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	16	16	Nebulosa
C. Carvoeiro.....	18	18	P. nub.
C. Branco.....	17	17	M. nub.
Portalegre.....	15	15	Nebulosa
Lisboa.....	17	17	M. nub.
Évora.....	16	16	Encoberto
Beja.....	17	17	M. nub.
Sines.....	-	-	-
Faro.....	20	20	P. nub.
Sagres.....	18	18	M. nub.
P. Delgada.....	18	18	M. nub.
Horta.....	20	20	M. nub.
Funchal.....	21	21	Limpo

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 27; Porto, 24; Faro, 30; P. Delgada, 25; Funchal, 27.

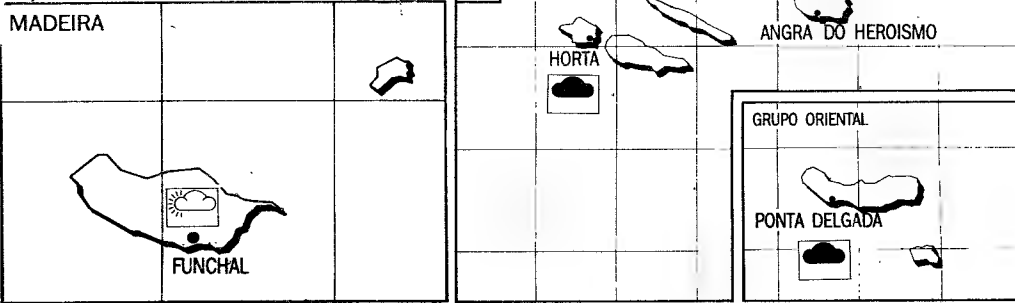
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	16	16	P. nub.
Londres.....	11	12	P. nub.
Paris.....	16	16	Chuvisco
Bruxelas.....	18	18	Chuva
Amsterdão.....	18	18	Trovoada
Genebra.....	14	14	Nebulosa
Roma.....	18	20	Nebulosa
Oslo.....	12	13	Limpo
Copenhaga.....	14	17	P. nub.
Estocolmo.....	14	17	Nebulosa
Berlim.....	17	18	P. nub.
Viena.....	14	18	P. nub.
Varsóvia.....	10	15	P. nub.
Atenas.....	20	24	Limpo
Moscovo.....	5	10	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	9	17	Limpo
Caracas.....	20	28	Nublado
Hong Kong.....	26	28	Nublado
Joanesburgo.....	9	20	Limpo
Los Angeles.....	19	31	Limpo
Montreal.....	27	29	Nublado
Nova Deli.....	24	32	Nublado
Nova Iorque.....	21	31	Limpo
Rio de Janeiro.....	20	32	Chuva
São Francisco.....	16	25	Limpo
São Paulo.....	15	20	Chuva
Tóquio.....	23	29	Nublado

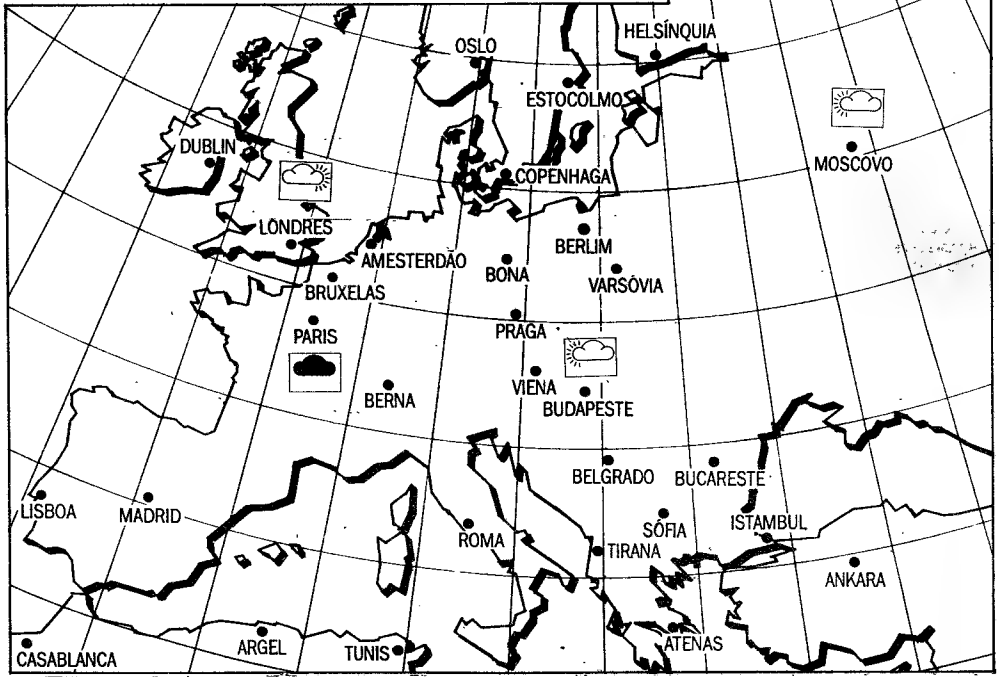
* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.43	2,7m	04.44	1,7m
00.33	2,7m	17.46	1,6m
Amanhã			
12.57	2,9m	06.11	1,6m
—	—	18.54	1,4m



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Praça Luís Camões, 22-24: Sanitas, Camões; **Boa Hora - Ajuda:** Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Mettrass, 59-B, Tel. 663349; **Chelas - Col. Valsassina:** Santos Silva, Zona 2 - Chelas - Bloco III - Lt. 226 - Lj. 22, Tel. 851265; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Popular - Av. República:** Alcântara, Av. da República, 74-A, Tel. 771379; **Lumiar:** São Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C, Telefone 7590704; **Praça de Londres:** Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 886860; **São Domingos Benfca:** Sousa, Estrada de Benfca, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião - Frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Brandão-Amadora:** Correia, Urb. Alfolnel, Cel. G - Lote 137-Lj. B (Poente), Telefone 990122; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odiveiras-Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8-8-A, Telefone 732455; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563;

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Av. da Igreja:** Sanex, Alvalade; **Anjos - Chile:** Castro, Av. Almirante Reis, 76-A, Tel. 821973; **Benfica - Bairro das Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; **Caminhos Ferro:** Vilalobos Santos, Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, Tel. 8147019; **Castelo:** Bastos Andrade, Calçada Santos André, 107, Tel. 860450; **Lapa:** Neves, Rua Bela Vista à Lapa, 37, Tel. 661251; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; **Saldanha:** Carreira, Av. Duque d'Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaíças, Lote 16 (Bairro Zambujal), Telefone 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Com. G. Guerra 64, Telefone 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.ª Padre P. Cor-

reia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B. Telefone 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 182, Tel. 2432034. Permanente; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.ª Caixas Previdência, Telefone 2472948. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Telefone 4932485. Permanente; **Igreja, P. Igreja,** 22-A, Telefone 4937740. Até às 22 horas; **Damaia:** D. João V, Av. Gor-

gel Amaral, 2-A, Telefone 970461. Até às 22 horas; **Queluz:** Pinto Leal, R. Ferreira de Castro, 61 - Massamá, Tel. 4378402. Permanente; **Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro,** 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários 2, Telefone 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Químia, Est. Mem Martins, 285. Telefone 9210012. Até às 22 horas; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Telefone 9230456. Permanente; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39, Telefone 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Telefone 3767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, Lj. Moimho, Telefone 2950727. Até às 19 horas; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Telefone 2901060. Até às 19 horas; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.ª Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Telefone 2233028. Até às 19 horas; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Telefone 2042016. Até às 19 horas; **Barreiro:** Higiénica, R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073023. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Telefone 2040302. Até às 19 horas.

HÁ 20 ANOS



Wight: 250 mil pessoas

Freshwater, Ilha de Wight: reina a tranquilidade e a calma no local onde decorre o maior festival de música Pop jamais realizado na Grã-Bretanha, e onde ontem à noite cerca de 250 000 pessoas assistiram a uma sessão fantástica...

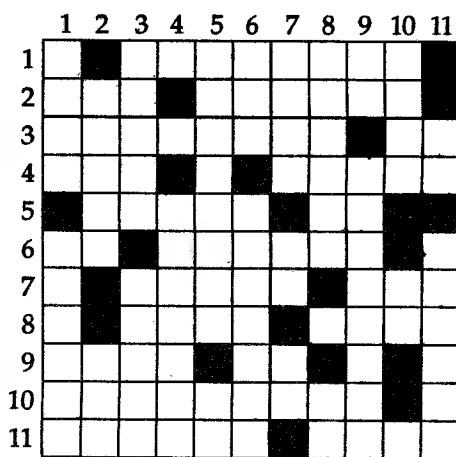
Termina hoje reunião da OUA

Um grupo minoritário de países da Organização da Unidade Africana (OUA), reunido em conselho em Addis Abeba, objectou ontem a declaração dos nomes de países da NATO acusados de ajudarem Portugal na administração das suas colónias ultramarinas.

Circuito de Vila do Conde

O Circuito de Vila do Conde (que hoje prosseguiu) deu àquela localidade nortenha a animação que sempre caracteriza as provas de desporto motorizado. Nomeadamente a prova da Fórmula V foi seguida com interesse pelo público.

PALAVRAS CRUZADAS



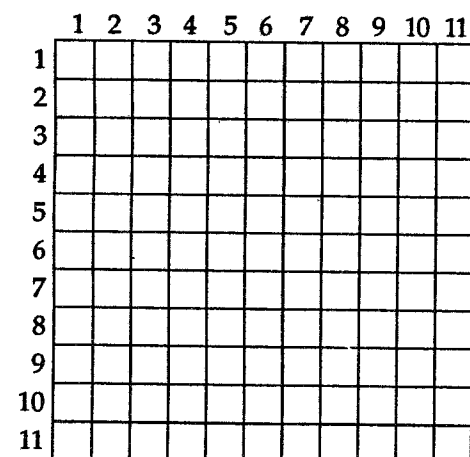
PROBLEMA N.º 17992

HORIZONTAIS:

- 1 - Artigo definido. Ensinamento (pl).
- 2 - Artigo indefinido. Madeira de lei (Bras).
- 3 - Desgastasse. Réio (s.q).
- 4 - Genro de Maomé. Estado de espírito.
- 5 - Falsa. Pronome pessoal.
- 6 - O lado do vento. Divides em ruas.
- 7 - Eduquem. Animal doméstico.
- 8 - Terra nova e arroteada de fresco. Mamífero desdentado.
- 9 - Examine. Existe.
- 10 - Suavizaria.
- 11 - Fazes serão. Gostas muito de.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade de Itália. Insensatas.
- 2 - Cidade de Itália. Deseje.
- 3 - Região montanhosa da Ásia Central. Espolhar.
- 4 - Pato (Prov).
- 5 - Racharia. Seguia.
- 6 - Com. da Bélgica. Parte da gáspia de alguns modelos de calçado (pl).
- 7 - Passem rapidamente. Artigo indefinido. Brisa.
- 8 - Galhofa. (pop). Tempo do verbo ir.
- 9 - Aparência. Suprimiram.
- 10 - Nome de mulher. Átomo.
- 11 - Artigo definido (ant). Surdas.



PROBLEMA N.º 16802

HORIZONTAIS:

- 1 - Magnífica baía do México, nas costas do oceano Pacífico. Antigo Testamento.
- 2 - Lugar de contenda. Afeição.
- 3 - Consumam. Gritos lamentosos dos cães.
- 4 - Grito. Prasiódio (s.q.). Gorgulho tropical.
- 5 - Viveiro de rãs. título honorífico na Índia.
- 6 - Nome de mulher.
- 7 - Dois rios piemonteses que descem dos Alpes e são tributários do Pó. Duzentos em romano.
- 8 - Costurava. Argila.
- 9 - Ondas curtas. Abreviatura de Santíssimo. Arvore ornamental também conhecida por Arvore-da-Judeia.
- 10 - Aqui. Abanai.
- 11 - Atacaras.

VERTICAIS:

- 1 - Dialecto da Guiana Inglesa. Papão (pop).
- 2 - Armadilha para pássaros. Estaleiros.
- 3 - Espíritos malignos.
- 4 - Nome de mulher. Aventura.
- 5 - Nome de peixes.
- 6 - Género de insectos coleópteros. Átomo.
- 7 - Embarcação grande. O mesmo que oh! (Bras). Nome de peixe.
- 8 - Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Freguesia do concelho de Loulé.
- 9 - Cidade de Portugal. Asneira (Gir).
- 10 - Hoje em dia. Educas.
- 11 - Cortou rente. Filtra.

SOLUÇÃO N.º 17 991

HORIZONTAIS: 1 - A. MULHER. 2 - Urraca. Assa. 3 - Eiró. Ipim. 4 - Seta. Acaso. 5 - Notara. Er. 6 - Mad. Ri. 7 - Amarante. 8 - Araçai. Mil. 9 - Aos. Eno. 10 - Asa. Nesga. 11 - Ois. Amo. Aas. **VERTICAIS:** 1 - QUE. AMA. NÃO. 2 - Ris. Ama. Si. 3 - Arrendarias. 4 - Aoto. Rã. 5 - MC. Atracara. 6 - Uail. Ai não. 7 - Par. Tismo. 8 - Haicá. 9 - Esma. Mesa. 10 - Rs. SE. VINGA. 11 - Amora. Loas.

SOLUÇÃO N.º 16 801

HORIZONTAIS: 1 - Id. omeneu. Ab. 2 - Deli. ER. Ana. 3 - Ali. Avançar. 4 - Fo. Adamou. 5 - Tiago. At. 6 - Amparo. Ofir. 7 - Osa. Rio. 8 - Cortigos. 9 - Rita. Alagar. 10 - Arad. Nevada. 11 - Soraia. Elias. **VERTICAIS:** 1 - Idiota. Crás. 2 - Delfim. Oiro. 3 - Olá. Aportar. 4 - Mi. Agastada. 5 - Orai. 6 - Neva. Caná. 7 - Erada. Fole. 8 - Nato. Save. 9 - ACM. Fr. Gal. 10 - Anão. II. Adi. 11 - Baru. Roeras.

PROVÉRBIO:
A MULHER
QUE AMA, NÃO SE
VINGA.

EFEMÉRIDES

1898

- Inglaterra e Alemanha fazem um acordo secreto, pelo qual partilharam os territórios africanos de Portugal, especialmente Angola e Moçambique.

1960

- A Alemanha Oriental impõe um bloqueio parcial a Berlim Ocidental.

1963

- Entra em funcionamento a chamada Linha Quente entre os Estados Unidos e a União Soviética. Essa linha telefónica, que liga directamente, os presidentes dos dois países, destinase a reduzir o perigo de uma guerra.

1970

- Tunku Abdul Rahaman, chefe político que libertou a Malásia do colonialismo britânico, apresenta o seu pedido de demissão do cargo de primeiro-ministro.

1975

- Delegados de 82 países não-alinhados terminam um encontro no Peru, recomendando às Nações Unidas que façam aplicar a Israel as resoluções do Conselho de Segurança.

1980

- São assinados os acordos de Gdansk, que criam o sindicato polaco Solidarnosc e que prometiam a existência de vários sindicatos livres.

1981

- Armando de Lucena, 82 anos, cientista de renome e professor jubilado da Universidade de Coimbra, morre nesta cidade.

1984

- Um avião militar iraniano aterra no Iraque e os seus dois tripulantes pedem asilo político.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shaping Center de Lisboa - T. 691275
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Volman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
ESPADE INVENÇÍVEL
Filme de Golden Harvest
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
A HONRA DOS PADRINHOS
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANÚSHA

T. 9434762
Encerrado para férias

ESTÚDIO SHEZA

Encerrado para férias

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO PARA RICOS E POBRES
Hard-core - 1.ª escalação (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
(Encerrado para férias até dia 3 de
Setembro)

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE
CRUZADA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 522523
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otavio Lissellani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
MASSACRE AO PÓR DO SOL
Filme de Branimir Tori
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

FÚRIA SILÊNCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcantara - T. 3631162
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Filme de Sidney Lumet
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45



«Filipinas - Revolução Francesa», um filme de Lino Brocka

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
ANJO NEGRO
Filme de Craig R. Bayley
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
QUARTOS ESPECIAIS PARA AMIGOS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS
QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

FILIPINAS REVOLUÇÃO SANGRENTA
Filme de Lino de Brocka
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144

48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
LOUCA ACADEMIA DE SKI
Filme de Richard Correll
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
LAMBADA - FOGO NA NOITE
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
(Encerrado para férias)

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telf. 2752127
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado - T.
2905011
Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telf. 2905350
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telf. 2465653
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

TEATRO

LISBOA

CLUBE ESTEFÂNIA

R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
Sexta-feira às 21.30
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA,
OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes, pela Com-
panhia Persona

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às
16.00
VITÓRIA VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

MONTE ESTORIL

TEC

Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação
de Carlos Avilez

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça
dos Sons; 17.00: Antena 1 - Regiões;
17.15: Porto d'Abriço.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; 17.00: Sete
Mares; 19.20: Musical; 20.00: No
Estúdio e no Estádio; 20.15: Musical;
21.30: Imaginário. Notícias de hora
a hora.

ANTENA 2

FM 2 - Estéreo

15.00: Música na Tarde; 17.00: A
Propósito da Música; 18.15: Música
para piano de Beethoven, Chopin;
19.00: Integrals - A Integral dos Tris
para piano, violino e violoncelo de
Beethoven; 19.15: Álbum Musical.
Obras de Elgar, Tchaikovsky, Falla,
Offenbach, Wagner, Paganini,
Debussy, Ravel e Dvorak; 20.10:
Álbum Musical (cont.); 20.45: Esta
Madrugada na Antena 2; 21.00:
Histórias de Música... e outras; 21.30:
Sinfonia n.º 6 em ré menor, op. 104 de
Sibelius, pela Orq. Filarmónica de
Berlim; 22.00: Concerto Sinfónico.
Sinfonia n.º 4 de Gustav Mahler.
Soprano: Maria Stader. Orq. Nacional
de França; 23.00: Destaque: Wieland,
Sigiswald e Barthold Kullken; 00.00:
Restauração Musical - Música executada
em instrumentos originais; 01.25:
Música no Século XX - Friedrich Gulda
interpreta obras suas; 02.00: Música na
Madrugada. Notícias de hora a hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00:
Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quanto
o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis;
21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Religi-
osos; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora.
Notícias de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Sés; 21.00:
Mercador de Sonhos; 00.00: A Noite
Passada; 01.00: Som da Frente; 03.00:
Quem Tramou o Locutor. Notícias de
hora a hora.

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda
da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30:
Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem
Contínua; 20.00: Jornal das Vinte (Inf.
Religiosa); 20.10: Boa Nova; 20.30:
Conversa de Amigos; 21.00:
Sequência; 22.00: Universidade
Aberta; 23.00: Bola Branca; 23.30:
Suplemento Especial da BBC; 23.55:
Meditando.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 16.00 - DESENHOS ANIMADOS
- 16.30 - O CACILHEIRO DO AMOR
3º Episódio
- 17.10 - O MUNDO ANIMAL
«Borboletas»
- 17.35 - BRINCA BRINCANDO
Com a «A Baleia Decimal»,
«Ferdie» e «Tao-Tao»
- 18.50 - O SÍTIO DO PICA-PAU
AMARELO
- 19.10 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
49º Episódio
- 21.10 - GUERRA DE ESPÍOES
2º Episódio
- 22.45 - LUTA PELA DEMOCRACIA
7º Episódio: um dos direitos
fundamentais de uma democra-
cia é a liberdade de expressão,

informação e imprensa. Patrick Watson demonstra a importância do processo democrático, ao abordar temas que vão desde a invenção da imprensa escrita às audiências televisivas.

- 23.40 - MURPHY BROWN
21º Episódio
- 00.05 - 24 HORAS
- 00.40 - REMATE

RTP-2

- 15.00 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «Alf» e «Quem sai aos
Seus...»
Bloco B: «Justiceiro»
- 16.25 - O FANTASMA DE FAFFNER
HALL
3º Episódio
- 16.50 - OS DESAFIOS DA LEI
Último episódio: chegam ao fim
os problemas desta série. No
meio de um caso complexo de
impostos, Penelope e Andrew
reatam um romance antigo.



O último episódio da série «O Processo Franchise», no 2º canal às 22.40

Chris parece ir aceitar um emprego que lhe propõe um rico homem de negócios. Tricia continua indecisa quanto ao seu futuro e Desmont aguarda com ansiedade os resultados do concurso para advogado da Coroa.

- 17.45 - ATLETISMO
«Campeonato da Europa»
- 19.20 - TI - TI - TI
8º Episódio
- 19.50 - VIA RÁPIDA
- 20.00 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - EMOÇÕES
- 21.50 - SINAIS DO TEMPO
«Conferência Bergen nº 4»
- 22.40 - O PROCESSO FRANCHISE
Último episódio: O processo
arrasta-se. A velha
Mrs. Sharpe e sua filha Marion
estão no centro de todas as
suspeitas. Entretanto Robert
enfrenta o problema da sua
paixão por Marion.

A forma como ele defende
a rapariga torna-se
suspeito.

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.

Parabólica ALBA

— Poder de captação: — Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

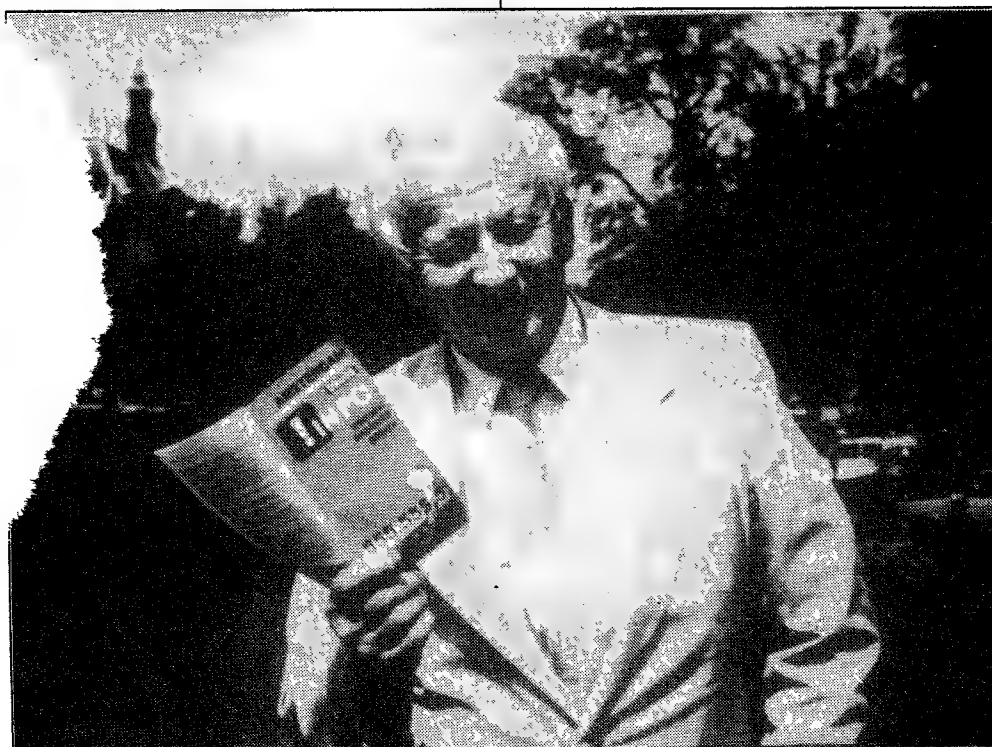
AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA DIA A DIA
- 13.30 - GUERRA E PAZ
- 14.20 - O MAR E A TERRA
- 14.45 - SIMPLE MINDS
ALIVE IN ROTTERDAM
- 15.45 - DESENHOS ANIMADOS
- 15.55 - A ILHA
- 16.45 - O MUNDO ANIMAL
- 17.05 - BRINCA BRINCANDO
- 18.40 - O SÍTIO DO PICA-PAU
AMARELO
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
- 21.05 - WOLF
- 21.55 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
- 22.40 - CHEFE, MAS POUCO
- 23.10 - 24 HORAS
- 23.40 - REMATE
- 23.55 - PELA NOITE DENTRO
«O Ente Misterioso»

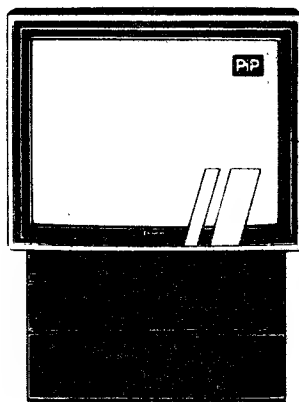
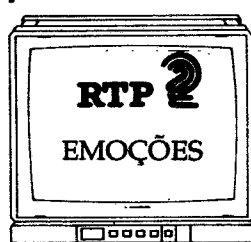
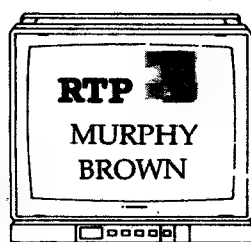
RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.20 - SUPERGATOS
- 14.45 - ESPAÇO INFANTIL
- 14.55 - FILHOS E FILHAS
- 15.20 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.55 - AS TRÊS DAMAS
DO QUIOSQUE
- 17.20 - PRIMEIRO ANDAMENTO
- 17.50 - ATLETISMO
- 19.25 - TI - TI - TI
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - PAGADOR
DE PROMESSAS
- 23.10 - ROTAÇÕES
- 00.15 - HAJA MÚSICA



No 1º canal às 22.45, o 7º episódio da série «Luta pela Democracia»

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO

**MAIS RÁPIDO
ECONÓMICO**

EXTRAÇÃO DE PELOS

ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA

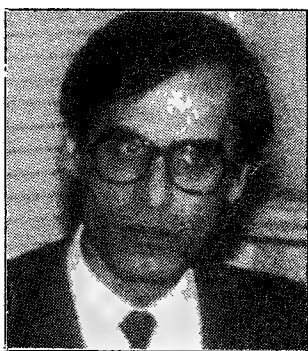
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38



«O mundo muda e o Parlamento não produz qualquer debate sobre essas mudanças»

Jorge Wemans, «Público», 29.08.90

A PERGUNTA DO DIA



Luís Ochoa
presidente da Caixa
de Previdência dos
Jornalistas

Quais as modificações que vão ser introduzidas no Fundo Especial da Segurança Social dos Jornalistas?

«O secretário de Estado da Segurança Social criou, recentemente, um grupo de trabalho multiparticipado a fim de proceder à reformulação do FESSJ, cuja criação data de 1943. Através das alterações regulamentosares ficam então criadas as condições para um dos prioritários pontos de intervenção da Caixa de Previdência dos Jornalistas: a criação de um mecanismo que permita proceder, de forma quase imediata, aos reembolsos das despesas da saúde. Neste momento, há um atraso nesses reembolsos entre três e quatro meses, parte decorrendo de questões processuais e burocráticas. Neste sentido, foram estabelecidos já contactos e houve inclusive a concordância do ministro da Saúde no estabelecimento de um protocolo que consagra esta medida. Decorrente e subjacente a estas intervenções há igualmente a questão das receitas do FESSJ. Actualmente, constitui receita do fundo o adicional de um por cento da publicidade publicada nos jornais diários. Esta situação tende a evoluir para o alargamento da aplicação do adicional a outros órgãos de comunicação social.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Lisboa
e a beira-rio
em Grande
Angular

Política de A a Z
por F. Piteira
Santos

Os Europeus
de atletismo
em Split

ENTREVISTA

Laura Ayres, dedica-se ao estudo das doenças infecto-contagiosas desde a faculdade. A mais recente, a sida, desperta-lhe um particular interesse devido à falta de conhecimentos que ainda existe, o que representa um desafio maior

«Devemos aprender a viver com a sida»

D.L. - Há quantos anos se dedica ao estudo da sida?

L.A. - Comecei a interessar-me desde que a doença apareceu. Em termos do Grupo de Trabalho da Sida, desde 1985.

D.L. - O seu interesse surgiu do facto de já trabalhar na área das doenças infecto-contagiosas?

L.A. - Exacto. Dirijo o Laboratório de Virologia do Instituto Nacional de Saúde desde 1956 portanto, todas as doenças infecciosas me interessam. A sida foi, desde o início, um problema para todas as pessoas que se dedicam ao estudo destas doenças.

D.L. - Do ponto de vista da investigação, é uma doença aliciante?

L.A. - São todas aliciantes, mas é evidente que a sida, neste momento, tem aspectos particularmente interessantes na medida em que é uma doença nova, sobre a qual pouco ainda se sabe, embora já se tenha progredido muito no seu conhecimento.

D.L. - Que a levou a interessar-se por este tipo de doenças?

L.A. - Tudo teve a sua origem nos professores que tive na faculdade. Comecei por me interessar pela microbiologia com o professor Cândido de Oliveira. Depois entrei em contacto com homens como Arnaldo Sampaio, José Cutileiro e Fernando Fonseca, que se interessavam pelo problema e que me fizeram ver o fascínio que era o estudo destas doenças.

D.L. - E qual é o fascínio destas doenças?

L.A. - Não sei qual seja exactamente. Liga-se um pouco com os romances policiais. É muito interessante a relação que se estabelece entre o parasita e o hospedeiro, as reacções que se desenvolvem para tentar um equilíbrio entre os dois de que resulta, em alguns casos, a doença.

D.L. - Ainda são doenças muito importantes, como causa da mortalidade?

L.A. - São ainda extraordinariamente importantes, embora para muitos investigadores e políticos, tenham perdido o interesse. Com o advento dos antibióticos e a melhoria das condições do meio ambiente, muitas deixaram de ter a importância que tiveram no passado. Não são hoje a causa mais importante de mortalidade. No entanto, são ainda uma causa muito importante de morbilidade.

D.L. - A ideia que há é que são doenças próprias de países menos desenvolvidos...

L.A. - Durante muito tempo, isso aconteceu e é verdade para as doenças infecciosas em que o meio ambiente tem grande influência. Mas não é verdade para a maior parte das outras situações, que se verifica-

vam tanto em países desenvolvidos como não desenvolvidos. A poliomielite, por exemplo, teve uma maior expressão nos países desenvolvidos. A gripe e as doenças do foro respiratório, manifestam-se em ambos e a sida surgiu nos países desenvolvidos e só depois nos outros onde ainda não é o problema mais importante em termos de doenças infecciosas.

D.L. - Que se sabe sobre a sida?

L.A. - Sabe-se pouco sobre a sua história natural, dado que se trata de uma doença de que temos conhecimento apenas há dez anos. Não sabemos ao certo qual a percentagem de pessoas infectadas que irão desenvolver a doença. Mas sabe-se já muito sobre a sua epidemiologia, sobre a patologia e também, em termos de imunologia, o que permite ter esperanças de que, num futuro relativamente próximo, surja uma vacina capaz de actuar.

D.L. - E no que diz respeito ao retardamento da morte provocada pela sida?

L.A. - Já existem medicamentos que, até certo ponto, parecem atrasar a evolução da doença, o que nos dá a esperança de que, entretanto, possam surgir medicamentos que curem as doenças oportunistas que surgem na sida e mesmo a sida, embora se coloquem problemas em termos económicos, visto que o tratamento das pessoas infectadas tem um custo bastante elevado.

D.L. - Como é que as pessoas encaram a doença?

L.A. - Vai de um extremo ao outro: desde os que não rejeitam os doentes, que os acompanham, até fenómenos de discriminação que, apesar de tudo, não são muito marcados em Portugal. Para que isso não aconteça é fundamental que se multipliquem as acções de informação.

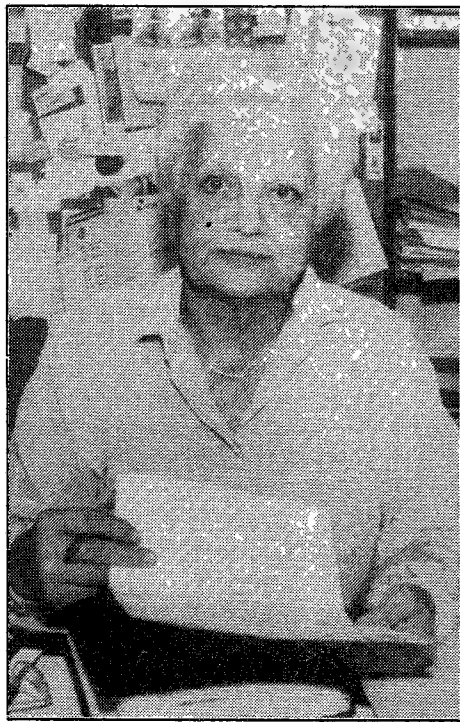
D.L. - A prevenção da doença passa muito por uma mudança de comportamentos...

L.A. - O que é extremamente difícil de conseguir, sobretudo no caso dos comportamentos sexuais e dos toxicó dependentes. Em termos da atitude em relação aos infectados, passa pela boa informação que acabe com os medos excessivos e irracionais. Devemos aprender a viver com a sida, porque ela vai estar connosco por muitos anos.

D.L. - Que pensa do anúncio que passa actualmente na televisão?

L.A. - Penso que é bom. Muitos órgãos de comunicação têm feito críticas e claro que tudo pode sempre ser melhor do que o que existe, mas é mais positivo que negativo.

D.S.



C R Ô N I C A

Humor de Verão

Que aborrecimento. O calor pegajoso e o atraso do comboio triplicavam a falta de vontade de acabar com o fim-de-semana de descanso.

Vá lá, ao menos não me podia queixar do ambiente. A carruagem estava quase vazia e os meus companheiros, apesar de ainda não terem dito uma palavra, tinham um ar simpático.

Ele relia o suplemento económico de um semanário.

Ela, não teria mais de 30 anos, entretinha-se a folhear um livro de Matemática, que rabiscava. Era professora. Da infância vieram-me imagens de rostos mais velhos, com carrapito na cabeça e olhar sisudo.

É incrível como a memória nos assalta, quando tentamos fazer passar o tempo numa viagem de comboio com meia hora de atraso.

Um ruído nos altifalantes da estação de Santa Comba Dão interrompeu-me a fantasia. O sopro continuou mais uns segundos acompanhado por ligeiras pancadas. A aparelhagem sonora tinha passado no teste.

O chefe da estação, voz firme, pronunciando com lentidão cada uma das sílabas, anunciou:

«Atenção senhores passageiros. O comboio que se encontra estacionado na linha número dois, proveniente de Vilar Formoso, destina-se a Lisboa-Santa Apolónia. Só tem paragens em Pampilhosa, Coimbra e Santa Apolónia e parte às 11 horas, 24 minutos e 30 segundos.

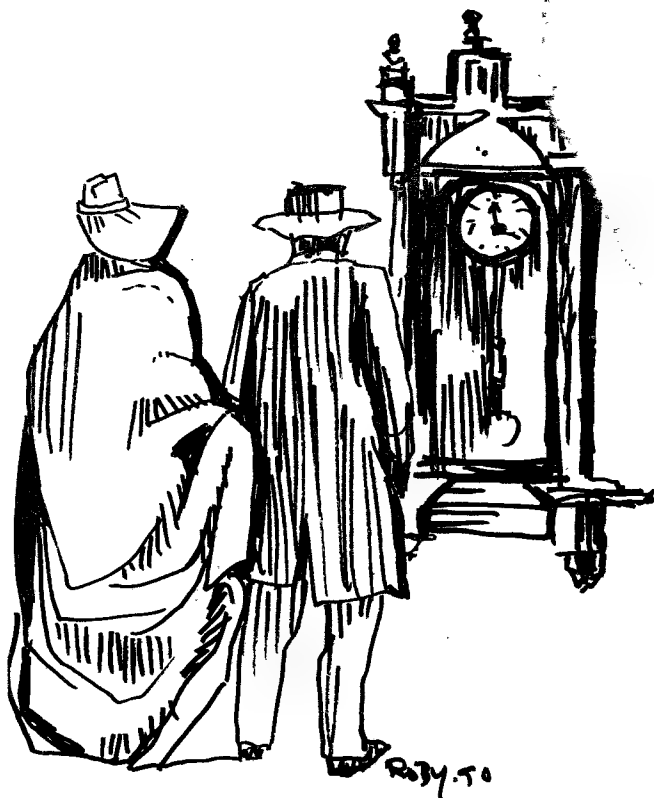
Olhámos de repente uns para os outros. A gargalhada ficou suspensa na garganta. A nossa perplexidade esgotou-se na confusão.

O chefe da estação repetiu, para que não restassem dúvidas aos passageiros:

«Parte às 11 horas, 24 minutos e 30 segundos.»

Eu e os meus companheiros de viagem elegêmo-lo o homem com mais sentido de humor que alguma vez esteve ao serviço da CP. E votámos por unanimidade a sua entrada imediata para o conselho de gerência da empresa para anunciar ao País a modernização das vias férreas 1992.

Maria João



A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 30 DE AGOSTO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Clara Janés, apresentação e tradução de Vergílio Alberto Vieira, pág. 2; Retrato-robot do herói americano, Maria João Martins, pág. 3; Livros Novos; e Bernardo Santareno dez anos depois, José António Fernandes Camelo, pág. 4

«Sul do Sol», São Vicente, poeta angolano O POETA COMO «GLOBETROTTER»

Quando nos interrogamos sobre o que é a Poesia, muito debruçados sobre nós, apercebemo-nos de que é um itinerário que nos conduz a muitos e diversos pontos. Embora a imagem possa parecer excessiva, talvez, com certa audácia, nos atrevamos a dizer que o Poeta é um «globetrotter» - e isso pelo simples facto de a interpretação que ele faz da vida ocorrer (mesmo que não se desloque de um ponto para outro ponto) em situações muito diversas.

Mas o poeta de que hoje vamos falar circula mesmo de um ponto para outro ponto, e, porque assim, vai-nos ele oferecendo uma geometria de paisagens diversas, de estados íntimos sempre revelando uma nova riqueza, de um ser e um não ser que, num tempo e noutro tempo, ora o multiplica, ora o desmultiplica. Quem o poeta...? O poeta é angolano e chama-se São Vicente. O

livro, «Sul do Sol», foi editado pela União dos Escritores Angolanos, encontrando-se já nos nossos escaparates. Ali, por exemplo, nas livrarias do Chiado.

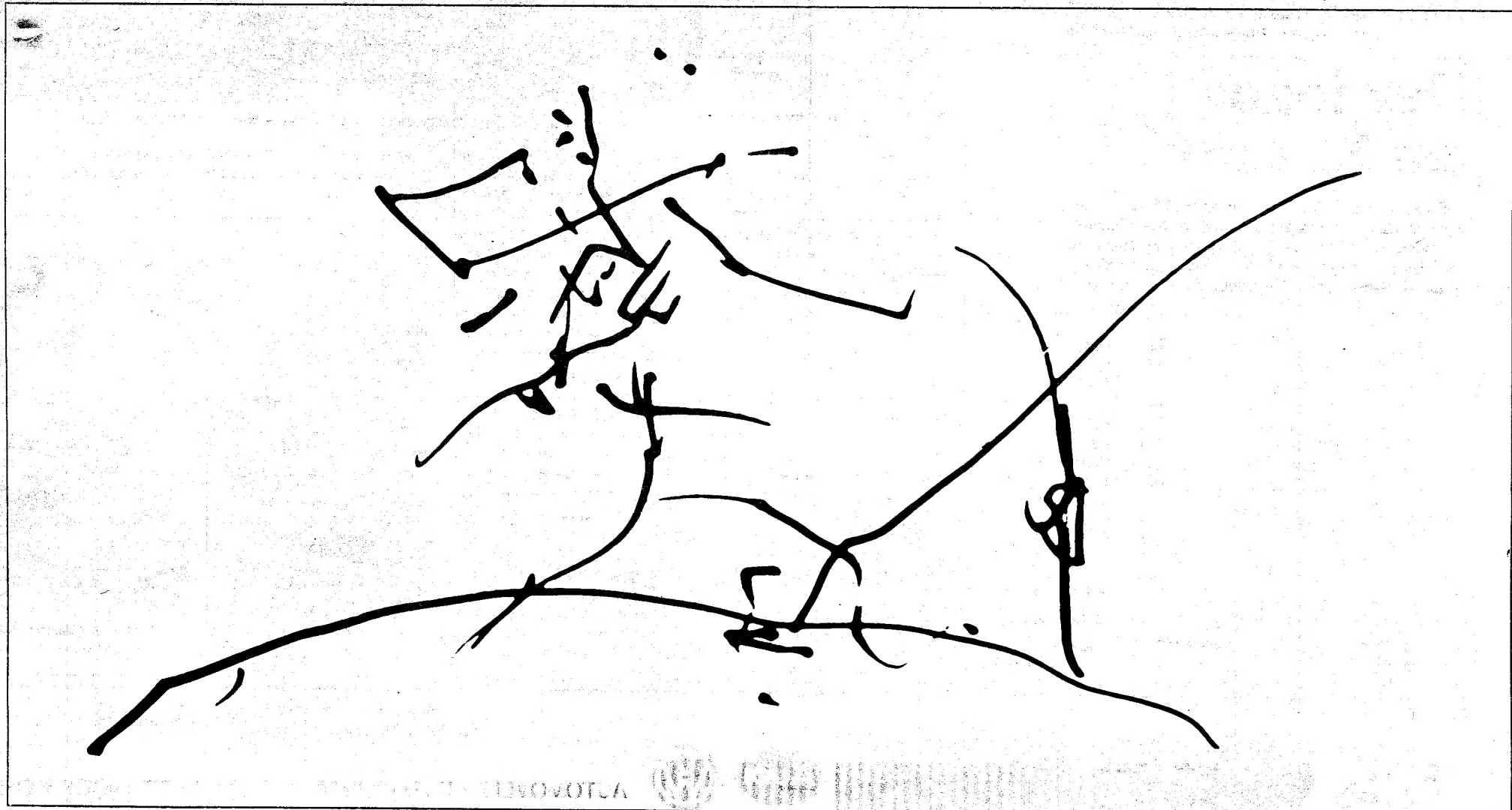
Trata-se (e não exageramos) de uma polifonia, composta, ao longo dos tempos, em zonas tão distantes como Luanda e Nova Orleães, Benguela e Paris, Calulo e Houston, Cacucio e Moscovo, Caxito e Cambridge, Nambuangongo e Nova Iorque, Catete e Ponca City, Negage e Algés, Saurimo e Londres, Quibala e Havana, Gabela e Lisboa... Esta dispersão por tantos pontos do Globo foi determinada por São Vicente se ter visto obrigado, a bem da sua Pátria, a comparecer em reuniões internacionais de economistas ligados à indústria do petróleo. Mas entre uma viagem e outra viagem, entre um hotel e outro hotel, entre um hemisfério e outro hemisfério, acontecia que São Vicente, para além do ouro negro que, com outros técnicos, tinha de sopesar, sopesava também (mas aqui só ele)

sensações, recordações, espantos, enigmas, pontos multiformes de inter-rogação. Não é que dissesse para si, dos outros se afastando mesmo estando presente: «Eu sou poeta...» Era um estado a que não podia furtar-se, quase biológico - e, sendo assim...

Sendo assim, São Vicente puramente escrevia: «Voa a mão de horas verticais para lá da gravidade / sobre o pormenor demasiado espesso...» Ou então: «A geometria afiada das casas anda à chuva e petrifica-se...» E ainda: «Eis-nos a viver do sol esta imaginação puidinha / e estes sonhos que não foram.» E também: «Já não marcas o ritmo na garrafa / nem antecipas os aplausos e as alegrias póstumas...» Ou: «Eis uma estação em que o homem é tudo...» E: «Estar no horizonte / como se bastasse sonhar...» São meros apanhados, estas transcrições, dos longos poemas de São Vicente - mas constituem também os pontos de referência, os alicerces, os caboucos absolutamente necessários à arquitetura do seu discurso poético.

Talvez que as fracções acima citadas não transmitam ao leitor toda a profundidade do verbo do poeta angolano. Quem se der, no entanto, à leitura de «Sul do Sol» ir-se-á demorar precisamente nesses degraus, nesses pontos suspensos, e só então alcançará as planícies, os patamares, os corredores, os labirintos, os itinerários, em resumo, de uma escrita de «globetrotter» que sabe e intui que «o Sul, aparentado ao subdesenvolvimento quer no respeitante ao hemisfério, quer no que se refere ao próprio território angolano, é região onde o Sol parece desmentir a ideia de brilhar igualmente para todos» (citação esta colhida no terreno exterior do livro). Tal como a poesia - só que, embora de São Vicente seja este o primeiro livro, já os poemas nos dizem que estamos captando o hálito (os aromas contraditórios da terra) de um poeta que ora se abre (se vai abrindo) sobre todos os pontos cardeais.

Pedro Alvim



Desenho de uma criança (Ivo Emanuel Neto de São Vicente, allás filho do autor e neto do primeiro presidente da RPA)

HOMENAGEM A GARCIA LORCA

*Das sombras arremete o cão assfrio
e logo, ao primeiro rugido,
luz e estrelas no declinado sono atingem
em cheio o sol
enquanto a partir da sua negra efígie,
prepara o rictus
Consumada viagem nocturna.
Rompe
a selvagem frescura da aurora.*

(Málaga, 1985)
Maria Zambrano

*Mais que a lua a cicuta,
confiante, elege o êxtase,
na obscuridade se afundam teus olhos,
contra a visão perturbadora.
Rasga o ar o augúrio e a pedra
já se cobre de ruína
enquanto teu ser exalta a fonte
e regressa à voz original
em vigia, coração, desde o início.*

(in «Vivir», 1983)
Pedra Angular

*Quando a vida à separação conduz
e a miragem cobre de hesitação
imagem, sensação, conhecimento,
a ti cabe destinar a ilusória certeza
e apontar o indivisível às alturas
que entre volutas de fumo coroam a passagem.*

(in «Lapidario», 1988)
Fragmento

*Ornada com folhas de Subad
e com o manto de púrpura,
comparecerei diante de ti
para que tuas mãos lentamente me indiciem.
Libertarás primeiro os dourados raminhos
que cercam o cabelo
e teu âmagô hão-de as tranças
sulcar, expondo-se, leves, nos lóbulos
os bricos por abrir. Do ouvido
atravessarão a garganta
cruzada por contas de fogo e lazúli
o acariciado seio.
E quando do alto se desprender o manto
e o macio ombro se mostrar,
o inefável linho atrairá os dedos
até intacto ficar o rosicler e o nácar.
E já inquieto tua estirpe descobrirás
fixando com teu lacre o anelado azeviche.*

(in «Creciente Fértil», 1989)
Apresentação e tradução
de Vergílio Alberto Vieira

CLARA JANÉS

Se a poesia, ao longo dos séculos, não tem deixada de pedir à terra a luz de que precisa para iluminar uma parte do homem, por natureza, obscura, poder-se-á dizer que a poética de Clara Janés - pelo ano de 1940, nascida em Barcelona - acentua esse jogo do corpo com a morte, da treva com o espírito, da ausência com o ser.

Assim sendo, refira-se, em primeiro lugar, a determinação com que esta poesia, em luta pela conquista da natureza poética que assegura ao ser o regresso à sua condição original, tende potencialmente a dirigir-se, no espaço e no tempo, para uma confluência de culturas em que tem vindo a estabelecer o seu universo, definindo-se, através de símbolos de totalidade, e cujas linhas de força partem

combatividade e persistência artísticas, desenvolvidas a partir da publicação de «Las Estrellas Vencidas», título que remonta a 1964, e a que se seguirá «Limite Humano», aparecido em 1973, depois de um prolongado silêncio editorial.

Considerada actualmente um dos nomes mais destacados da poesia espanhola, em língua castelhana, a par de outros poetas do seu tempo, e em outros idiomas de expressão ibérica editados, como Pere Gimferrer, em catalão, e J. L. Mendez-Ferrín, em galego, Clara Janés tem feito da renovação da linguagem e alcance do poder imagético da sua arte os vectores de um processo de criação orientado, como a propósito de «Kampa» (Hiperión, 1986) alguma crítica referiu, para a unidade indissolúvel que a música e a poesia sempre constituíram.



de um centro que tem o amor como objecto da sua revelação essencial, e de que o livro «Creciente Fértil» (Madrid, Hiperión, 1989) é, porventura, o mais expressivo momento.

Desde há muito radicada em Madrid, Clara Janés é licenciada em Filosofia e Letras e escreveu já cerca de dezena e meio de títulos, que se distribuem pelas áreas da poesia, ensaio, biografia, novela e tradução.

Em 1983, com o livro de poesia «Vivir» (Hiperión, 1983), oito anos depois da biografia «La Vida Callada de Federico Mompou» (o compositor catalão que teve a fortuna de conhecer na infância, por se tratar de um amigo de seu pai, o Editor precocemente desaparecido), obteve os prémios literários Cidade de Barcelona, o que culmina as experiências de

Traduzido em várias línguas, ela própria tem dedicado parte da sua vida à dura prova de fogo a que a re-criação poética submete, ao empreender iniciativas como as que a levaram a traduzir os poetas checos Jaroslav Seifert e Vladimír Holán.

Dessa experiência, terá resultado o livro de viagens «Sendas de Rumania» (1981), que veio juntar-se, no domínio da prosa, a «Desintegración» (1969), e mais recentemente a «Los Caballos del Sueño» (1989), um original romance de que Rosa Chacel diz tratar-se da história da sua geração, quer pela problemática (existencialismo, crise religiosa, ideais políticos dos anos sessenta, e abandono), quer pela originalidade; e um extraordinariamente belo livro de memórias acabado de sair, com o título de «Jardin y Laberinto».

literário

RETRATO-ROBOT DO HERÓI AMERICANO



Clark Gable: a América encontrou um rosto para o seu herói

Tem as orelhas de Clark Gable, a voz de Humphrey Bogart e o rosto de Robert Redford. Embora também possa lembrar Gary Cooper cavalgando à desfilada ao som de «High Noon». É o tipo de personagem que se pode apelidar de herói americano, hoje, mais objecto de nostalgia do que modelo a seguir, cujo encanto de alguém que caiu em desuso, mas que inspira sonhos de amor e glória. Os seus traços são perfeitamente reconhecíveis em determinadas obras literárias e cinematográficas de meados deste século. Podia chamar-se igualmente Jay Gatsby, Rhett Butler ou Rick Blaine. Sem que alguém ouse questionar a validade do exemplo.

Todos os três estão envolvidos numa aureola de mistério. Tardam em aparecer nas obras que nasceram para lhes contar as histórias, mas quando, finalmente, os vemos já ouvimos uma série de murmúrios insinuantes a seu respeito. O aparecimento é poderosamente encenado de forma a transformar-se numa emoção inolvidável. Um momento em que as nossas vidas foram interceptadas pela magia.

Na obra máxima de Scott Fitzgerald, «O Grande Gatsby», o infeliz *tycoon*, cuja vida nos é narrada por um tal Nick Carraway, só aparece a meio do terceiro capítulo quando não se cessara de falar dele desde as primeiras linhas do livro. O aparecimento é ímpar; uma das páginas mais notáveis da literatura contemporânea:

«Este é o tipo de festa a que não estou habituado. Ainda não encontrei o anfitrião. Vivo ali - agitei a minha mão em direcção a um ponto invisível no espaço - e este homem chamado Gatsby mandou o *chauffeur* com um convite. Por um momento, ele olhou-me como se não compreendesse.

- Eu sou o Gatsby - disse subitamente.
- Como ?? - exclamou - Oh, desculpe.

- Pensei que soubesse. Receio não ser um anfitrião muito bom.

Sorriu compreensivamente - muito mais do que compreensivamente. Era um desses raros sorrisos com uma espécie de eterna segurança, que só se encontra quatro ou cinco vezes na vida».

A sensação experimentada por Scarlett O'Hara (ou por Margaret Mitchell ?) ao depararem pela primeira vez com Rhett Butler não é menos impressionante, ainda que mais explicitamente sensual. Tal como Nick, Scarlett desconfia da identidade do homem com «a tez bronzeada dum pirata e o olhar turvo e dominador dum flibusteiro, que avalia a riqueza do galeão que vai abordar ou a formosura da donzela que se prepara para raptar». Ao ouvir-lhe o nome, ela reconheceu, todavia, um poderoso, mas ambíguo cheiro a escândalo. Rhett era decididamente um aventureiro atraente e mal reputado.

Com Rick Blaine, o caso difere pouco. O seu café era o mais badalado de Casablanca e Renault dissera a Strasser que, para encontrar Lazlo, o melhor era deslocar-se a tal local, porque «toda a gente vai ao café do Rick». O primeiro sinal que captamos do herói, é, no entanto, uma assinatura e, então, a câmara ousa ir subindo, descobrindo-lhe as mãos, o fato branco e, só então, o rosto, captado num daqueles instantes de alheamento que constituem a chave da personagem. É, aliás, desta forma que nascem os mitos.

Outro aspecto comum às três personagens é o facto de todos eles serem homens ricos em experiência, senhores de um passado que é objecto de especulação. As coincidências são demasiado óbvias para não serem significativas.

A volta de Gatsby, alimenta-se, por exemplo, toda a casta de boatos, tanto mais que o *jet-set* conhece as humildes raízes daquele que era então um dos homens mais ricos dos Estados Unidos. Assassino? Contrabandista de álcool durante a vigência da lei seca ou espião alemão

na Primeira Guerra Mundial? Que classificação se adequaria melhor ao homem que ousara ascender da mediocridade do Middle West ao estatuto de milionário, com direito a mansão em Long Island?

Tente-se a comparação com o diálogo estabelecido entre Renault e Rick, ainda antes do casal Lazlo vir perturbar a tranquila neutralidade do dono do café. É noite e ambos estão sentados na esplanada. Renault pergunta: «Porque é que você não pode voltar à América? Roubou? Fugiu com a mulher dum senador? Gosto de imaginar que matou, é tão romântico».

Um pouco como Gatsby, Rick não se importa com os boatos: não os confirma, nem os desmente, mantém-nos no ar porque, no íntimo, se congratula com tamanha demonstração de invulgaridade. Tal como Rhett Butler, em cujo passado havia qualquer coisa relacionada com uma história interessante e escandalosa».

Se em «O Grande Gatsby» não existem vestígios particularmente fortes de uma moral pouco ortodoxa, Rick Blaine e Rhett Butler ocultam ambos uma natural generosidade sob um manto de sentimentos algo desconcertantes. Não creem em virtudes, a não ser na capacidade de muito amar e portam-se, por vezes, como o moscardo socrático no que às relações com os outros respeita. Denunciam o inconfessável, caricaturizam o burlesco. Rick declara que a única causa em que confia é a dele próprio, Rhett não sente pejo em afirmar: «Pois claro que sou um patife. Por que não havia de ser? Nascemos num país em que cada um tem a liberdade de escolher o género de vida que mais lhe agrada». E é talvez por isso mesmo, por tanto repudiarem a hipocrisia que as mulheres longamente amadas os trocam por valores mais seguros. Partem sósinhos, envolvidos em nevoeiro, naquela que é, porventura, a última e mais irresistível das manobras de sedução.

Maria João Martins



DISTRICULTURAL
A qualidade da literatura

APRESENTA AS SUAS NOVIDADES DE LIVRO DE BOLSO EM LÍNGUA FRANCESA

RUA VASCO DA GAMA, 4,4-A - APART. 164 - 2686 SACA VÉM CODEX - TELEFS.: 942 53 94 / 942 56 19



La vagabonde
- Danielle Steel
122835 1.410\$

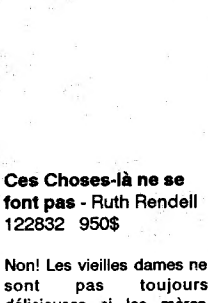
Histoires Explosives
- Alfred Hitchcock
122791 1.400\$

Grâce à un "Processus d'élimination", "Selma et moi" - "Le créateur de Spud Moran" - conclûmes qu'il y avait seulement "Une chance sur un million" - et non "Deux fois quinze!" - pour que "La fin fond de l'histoire" fût "Le rêve réalisé." "La trop pénible vérité", c'est que ce "Poker-menteur" était une "Mise à l'épreuve" où tout résidait dans "la façon de faire". Au pied de "L'arbre magique", il y aurait "des shérifs à la pelle"... Alors, faudrait-il "s'en servir ou pas"? Allez savoir, avec cette "Justice locale!"



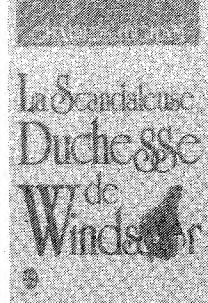
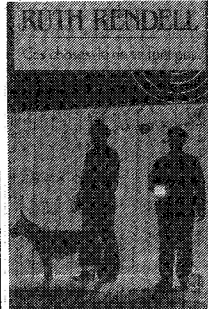
La sans pareille
- Françoise Chander-nagor
122948 2.130\$

"C'est l'historienne qui perce sous la romancière, exceptionnelle. Une historienne des mœurs, des modes, des idées, des sensibilités de la société française des années 50 à 70 et de son désarroi, qu'elle peint avec une virtuosité, une profondeur sans pareilles." (Pierre Démeron, Marie Claire) Le tout est animé par une intelligence vive et déliée. L'écrivain a de la patte. Ses portraits ont l'éclat du diamant et le mordant de l'acide. 1er volume de sa grande trilogie romanesque: "Leçons de Tenebres".



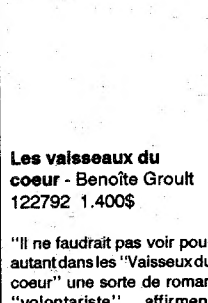
Ces Choses-là ne se font pas
- Ruth Rendell
122832 950\$

Non! Les vieilles dames ne sont pas toujours délicieuses ni les mères douces et aimantes. Pas plus que les maris trompés ne se contentent d'être ridicules ou les demoiselles de tailler leurs rosiers. Il suffit d'insister un peu et...hop! ça vient tout seul. Un coup de couteau par-ci, un cou serré par là, un robinet de gaz qu'on oublie de refermer... Personne n'est à l'abri d'un meurtre. Même si ces choses-là ne se font pas.



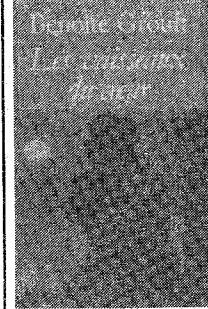
La scandaleuse Duchesse de Windsor
- Charles Higham
122836 1.660\$

D'où venait le pouvoir mystérieux de cette femme? Les recherches considérables menées par l'auteur révèlent la vérité: le secret de sa naissance qui l'a empêchée de devenir reine, son premier mariage avec un aviateur alcoolique et bisexuel, ses expériences dans les bordels et les salles de jeux d'une chine dévastée par la guerre civile durant les années 20, ses amitiés avec les plus hauts dignitaires nazis, la fin brutale de son unique grossesse, les raisons des célèbres griefs de la reine mère à son égard, etc.



Les vaisseaux du coeur
- Benoît Groult
122792 1.400\$

"Il ne faudrait pas voir pour autant dans les "Vaisseaux du coeur" une sorte de roman "volontariste", affirmant sans nuance que la liberté d'aimer "suaive" de tous les maux. Il suffit de lire les belles pages sur la vieillesse, vers la fin du livre, pour s'apercevoir que Benoît Groult n'a pas perdu, dans une prétendue "pornographie", sa lucidité" (Josyane Savigneau, Le Monde) Auteur de "La part des choses" et de "Ainsi soit-elle".



Sphère
- Michael Crichton
122831 1.490\$

Dans le sud de l'océan pacifique, à des milliers de mètres sous la mer, une étrange navette spatiale est découverte, reposant sur les fonds sablonneux... Un groupe de savants américains entre alors en scène; ils descendent dans les profondeurs de la mer pour examiner cette prodigieuse découverte. Ce qu'ils trouvent défie leur imagination et bafoue leurs tentatives d'explication. "Sphère", un extraordinaire roman d'aventure, de science aussi, où le suspense règne en maître.

LISBOA:
Liv. Apollo 70
Assisio Alvim
Liv. Barata
Liv. Bertrand Chiado
Liv. Bertrand Estefânia
Liv. Buchholz
Liv. Castil CC Alvalade
Liv. Castil CC Fonte Nova
Liv. Castil R. Castilho
Liv. Clássica Editora
Liv. Jornal Notícias
Distr. Lojas Amoreiras
International Book Center (Amor.)
Distr. Lojas Av. Roma
Distr. Lojas Marq. Tomar

PORTO:
Liv. Bertrand
Liv. Latina
COIMBRA:
Liv. Bertrand
Liv. Finisterra
Liv. Projornal

AVEIRO:
Liv. Bertrand
Liv. Martins & Ribeiro
FARO:
Liv. Bertrand
Liv. Eduardo J. Silva

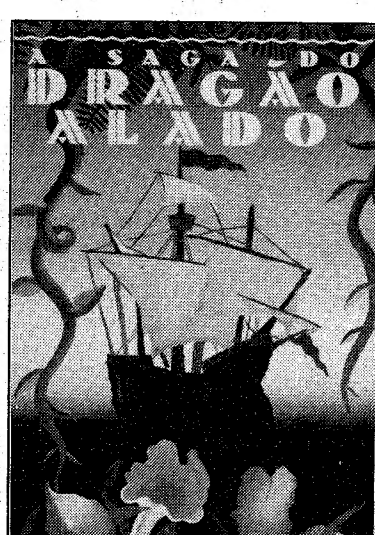
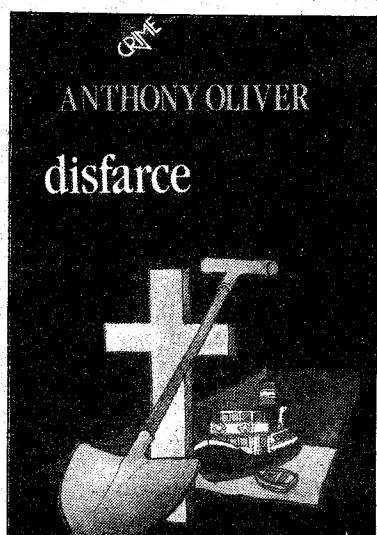
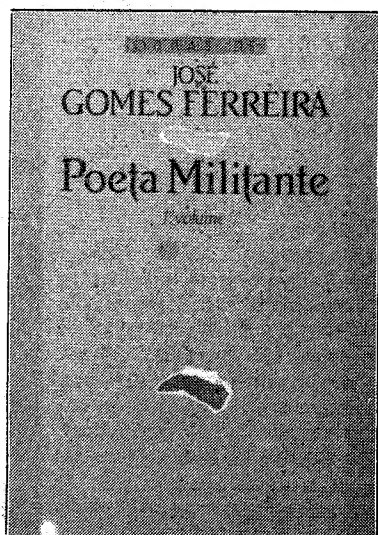
LAGOS:
Liv. José Luís Glória
descendent dans les profon-

CASCAIS:
Pub. Europa América
BRAGA:
Liv. Editora Pax
Distr. Lojas

SETÚBAL:
Liv. Culsela
OEIRAS:
Liv. Palmeiras

EVORA:
Nazareth e Filhos
ESTORIL:
Pub. Europa América

literário



ACABADOS DE CHEGAR

Poeta Militante**José Gomes Ferreira****Pub. Dom Quixote**

«A minha leitura de José Gomes Ferreira - escreve Mário Dionísio em prefácio - é pouco pura. O que fará franzir o sobrolho à crítica mais actualizada. Mas não decerto ao poeta que tantas notas põe à margem dos seus poemas (que também são texto, é evidente, mas de certo modo fora dele) e tanto as acha necessárias que agora, terminada a censura, lhes acrescentou muito mais. (...) Pois como hei-de ler esta já tão vasta obra - um poema, um só verso -, desligando-a do que sei do autor, do que viveu e vivemos em comum da sua citada proclamação "Junto a minha voz ao coro dos poetas mais novos. Recuso-me a ter mais de vinte anos" - caminhava ele para os quarenta e tinha eu precisamente vinte, como um crítico recentemente lembrou?»

Disfarce**Anthony Oliver****Ulissea**

«Ninguém gosta de encontrar uma pessoa que não conhece de lado nenhum sentada na sua casa de banho, especialmente se está morta...» - O que terá levado o antiquário Joseph Greenwood a percorrer de noite as invernosas paragens de Suffolk, em direcção à casa distante da actriz Victoria Varley? Que mistério se esconderia por detrás da sua morte repentina, seguida, aliás, de outras não menos intrigantes? Bem, é um livro policial, da Coleção Crime, da editora acima mencionada. Um título mesmo, mesmo, indicado para férias. - Tradução de Maria Lúcia Garcia e Maria Helena Garcia, sendo a capa de Luiz Duran.

O Homem Que Via Passar os Comboios**Georges Simenon****Pub. Dom Quixote**

Georges Simenon é um nome da literatura mundial. Não é um autor de meros livros policiais: é um escritor que, subtilmente, sabe autopsiar a realidade social em todos os seus campos. Quem o não conhece...? Neste seu título, um homem decide, após largos anos de uma vida irrepreensivelmente respeitável, abandonar família e emprego e assumir uma marginalidade que sempre, ao nível do imaginário, o tinha fascinado. E mais não se conta... - Tradução de Gemeniano Cascais Franco e capa com ilustração de Marc Berthier.

A Saga do Dragão Alado**A. A. Attanasio****Difusão Cultural**

Um livro também para férias. Férias que estão a terminar para a maioria das pessoas, que se recorde... Assunto: paixão de um aventureiro holandês por uma nativa, Jaki Gefjon nasce em 1609 na remota ilha de Bornéu. Muitas coisas mais, no entanto... O autor vive no Havai e estreou-se como romancista em 1981, com «Radix», obra distinguida com o Crystal Egg Award e nomeada, nos Estados Unidos, para o Prémio Nébulas de ficção científica. - Tradução de Luiz Fernando Martins Esteves e capa de Clementina Cabral.

Os Nossos Filhos Livres da Droga**William e****Nancy Perkins****Difusão Cultural**

Um guia indispensável para que todos os pais e educadores possam ter uma intervenção decisiva no combate à toxicod dependência entre os jovens. Atente-se que os autores desenvolveram ao longo dos últimos anos intensa actividade nos EUA como conselheiros sobre aquele mal, especializando-se em terapia familiar. - Tradução de Maria Carlota Pracana e capa de António Diogo.

BERNARDO SANTARENO DEZ ANOS DEPOIS

...é no Homem, nas suas ingentes e sangrentas ansiedades que está a raiz da actual criação dramática, do homem vivo, entenda-se...

Bernardo Santareno

Mais do que evocar Bernardo Santareno como dramaturgo ou como homem generoso e espiritualista, importa, sobretudo, hoje e sempre, realçar o exemplo de coerência, de firmeza, de verticalidade, de autenticidade e de justiça que nos legou.

Considerado um caso ímpar da dramaturgia portuguesa, «o mais notável dramaturgo, um dos pontos cimeiros do teatro português» (Colóquio Letras, nº. 57), «autor entre os mais ricos e problemáticos da nova geração» (Lucciana Steganno Pichio), «colocado ao lado de Gil Vicente (...) e no desejo de procurar autores representativos em posições afastadas cronologicamente, não encontramos nenhum mais credenciado que Santareno» (Cleonice Beraldinelli).

Pois apesar de todos estes pergaminhos, acaba agora de ser excluído do anteprojecto de programas de Português do ensino secundário.

«O Judeu», uma das obras estudadas no actual programa de Literatura Portuguesa do 12º. ano, desaparece - mas não só esta peça, como também o próprio autor. Grave - e grave por ser «O Judeu» uma peça culturalmente importante, «um dos mais perfeitos, eloquentes e completos exemplares deste género de literatura teatral até hoje realizado entre nós.»

Nem queremos sequer acreditar que as autoras/or do referido anteprojecto, que até preconizam o estudo da «Relíquia» de Eça de Queiroz, estejam agora imbuídos de certos preconceitos contra Santareno, porquanto ele se apresenta como um anti-racista convicto, um acérrimo defensor da tolerância, um verdadeiro paladino dos direitos do homem.

José António Fernandes Camelo